Georgina achava que o destino lhe preparara uma armadilha. Não era possível que Tallis York, homem que ela amava, a visse como uma mulher leviana.

Tallis, no entanto, sem lhe dar nenhuma chance de explicação, julgara e a condenara, nem se importando com o grande amor que ela lhe dedicava. Na visão distorcida dele, Georgina não tinha escrúpulos e não passava de uma destruidora de lares.



Sabrina Nº 715
"THE OUTHER WOMAN"
Jéssica Steele

Digitalização: Soryu
Revisão: Cris Bailey
Formatação: Allegra

CAPÍTULO I

Georgina chegou ao trabalho na segunda-feira de manhã mas não foi diretamente à sua mesa, como de costume. Parou na porta, deu uma olhada nas paredes bege, examinou tudo com atenção e tentou imaginar o que seu novo chefe, sr. Dixon, acharia daquele escritório. Por certo não era o que ele esperava. As duas salas, tanto a dela como a do chefe, eram iguais em tudo, até na pintura desbotada que Georgina, de tanto ver, mal percebera o desbotado. O que seria feito das mesas e cadeiras? Ela já havia perdido a conta das vezes que desfiara suas meias nas lascas das cadeiras e escrivaninhas das duas salas, tanto que chegara a lixar e estrategicamente colocar fita adesiva sobre todas as farpas que conseguira encontrar.

Assim que a proposta da Chesterton House começou a ser seriamente considerada pela Parton & Naylor, Georgina passou a colecionar informações que poderiam lhe ser úteis em futuro próximo. Sabia que a Chesterton ficava do outro lado da cidade, num prédio moderno com suntuosa fachada de vidro intercalado com alvenaria. A solidez era evidente e passava a impressão de que ali estava para ficar por muitos e muitos anos, ao contrário do prédio que abrigava os escritórios da Parton & Naylor, que parecia prestes a ruir. Georgina seria capaz de apostar que nem o vento conseguiria passar por baixo das portas da Chesterton House. Lá, com certeza, os

funcionários não sentiam os pés duros de frio sob suas mesas de trabalho.

Georgina finalmente entrou em sua sala. Era melhor começar a trabalhar, pois tinha muito a fazer enquanto aguardava o sr. Dixon, que, em seu primeiro dia de trabalho, deveria chegar cedo.

Enquanto guardava a bolsa, não podia deixar de pensar em como tudo acontecera rápido desde que a oferta da Chesterton tinha sido aceita. Seu ex-chefe, sr. Parton, tinha se aposentado na sexta-feira e, na segunda, três dias depois, uma nova política já havia sido implantada. De início, desconfiara que a Chesterton estava forçando o sr. Parton a deixar a companhia, mas ele mesmo dissera não ver hora de "pendurar as chuteiras" e aproveitar mais o tempo com sua mulher, que não gozava de boa saúde. Quando o assunto da aposentadoria do sr. Parton começou a circular, Georgina ficara preocupada com sua própria situação dentro da companhia. Embora os negócios não estivessem indo muito bem, a Parton & Naylor continuava a pagar melhor que as concorrentes. Seu salário dava para cobrir não só as próprias despesas, mas também as de Maggie e das crianças. Georgina não queria nem imaginar a possibilidade de perder o emprego. Estremecia só em pensar nos meses e meses que levaria para conseguir outro lugar que lhe pagasse o mesmo que ali. Afinal, o cheque para Maggie era sagrado, tinha de ser enviado mensalmente.

Georgina mal conseguia disfarçar suas preocupações e, para ela, foi um alívio quando o sr. Parton lhe comunicou:

— A Chesterton vai mandar um dos seus funcionários para ocupar o meu lugar. Conheci Vincent Dixon e estou certo que você vai gostar dele.

Preocupada, consultou o relógio. Já eram dez horas, e o sr. Dixon não havia chegado, talvez o horário de trabalho da Chesterton fosse diferente, pensou Georgina sem muita convicção, tratando de se concentrar em seus afazeres. Às dez e meia, o telefone tocou. Completamente absorvida pelo trabalho, sem tirar os olhos dos papéis espalhados a seu redor, estendeu a mão e atendeu o chamado.

— Secretária do sr. Parton — respondeu, sem se lembrar de que já não era secretária do sr. Parton.

— Srta. Underwood? — soou uma voz feminina do outro lado da linha.

— Sim — confirmou, sem reconhecer a voz.

— Bom dia. Aqui é da Chesterton.

Em silêncio, a fisionomia tensa, Georgina aguardou. Da matriz, só poderia ser o sr. Dixon para lhe dizer que estava atrasado. "Quanta consideração!", pensou, enquanto esperava que a ligação fosse transferida, mas o silêncio foi quebrado quando a pessoa continuou:

— A srta. poderia estar aqui às doze e trinta?

— A senhora quer que eu vá até aí? — surpreendeu-se Georgina.

— Às doze e trinta, se lhe for possível.

— Bem... sim — confirmou Georgina, pensando no que aconteceria se ela respondesse que não era possível. — O que... —

tentou ainda perguntar por que motivo deveria ir à Chesterton, mas foi interrompida.

— Procure pela sra. Fry — foi a instrução que recebeu de forma lacônica. — Até logo, srta. Underwood.

Olhando sem ver, Georgina colocou o fone no gancho. Seus pensamentos estavam longe, muito longe da rotina do seu dia-a-dia. Por que razão deveria cruzar a cidade e se apresentar na Chesterton? Quem seria a sra. Fry? Onde estaria o sr. Dixon?

De repente, todo o medo que havia sido represado quando sr. Parton lhe dissera que ia se aposentar explodiu novamente em seu peito. Por que o sr. Dixon não viera tomar posse de seu cargo? Será que, mesmo depois de ter sido tão amplamente divulgado que a mudança do controle acionário da companhia não afetaria os funcionários, pretendiam fazer demissões? Sr. Parton afirmara que não haveria cortes. Georgina tentou em vão se tranqüilizar, relembrando as promessas feitas. Sr. Parton não teria nada mais a ver com a companhia àquela altura. Se a Chesterton voltasse atrás, sr. Parton não poderia ser responsabilizado.

Georgina procurou se concentrar em seu trabalho até a hora de sair para o encontro das doze e trinta, mas foi inútil. Tentando manter a calma e se convencer de que era tolice imaginar o pior, dirigira-se ao arquivo onde estavam guardadas as pastas da Chesterton. Em busca do nome da sra. Fry, revirara toda a correspondência. Nada encontrou, nem mesmo no cabeçalho dos impressos. O nome da sra. Fry não figurava nem entre os diretores nem entre os gerentes. No fundo, já esperava por isso, porque ninguém do alto escalão iria perder tempo com um subalterno como

uma secretária da Parton & Naylor. Secretária sênior, lembrou-se a tempo, tentando se escudar em informações que pudessem lhe valer em futuro próximo, já que aumentava sua suspeita de que a sra. Fry era a gerente pessoal da Chesterton e que às doze e trinta ela poderia ouvir o que menos queria naquele momento difícil de sua vida.

Mais uma vez, consultou o relógio. Pegou a bolsa e foi ao vestiário. Lavou as mãos e passou um pente nos cabelos louro-dourados que emolduravam seu rosto. Em seguida, afastou-se o suficiente para ver sua imagem de corpo inteiro refletida no espelho. Examinou o conjunto cinza sobre a blusa rosa e olhou com atenção seus lábios bem delineados que, mesmo sem sorrir, eram lindos. Ninguém na Chesterton haveria de perceber sua apreensão.

Em poucos dias faria vinte e seis anos. Vivia em Londres há mais de seis e jamais deixara transparecer sua natureza amorosa a pessoa alguma além de sua família, e talvez dos srs. Parton e Desmond. A imagem fria e sofisticada que tentava projetar era real a ponto de arrefecer o ardor de muitos de seus admiradores. Não estava interessada em romances. Muitos anos passariam antes que Georgina começasse a pensar em casamento.

Quando deixou o vestiário, seu rosto mostrava determinação. Se fosse despedida, a sra. Fry iria ouvir o que ela pensava dos métodos da Chesterton, enganando o sr. Parton com toda aquela conversa enganadora sobre a vinda do sr. Dixon para substituí-lo.

Georgina saiu do prédio. Deveria ter avisado que ia à Chesterton, mas quem estava lá para ouvi-la? O sr. Naylor deveria estar despachando com a secretária, e mesmo que lhe falasse de suas suspeitas sobre essa entrevista, ele não poderia ajudá-la. De

qualquer forma, estava acostumada a enfrentar seus próprios problemas, embora sentisse que, desta vez, a responsabilidade era bem maior, já que não afetava apenas a ela. Se tivesse de aceitar um emprego com salário inferior ao que recebia, os resultados atingiriam pesadamente Maggie, Josh e Nicola.

Apenas uma pessoa extremamente observadora seria capaz de olhar no fundo dos olhos azuis daquela jovem de aparência sofisticada que saíra dos escritórios da Parton & Naylor e perceber que ela não estava tão confiante quanto fazia crer.

Uma vez em Chesterton House, Georgina dirigiu-se imediatamente ao balcão da recepção. Seu porte altivo chamava a atenção pela elegância de sua postura.

— Sou Georgina Underwood — anunciou-se à jovem recepcionista. — Tenho hora marcada com a sra. Fry,

— Às doze e trinta? — a moça quis saber. — A srta. está um pouco adiantada, mas, se quiser, pode subir. O elevador a levará à cobertura. O escritório da sra. Fry fica na terceira porta, à esquerda.

Georgina agradeceu e atravessou o hall de entrada em direção aos elevadores. Quando chegou à cobertura, teve a nítida impressão de que seu estômago havia encolhido, tanta era a dor que sentia. E a culpa não era do elevador que subira sem fazer barulho, como se estivesse estático. Os corredores estavam vazios. Georgina respirou fundo e se encaminhou para o escritório da sra. Fry. Bateu firme na porta, e a resposta não se fez esperar.

— Entre.

Georgina entrou e pôde notar um amplo sorriso no rosto da mulher que a olhava por sobre a máquina de escrever. O simples fato de estar ali, em frente da sra. Fry, tirava-lhe o fôlego.

— Srta. Underwood? Ótimo. Ele não vai demorar. Quer se sentar? — sugeriu.

Georgina percebeu, então, que a sra. Fry não era a pessoa com quem ela deveria se encontrar e que seu sorriso era franco e sincero. Fosse quem fosse, era ele quem queria vê-la.

Sentou-se, aceitando a sugestão da sra. Fry. Com certeza, era a secretária dele. "Será que ele é gerente de pessoal?", pensou Georgina.

— Você se incomoda que eu continue datilografando? Hoje não estou nos meus melhores dias.

Georgina olhou para a mulher e calculou que, apesar da aparência abatida, deveria ter pouco mais de trinta anos. Talvez a sra. Fry estivesse com um princípio de resfriado, pensou.

— Não, claro que não me incomodo — respondeu.

Em comparação com seu escritório na Parton & Naylor, a sala da sra. Fry era suntuosa. As paredes verdes de tom delicado contrastavam com o verde mais escuro do carpete. Podia apostar que a sra. Fry jamais tivera um único par de meia desfiado nas farpas dos seus móveis. A máquina elétrica era do último tipo. Georgina notou que havia, também, um ditafone supermoderno ali à disposição, embora a sra. Fry estivesse transcrevendo da taquigrafia.

Todo o interesse de Georgina pelo escritório e equipamentos sumiu, como que por encanto assim que o interfone sinalizou, e ela percebeu que estava para ser introduzida na sala contigua à da sra.

Fry. Novamente sentiu o estômago começar a se contrair. A voz que vinha do interfone, resoluta e segura, ordenou:

— Faça entrar a srta. Underwood, por favor, sra. Fry.

Aquela ordem, transmitida com tanta segurança, aborreceu Georgina. Ele tinha a certeza de que a secretariazinha da Parton & Naylor estaria ali esperando.

— Sr. York vai recebê-la agora — informou a sra. Fry.

— Sr. York? — admirou-se Georgina, às vias de perder o controle, mas lutando para esconder sua perplexidade. — O sr. Tallis York? — repetiu.

— Exatamente — confirmou a sra. Fry, com um sorriso animador. — É melhor não deixá-lo esperar.

Georgina tentou dissimular o olhar para esconder os pensamentos caóticos que povoavam sua mente. Tallis York queria falar com ela! Mesmo antes de pesquisar os papéis da Chesterton naquela manhã, Georgina já sabia que Tallis York era o presidente de todo o grupo. Lembrou-se perfeitamente de sua assinatura, da letra arrojada e do estilo conciso e incisivo de suas cartas. E queria falar com ela!

Georgina hesitou, com a mão na maçaneta. Em poucos segundos estaria enfrentando o presidente da Chesterton do Reino Unido, da Chesterton Internacional, e Deus sabe quantas outras subsidiárias. Levantou a cabeça, girou a maçaneta e entrou.

Imediatamente, Georgina percebeu que aquele homem não era do tipo de desperdiçar um segundo sequer. Entre ordenar e aguardar o cumprimento do seu "faça entrar a srta. Underwood", o sr. Tallis York encontrara tempo para iniciar uma conversa telefônica. Georgina

fechou a porta e, ao se virar, viu que o sr. York olhava para ela. Sentiu, mais do que viu, aquele olhar inquieto percorrer-lhe todo o corpo e se fixar em seu rosto. Simultaneamente, com voz autoritária, ele dava ordens ao telefone.

Altiva, Georgina devolveu-lhe o olhar. Sr. York parecia ser um homem alto, de porte atlético. Os cabelos e olhos eram negros, e a boca, de traços firmes, dava à primeira vista um ar de crueldade.

Sem nenhuma razão aparente, a palavra "amante" insinuou-se em sua mente e, pela primeira vez, Georgina evitou o olhar do sr. York. O toque de sensualidade daquela boca dera-lhe a certeza de que o sr. York não chegara àquela idade, trinta e sete, talvez trinta e oito anos, sem ter tido sua quota de amores. Rapidamente, afastou tais pensamentos, mesmo porque não estava interessada na vida amorosa do sr. York. O fato é que a simples presença daquele homem fora suficiente para colocar Georgina em estado de alerta, coisa que jamais sentira com tanta intensidade.

Aos poucos, foi voltando à realidade dos fatos. Por que afinal fora chamada? Com certeza, não seria o poderoso presidente da Chesterton a pessoa indicada para dispensá-la do serviço. Talvez ele quisesse saber de algo que se esquecera de perguntar ao sr. Parton. Afinal, ela estava a par de muito assuntos confidenciais da companhia. Mas, pensando melhor, por que chamá-la se poderia ter usado o telefone? Não era o que estivera fazendo desde que ela entrara naquele escritório? Seus pensamentos foram abruptamente interrompidos; a conversa do sr. York chegara ao fim.

Reclinado em sua poltrona, sr. York escondia uma certa astúcia por trás do olhar, aparentemente tranqüilo e distante. Com um gesto, indicou a cadeira em frente à sua mesa e disse:

— Sente-se, srta. Underwood.

Georgina, consciente do olhar que acompanhava cada um de seus movimentos, atravessou a sala e sentou-se no lugar indicado, cumprimentando sr. York com um formal "boa tarde".

— O senhor mandou me chamar? — indagou, sentindo um certo desconforto por não ter merecido uma palavra mais gentil além do convite para se sentar.

— Então é você a famosa Georgina Underwood — e acrescentou, em resposta à sua pergunta: — Sim, srta. Underwood, mandei chamá-la.

Embora falasse tranqüilamente, Georgina pressentia uma emboscada em suas palavras. Tentou se lembrar de algo errado que pudesse ter feito no tempo do sr. Parton e que, agora, estivesse afetando os novos donos da firma, mas nada descobriu, mesmo porque, de um modo geral, na Parton & Naylor tudo andava bem, como sempre.

— O senhor falou como se eu tivesse feito algo de errado — desabafou Georgina, tomando a dianteira naquela batalha, já que o sr. York parecia não ter pressa em lhe explicar por que a chamara.

— Longe de mim julgar seus erros de conduta — respondeu, deixando claro que não gostara de sua investida. Em seguida, tranqüilamente, continuou: — Mas quando seu nome é constantemente mencionado como vem acontecendo nessas últimas semanas, e quando, ainda nesta manhã, o problema Georgina

Underwood foi colocado novamente à minha frente, achei que havia chegado a hora de conhecê-la.

Essa revelação deixou-a tão surpresa quanto chocada. Mais por saber que o presidente da Chesterton sabia de sua existência do que pelo fato de considerá-la um problema. Mas o que, exatamente, sr. York queria dizer com "seus erros de conduta"? Inconscientemente, Georgina se endireitou na cadeira, colocando-se em posição de defesa.

— Não posso entender como pude ficar tão em evidência, sr. York — disse Georgina, mantendo sua postura.

Tallis York apenas ignorou-lhe os comentários. Seus olhos percorreram-na de alto a baixo, embora ela tivesse a certeza de que nada havia sido omitido na primeira inspeção.

— Não posso culpar Warner pelo seu bom gosto — desafiou Tallis, mordaz.

— Warner? — indagou Georgina, surpresa.

A avaliação que Tallis fazia dela era insolente. Fora chamada como uma profissional, a trabalho, mas a conversa estava sendo encaminhada para o campo pessoal. Com certeza, sr. York não fizera um elogio ao dizer que "não podia culpar Warner por seu bom gosto". Quem, afinal, era Warner? O único Warner que conhecia era Desmond, mas com certeza...

— Desmond... — pronunciou, hesitante.

— Desmond Warner — completou Tallis, voltando ao assunto. — Desde que a transferência do controle acionário da Parton & Naylor começou a ser analisada, as reuniões foram tumultuadas pelas discussões paralelas sobre Georgina Underwood.

— Tumultuadas... — murmurou Georgina, completamente confusa, sem compreender de que forma ela, uma simples secretária que nunca ouvira falar da cúpula da Chesterton, poderia tumultuar as reuniões ou o que quer que fosse das negociações.

Sem dar tempo para Georgina completar seu pensamento, Tallis York continuou:

— Para que as negociações chegassem a um bom termo, era importante que, sem perda de tempo, fizéssemos um acordo com referência à manutenção dos funcionários. Tanto o sr. Parton como o sr. Naylor estavam irredutíveis sobre esse ponto. Da minha parte, nada contra; pela minha estimativa, teríamos de fazer novas contratações e não dispensar pessoal.

Georgina ouvia tudo com atenção. Mesmo sendo tão perspicaz, não conseguia se situar naquele contexto.

— Mas o que tudo isso tem a ver comigo? — perguntou, curiosa.

Tallis York olhou para Georgina com ar de censura e reprovação, como se ela soubesse do que se tratava.

— Eu lhe digo o que tudo isso tem a ver com você. Graças à sua amizade com Warner, a negociação toda quase fracassou.

— Minha amizade com Desmond? — indagou Georgina, ofegante, percebendo que, afinal, o nome de Desmond não havia sido mencionado por acaso. E como sua amizade com Desmond poderia prejudicar as negociações da companhia? Era tão ridículo que tinha vontade de rir.

Mas, assim que olhou para Tallis York, Georgina percebeu que em seus olhos escuros não havia uma centelha de humor, quando disse:

— Edgar Rankin foi firme quando insistiu que deveria haver, pelo menos, uma indenização — garantiu Tallis York, fazendo uma pausa para que o nome de Rankin pudesse ser absorvido.

Georgina esforçava-se para saber de quem era aquele nome, quando visualizou o cabeçalho dos papéis da Chesterton que, naquela manhã, estivera lendo com especial atenção. Edgar Rankin era diretor da companhia. Ela nunca o vira e tinha certeza de que Desmond também não o conhecia; pelo menos, nunca o havia mencionado. Então, para dar seu voto para concretizar as negociações, Edgar Rankin queria que uma única pessoa fosse despedida? Seria ela, por acaso? Devia ser. Impossível imaginar uma discussão a nível de diretoria por sua causa. Mais difícil ainda era entender o que esse Edgar Rankin tinha contra ela.

Uma ansiedade terrível começou a tomar conta de Georgina. Crescia sua convicção de que era ela quem Edgar Rankin queria despedir. Sua segurança estava ameaçada. O que seria de Maggie e das crianças se ela perdesse o emprego? Naquele momento, sentia-se muito frágil para se preocupar com Edgar Rankin e com a ligação que Desmond podia ter com o caso. Tudo o que queria era ter uma resposta para a única pergunta que a interessava no momento.

— O senhor está querendo me dizer que vou ser despedida? — indagou Georgina com olhar perdido, mal articulando as palavras.

— Parece-me óbvio que este emprego significa muito para você — observou Tallis para, em seguida, informá-la de que uma companhia do porte da Chesterton tinha pessoal especializado para tratar das demissões por ele.

— Há muito anos que não demito um funcionário, pessoalmente.

A maneira como tudo isso foi dito dera a Georgina a certeza de que, se fosse necessário, Tallis York ainda agora faria esse tipo de serviço de muito bom grado.

— Há mais uma coisa para lhe dizer — continuou Tallis.

Georgina ficou alerta. Estava começando a se sentir um pouco mais calma, porém não tão segura quanto gostaria de estar. Controlando a voz para disfarçar sua angústia, perguntou:

— Sobre o sr. Dixon?

Em boa hora conteve-se para não dizer o que pensava de uma companhia que forçava a aposentadoria de um executivo de outra firma, fazendo-o crer que seria logo substituído.

— Sim, Vincent Dixon — confirmou e continuou: — Infelizmente, ele sofreu um acidente no fim de semana. Pelo que os médicos me disseram, só daqui a três meses, no mínimo, o sr. Dixon estará em condições de começar a lhe fazer ditados.

No labirinto de seus pensamentos, Georgina, rapidamente, destacou vários pontos esclarecedores daquele comunicado. Um deles era que Vincent Dixon ia, realmente, substituir o sr. Parton. Outra coisa que lhe chamou a atenção foi o fato de que Tallis York, ao contrário do que Georgina podia supor, encontrara tempo para conversar com os médicos do sr. Dixon. Mas o ponto principal e mais importante de todos era que, apesar da oposição de Edgar Rankin, parecia que Tallis York tinha realmente a intenção de manter a palavra empenhada ao sr. Parton, no sentido de não fazer demissões, já que ele havia mencionado os ditados que o sr. Dixon, com certeza, lhe faria.

— O senhor está dizendo... — começou, mas sua voz soou tão rouca que não conseguiu continuar. Discretamente, limpou a garganta e tentou outra vez: — O senhor está dizendo que eu vou ser a secretária do sr. Dixon quando ele assumir seu cargo na Parton & Naylor?

— Se é isso que você quer — comentou Tallis, encarando-a com firmeza. — O sr. Parton me disse que você foi a secretária mais eficiente que ele já teve; e eu não tenho razões para duvidar dessas afirmações. Estou certo de que você e o sr. Vincent Dixon vão se dar muito bem.

— Mas — insistiu Georgina levada pelo entusiasmo — esse sr. Rankin ainda vai querer me demitir?

Georgina notou que a sobrancelha esquerda de Tallis York se elevara em arco quando ela disse "esse sr. Rankin". Por sua vez, Tallis não podia acreditar que Georgina Underwood não soubesse do que estava acontecendo.

— Esta decisão — explicou Tallis — vai além do querer ou não querer. Não gostaríamos que os funcionários da Parton & Naylor, já preocupados com seus próprios empregos, se sentissem ainda mais ameaçados diante da demissão de uma secretária, cuja eficiência profissional jamais fora posta em dúvida.

Pelo que Georgina pôde deduzir, Tallis York havia resistido à insistência de Edgar Rankin, mas ainda havia pressão para demiti-la, o que a deixava vulnerável. Para estar preparada, pronta para se defender em qualquer eventualidade, Georgina precisava saber exatamente o que Edgar Rankin tinha contra ela.

— Por que Edgar Rankin quer me demitir? — quis saber.

Tallis York olhou-a demoradamente, antes de responder:

— Porque acontece que ele é um pai extremamente amoroso.

Essa informação não ajudava Georgina a resolver seu problema. Muitos pais amavam extremamente seus filhos. Não havia lógica para que esse pai em particular, e justamente por ser extremoso, quisesse vê-la fora da organização.

— Acontece que Edgar Rankin venera o chão que sua filha pisa — acrescentou Tallis York, enquanto Georgina continuava ali sentada, sem entender coisa alguma e com ar de quem estava sendo enganada.

Por outro lado, Tallis York achava que tinha ido além do que pretendia no jogo que Georgina Underwood insistia em representar.

— Naturalmente, você sabe que Warner Desmond é um homem casado — disse Tallis de súbito, sem pestanejar.

A mudança repentina do rumo da conversa fez crescer a confusão de Georgina. Pensou que, talvez, Tallis York tivesse, deliberadamente, lançado o nome de Desmond para forçá-la a fazer confidencias.

— Lara, a esposa de Desmond, deixou-o há um ano — disse Georgina em poucas palavras, que mais pareciam uma justificativa para sua amizade com Desmond.

— Você conhece Lara? — perguntou Tallis, rispidamente.

— Nós já nos encontramos — confessou Georgina, aborrecida com o tom agressivo de Tallis.

Ela não estava gostando do rumo que a conversa tomava. Melhor seria desistir de saber por que Edgar Rankin opunha-se com tanto empenho à sua presença na Chesterton. Tallis York lhe havia dito que seu lugar estava assegurado. Em contrapartida, ela tentaria

compreender que sua permanência na companhia tinha a finalidade de evitar que os funcionários se sentissem ameaçados pela dispensa. Afinal, no momento em que era tão difícil encontrar funcionários especializados e treinados, Tallis York não iria se arriscar a perder o pessoal da Parton & Naylor.

— Se não fizer diferença, sr. York — disse Georgina, tentando disfarçar a indignação — , eu gostaria que minha vida particular fosse considerada como assunto pessoal. De forma alguma minha vida privada interferirá em meus compromissos profissionais. De mais a mais, sr. York, por mais que eu pense, não consigo encontrar uma única razão para que minha amizade com Desmond seja discutida em uma reunião de trabalho.

Por um tempo que pareceu longo demais, o silêncio tomou conta da sala. Georgina percebeu que Tallis York apertara as pálpebras enquanto ela fazia seu pequeno discurso. Parecia implacável. Com certeza, nenhum de seus funcionários jamais se atrevera a lhe dirigir a palavra da forma como ela o fizera.

O olhar profundo de Tallis York esquadrinhava o rosto de Georgina, procurando descobrir em sua mente o que suas palavras escondiam. Após uma penosa pausa, sua voz soou tranqüila:

— Você está desesperada para manter seu emprego, não está? — observou friamente, deixando no ar a certeza de que não lhe passara despercebido que ela descera de seu pedestal de sofisticação quando pensou que estava prestes a ser demitida.

A maneira como fora feita a pergunta e o suspense do que ficara por dizer deram a Georgina a exata dimensão da inflexibilidade do sr. Tallis York.

— Srta. Underwood — prosseguiu Tallis —, acho que será melhor deixarmos uma coisa bem clara, imediatamente — impôs, sem tentar amenizar suas palavras. — Enquanto eu pagar seu salário, iremos discutir todo e qualquer assunto que eu julgar necessário.

Jamais alguém havia falado com Georgina daquela maneira. Não conseguia articular uma só palavra e, se conseguisse, não saberia o que dizer. Tallis York não tinha levantado a voz, mas deixara evidente sua firmeza irredutível.

— Se, no interesse desta companhia, eu achar que certos assuntos de sua vida privada precisam ser discutidos, independente de seus escrúpulos e sentimentos, não tenha dúvida, vou discuti-los.

Nenhum argumento, por mais forte que fosse, poderia suplantar o tom em que aquelas palavras foram pronunciadas. Georgina Underwood sentia-se arrasada, humilhada, agredida, mas, naquele momento, tinha uma certeza: o lugar de secretária do sr. Vincent Dixon seria dela se o sr. Tallis York assim o desejasse.

Com raiva de si mesma por não estar em posição de dizer ao sr. York o que, exatamente, ele poderia fazer com seu próprio emprego e com tudo o mais de ordem pessoal que tinha para discutir com ela, Georgina achou prudente se calar e tratar de engolir a ira.

— Muito bem, sr. York — disse ela, contendo-se para não falar o que pensava. — O senhor deixou claro que não tenho outra alternativa senão permanecer sentada e ouvir o que o senhor tem a me dizer.

Se havia pensado que poderia sair vitoriosa nessa troca de palavras com Tallis York, logo viu que se enganara.

Passando a mão no queixo, comodamente instalado em sua poltrona, com voz que parecia de seda, Tallis preparou o golpe de misericórdia.

— Caso você não saiba, o sr. Edgar Rankin é o pai de Lara Warner.

— Pai de Lara! — exclamou Georgina, sentindo-se sem forças diante de tão alarmante novidade.

Nas raras ocasiões em que Desmond mencionara seu sogro, sempre foi como "pai de Lara", nunca ele havia se referido ao sogro como sr. Rankin.

Antes que Georgina pudesse digerir essa novidade inconcebível, antes que pudesse associar o novo fato ao desejo de Edgar Rankin de demiti-la, lá estava Tallis York à sua frente para lhe dar a certeza, sem margem de erros, de que sua vinda à matriz tinha tudo a ver com esta última notícia.

— Como já lhe disse, Edgar Rankin é louco pela filha — lembrou-lhe Tallis. — Exatamente pela devoção que ele lhe dedica, seu desejo é que Lara não passe por momentos de angústia, não sofra. Mas Rankin acredita que, por intermédio de Warner, você seja um tormento para Lara. Daí todo seu empenho para eliminá-la da folha de pagamento.

— Mas... — Georgina tentou interromper.

Foi inútil, Tallis York estava disposto a esgotar o assunto.

Se ele tivesse sido mais compreensivo, a conversa já teria terminado há cinco minutos, quando ela o enfrentara dizendo que não queria discutir sua vida privada.

— Para ser franco, aborrece-me que fiquem constantemente me pedindo para nos livrar de você. Mas, na minha posição, não tenho escolha — concluiu, sem demonstrar a mais ligeira emoção.

Georgina mal podia acreditar no que ouvira. Nunca poderia imaginar que um homem na posição do sr. Tallis York tivesse de agüentar qualquer coisa que não estivesse de acordo com seus princípios, ainda que fosse com a finalidade de manter a harmonia entre os participantes do Conselho. Sem dúvida, sempre haveria diferenças de opinião a nível de diretoria, e uma das tarefas do presidente era facilitar, tanto quanto possível, a convivência pacífica entre seus subalternos.

Mas do que o sr. Tallis York estava falando?

— Como já mencionei — a voz de Tallis York cortou os pensamentos de Georgina —, seu nome surgiu outra vez esta manhã. Foi em relação ao acidente de Vincent Dixon, o que a deixa sem um chefe direto. Pensei, então, que chegara a hora de conhecer a mulher que estava começando a me irritar tanto quanto irritava Edgar Rankin.

Tallis York fez uma pausa, inclinou-se para a frente e, lentamente, escolhendo as palavras, propôs com voz firme:

— Acho, srta. Underwood, que temos de fazer concessões se quisermos conseguir o que ambos desejamos. Você, conservar o emprego que tanto preza, e eu, viver em paz com Edgar Rankin. Para tanto, você tem de fazer alguma coisa sobre Desmond Warner.

— Desmond Warner? — repetiu Georgina, ofegante.

— Srta. Underwood, acho que você deveria pensar seriamente em desistir de Warner.

Enquanto Georgina se esforçava para entender o que estava ouvindo, Tallis continuou, dando a dimensão exata de suas palavras:

— Estou certo — prosseguiu devagar — de que Edgar Rankin poderá até ver com bons olhos a sua permanência conosco, se você deixar de ser a amante de Desmond Warner.

CAPÍTULO II

"AMANTE!" Tão grande foi o choque, que Georgina, sem refletir, se pôs de pé.

— Como se atreve? — explodiu, furiosa.

— Por que tenta negar? — Sem se incomodar que ela estivesse à beira de um colapso nervoso, Tallis afastou a poltrona e, sem pressa, aproximou-se de Georgina. — Você e Warner são vistos sempre juntos por toda a parte.

— Ser vista com Desmond não me faz sua amante — protestou Georgina com hostilidade.

— Você mesma disse que Lara abandonou Warner um ano atrás — relembrou-lhe Tallis, cruzando os braços e apoiando-se à beira da mesa. Sua calma não fora afetada pela veemência de Georgina. — Sabemos que Warner não é tímido com as mulheres. Como foi casado por quase um ano, é certo que se acostumou à presença de uma mulher em sua casa e, como apenas o seu nome anda ligado sempre

ao de Warner, devo concluir que o relacionamento de vocês não é, por certo, o de "bons amigos".

Georgina ficou estupefata diante de tamanho ultraje.

— Espero que acredite que sim — afirmou categórica. — Desmond e eu somos amigos, e nada mais que isso.

O sorriso zombeteiro de Tallis demonstrava que ele não esperava outra coisa de quem se escondia por trás do que lhe parecia ser uma mentira.

— Você acredita mesmo que Warner passou esses últimos doze meses em completo celibato? Pare com isso, srta. Underwood. Sei que você tem quase vinte e seis anos, portanto, há bom tempo pertence ao mundo dos adultos. Não há quem acredite que, saindo juntos durante um ano, vocês continuem ainda no estágio das "mãos dadas".

Antes que Georgina pudesse esclarecer que saía com Desmond há nove meses e não há um ano, Tallis York tomou a dianteira para acrescentar com ironia:

— Quer me fazer crer que Warner nunca tentou beijar esses seus lábios tentadores?

— Sim, não, eu... — Desmond a beijara na ceia do último Ano-Novo; beijo puro, sem malícia. — Não é o que o senhor pensa — tentou explicar, mesmo sabendo que era perda de tempo.

— Não mesmo?

Georgina ficou ainda mais furiosa do que já estava. Tallis York falava como se ela fosse a mais insignificante de todas as secretárias da face da terra.

— Não julgue Desmond pelos seus próprios padrões! — explodiu, perdendo o controle.

Um silêncio pesado tomou conta da sala. O ar de galhofa desaparecera do rosto do presidente da Chesterton. Georgina percebeu que havia ultrapassado o limite.

— Queira se explicar, srta. Underwpod. — Sua tranqüilidade era ameaçadora.

Ela sentiu medo. Tallis York olhava-a como se estivesse pronto para jogá-la fora da sala pela sua insolência! Porém, uma providencial onda de raiva veio em auxílio de Georgina: "Quem ele pensa que é? Acha que pode insultar sem ser insultado?"

— Eu quis dizer, sr. York, que na sua vida é pouco provável que tenha havido um período de doze meses de celibato desde que o senhor entrou no "mundo dos adultos" — Georgina respondeu, sem se retratar. A virilidade do sr. York era evidente, seu argumento tinha fundamento.

Era inacreditável, ele se divertia com seu ataque; o olhar duro de poucos instantes atrás desaparecera.

Tallis York deu uma olhada no relógio. Concedera a Georgina muito mais tempo do que costumava fazer com os próprios funcionários.

— Sua opinião sobre o meu celibato parece muito interessante, srta. Underwood. Infelizmente, não tenho mais tempo para deixá-la prosseguir com sua dissertação sobre o tema. Agora, volte para seu escritório; entrarei em contato com você novamente.

Por que o sr. York haveria de entrar em contato com ela novamente? Já não tinha encerrado o assunto sobre seu

relacionamento com Desmond? Não foi em nome da paz e tranqüilidade que o sr. York tentara fazer com que ela desistisse de Desmond?

— Não vou parar de ver Desmond — provocou Georgina.

— Não esperava que fosse, mas vejo agora que parti da premissa certa. As coisas foram muito longe entre vocês.

Georgina poderia ter rebatido a afirmação do sr. York, mas precisaria de muito tempo para vencer tanta obstinação.

Tallis York, descontraído e sem formalidades, acompanhou-a até a porta, onde se despediram.

Georgina notou que a sra. Fry não estava na sala, mas não foi preciso nem olhar para o relógio para saber que sua entrevista com o sr. York consumira parte da hora do almoço.

No caminho de volta para a Parton & Naylor, Georgina foi rememorando parte por parte toda a conversa que tivera com Tallis York. Chegou logo à conclusão de que o assunto principal, o primeiro a ser analisado, seria o que dizia respeito a Edgar Rankin e suas investidas contra ela. Era óbvio que Lara havia exagerado sobre sua amizade com Desmond. Mas com que intuito? Ela é que tinha abandonado Desmond e devia saber que, mesmo assim, ele a queria de volta. Georgina pensou no que Desmond havia lhe dito por ocasião da ruptura de seu casamento. O começo de sua vida de casado fora tempestuoso. Lembrava-se muito bem de suas palavras: "Não me preocupava com nossas brigas. Cada um de nós vivia a seu modo, mas achei que o amor que sentíamos um pelo outro fosse suficiente para nos fazer vencer as atribulações daquele primeiro ano. Todos

sabem que, no início de um relacionamento, algumas arestas têm de ser aparadas".

O tempo passou, as divergências continuaram, até que um dia, quase um ano depois, o sogro de Desmond resolveu intervir e, para realizar o grande sonho da filha, convidara o genro para trabalhar na mesma firma que, agora, Georgina sabia se tratar da Chesterton. Lara soube pelo pai que o lugar na diretoria estava prestes a sair! Porém, consultado, Desmond se recusara a aceitar o emprego que Edgar Rankin lhe oferecera, preferindo continuar com sua pequena fábrica de material de construção, trabalho que gostava de fazer.

Naquela noite, após acalorada discussão, Lara decidira arrumar as malas e voltar para a casa do pai. Desmond não fez segredo da tristeza que sentira quando Lara o deixou.

Tempos depois, na noite em que fora com Desmond ao teatro, Georgina conheceu Lara e seu companheiro em um dos intervalos.

Georgina deixou para pensar em Tallis York mais tarde e esperava que ao se recordar de tudo o que ouvira conseguisse se manter calma. Só em pensar naqueles olhos negros de brilho maldoso, só de lembrar na relutância do sr. York em acreditar que ela e Desmond não eram amantes, Georgina ficou certa de que, por mais que vivesse, jamais esqueceria a vil acusação de que fora vítima.

Naquela noite, ao voltar para casa após um dia de muito trabalho e grandes emoções, Georgina sentia-se exausta, mal conseguindo coordenar os pensamentos. Ainda assim, tentou imaginar como deveria agir sem a presença de Vincent Dixon na cadeira vazia do sr. Parton. Pensando bem, graças ao hábito do sr. Parton de passar a maior parte do tempo na fábrica, mais interessado nas máquinas e

nos operários do que na rotina do escritório, Georgina sempre fora obrigada, tanto quanto possível, a assumir o serviço burocrático, resolver problemas e dar andamento ao expediente. Estava apta, portanto, a cobrir a ausência do sr. Dixon, até seu retorno.

Georgina culpou Tallis York por todas suas preocupações e, também, por sua falta de apetite. Resolveu que seria melhor pôr, primeiro, a casa em ordem para depois jantar.

Enquanto trabalhava, Georgina começou a remoer seus pensamentos sobre Desmond. Devia ou não colocá-lo a par do que havia sucedido naquele dia? Não, não devia. Há seis semanas que Desmond andava indo e vindo da Bélgica, e ela não o via há, pelo menos, vinte dias. Sua volta estava marcada para aquele dia, e ela esperava que suas viagens tivessem lhe rendido um talão de pedidos cheio de encomendas. Ah, como desejava que ele tivesse alcançado êxito em sua empreitada! Desmond andava meio deprimido ultimamente e, se não tivesse sido bem-sucedido na Bélgica, seria melhor não aborrecê-lo ainda mais contando-lhe que Edgar Rankin estava tentando tirá-la do emprego e que Tallis York dera uma interpretação infame à, amizade entre eles dois.

De repente, lembrou-se de que Desmond ainda não devia estar sabendo da transferência do controle da companhia. Até a última vez que o vira, o assunto estava sendo mantido em sigilo e, se ele soubesse de algo através de outras fontes, com certeza teria feito algum comentário sobre a ligação de seu sogro com a Chesterton.

Desmond também não devia ter visto Lara nesses últimos dias, concluiu Georgina, caso contrário saberia que a Chesterton tinha entrado na concorrência para a aquisição da Parton & Naylor.

Sempre soubera que, de vez em quando, Lara costumava sair com Desmond, mas esses encontros jamais acabavam bem. Sua intuição lhe dizia que, se Desmond tivesse realizado bons negócios no exterior, ligaria para Lara assim que voltasse. Deveria estar ansioso para comentar seu sucesso com alguém; e quem melhor do que a mulher amada?

Eram quase oito horas quando o telefone tocou.

— Desmond! — exclamou Georgina. — Não esperava ouvi-lo esta noite.

— Cheguei hoje — disse, achando que ela esquecera a data de sua volta.

— Sim, eu sei, mas pensei... — fez uma pausa. Não seria conveniente dizer que estivera pensando que ele estava com Lara. — Como foram seus negócios?

— Excelentes. Fechei um bom contrato.

— Desmond, isso é maravilhoso! — exclamou, encantada — Mas você não parece entusiasmado.

Houve um momento de silêncio, e quando Desmond falou foi com certo esforço:

— Na verdade, estou vibrando, fui compensado por todo trabalho que tive e subi mais um degrau na escada do sucesso, mas por outro lado... o compromisso que tinha para o jantar foi cancelado. — Após uma pausa, Desmond perguntou: — Você já jantou?

Como boa amiga, Georgina não se ofendeu por receber um convite como segunda opção. Na certa Lara aceitara o convite de Desmond e, na última hora, dissera que não podia ir. Sentiu pena dele...

— Desmond, você está falando com uma pessoa morta de fome. Ainda não almocei nem jantei.

— Poderá se aprontar em meia hora? Tenho mesa reservada para as oito e trinta.

Sim, ela podia. Com certeza iriam ao Bellington, um dos mais finos restaurantes, o preferido de Lara. Usaria o clássico "pretinho", pensou, tirando do armário o vestido toalete de veludo preto que Desmond já vira, pelo menos, meia dúzia de vezes.

Enquanto se preparava, o pensamento de Georgina voltou no tempo até a data em que, pela primeira vez, encontrara-se com Desmond numa festa. Gostara daquele homem alto e simpático. Concordara em sair com ele, sem saber que era casado e, quando soube, já estava envolvida com tudo que ele representava como ser humano. Gostava de sua calma, sentia-se bem em sua companhia, apreciava sua maturidade. Ele era diferente dos outros homens.

Quando Desmond lhe falou de sua solidão, lembrou-se do pai, quando sua mãe os deixara, Vernon Underwood ficara desolado até aquele dia abençoado em que Maggie, que era viúva, fora cuidar da casa para eles, levando consigo Nicola de três anos e Josh com quase cinco. Pouco tempo depois Vernon se casara com ela. Maggie enriqueceu a casa com seu riso fácil e sua alegria de viver. Georgina, uma adolescente retraída, aprendera com ela a sorrir e a viver também. Desde a morte do pai, assumira parte da responsabilidade na manutenção da casa. Nicola estava com quatorze e Josh ia fazer dezessete anos. Para Georgina, era ponto de honra contribuir para a educação dos meninos em reconhecimento por tudo que recebera de Maggie. A campainha soou. Era Desmond.

— Você está com ótima aparência — observou Georgina. — Divertiu-se muito?

— Passei o tempo todo trabalhando nos contratos, não em férias.

— Foi difícil fechar o negócio?

— Foi, sim, mas agora posso dormir por uma semana sossegado.

— Mas não antes de alimentar sua velha amiga.

Desmond sorriu e disse:

— Obrigado por aceitar meu convite de última hora.

Como havia imaginado, foram ao Bellington. O trajeto foi curto para todas as novidades que Desmond tinha para lhe contar sobre seus negócios e, diante de tanto entusiasmo, Georgina achou por bem aguardar melhor oportunidade para colocá-lo a par da venda da Parton & Naylor e de todas as suas peripécias.

Ao chegarem, Georgina ficou aguardando no saguão enquanto Desmond verificava a reserva da mesa. O lugar era lindo e, curiosa, Georgina observava os detalhes quando ouviu o ruído da porta giratória e, em seguida, uma voz que lhe era vagamente familiar:

— É Georgina, não é?

Virou-se devagar, sem estar preparada para o choque que iria receber ao reconhecer o casal que acabara de entrar.

— Estranho vê-la aqui! — exclamou Lara Warner e, baixando o tom, perguntou: — Você está sozinha?

— Estou com Desmond.

Para aliviar o peso da atmosfera, Tallis York, que estava com Lara, disse:

— Prazer em vê-la novamente, Georgina.

Aquele ambiente, a postura, a cortesia, tudo ali, naquele momento, contrastava de forma gritante com a situação que ela e Tallis York haviam passado, apenas horas atrás.

— Eu... — começou a dizer, mas não continuou quando viu que Desmond vinha vindo.

O brilho dos olhos de Desmond se apagou diante de Lara. Para compensar sua decepção, Georgina recebeu-o com o mais encantador de seus sorrisos.

— Alô, Lara, Tallis — murmurou Desmond.

Como um afogado em busca da tábua da salvação, Desmond agarrou e apertou a mão de Georgina como se precisasse de sua força para ajudá-lo a se recompor.

Tallis York, que já havia testemunhado o sorriso de Georgina, fixava agora o olhar na mão dela, entrelaçada com a de Desmond. Seu olhar perguntava, "só amigos"?

— Já jantaram? — Tallis indagou por cortesia.

— Ainda não — respondeu Desmond.

— Por que não jantamos juntos? — sugeriu Lara, para aborrecimento de Georgina.

Tallis York olhou para Lara, tentando saber se o que ouvira era ou não para ser levado a sério.

— É pouco provável que haja uma mesa disponível para quatro pessoas — Georgina disse, tentando se esquivar do convite.

Ignorando suas considerações e, até mesmo, a presença de Georgina, Tallis perguntou se Desmond gostaria de se juntar a eles.

— Por mim, tudo bem — concordou Desmond.

Tallis York saiu para providenciar os arranjos e, pouco depois, o *maitre* acompanhou-os à mesa. Lara sentou-se à frente de Georgina, com os homens entre elas. Fizeram seus pedidos e, enquanto aguardavam, conversavam. Perto da pista de dança, um conjunto de quatro figuras tocava música romântica. A certa altura, Tallis dirigiu-se a Desmond:

— Lara me disse que você esteve na Bélgica, recentemente.

— Fui tratar de negócios — explicou.

— Voltou hoje — disse Lara, parecendo mais perguntar do que afirmar.

— Sim, voltei hoje — ele confirmou, lacônico.

— E teve sucesso? — quis saber Lara.

Georgina não podia atinar com o que Desmond dissera a sua esposa ao telefone, mas supunha que ele reservara as boas novas para quando estivessem jantando a sós.

— Muito — garantiu Desmond, respondendo à pergunta de Lara e, sem rancor, dirigiu-se a Tallis, para surpresa de Georgina. — Como vão seus negócios?

— Mais ou menos. O mercado está muito instável.

— Seus concorrentes têm de trabalhar muito para passar a perna em vocês.

Desmond continuou falando e contava que uma certa firma ia mal em virtude da pressão decorrente da inflação.

— Se continuar piorando, qualquer dia será vendida.

Ouvindo Desmond, Georgina lembrou-se que não tivera oportunidade de lhe falar sobre a venda da Parton & Naylor para a

Chesterton. De súbito, como se tivesse captado seus pensamentos, Lara entrou na conversa dirigindo-se a Desmond:

— Por falar em vender, com certeza você já soube que a Parton & Naylor foi vendida para a Chesterton, não soube?

— Não — exclamou, atônito. Sem acreditar, olhou para Georgina. — Quando? Você não me disse nada.

Georgina, apanhada de surpresa, não sabia o que dizer. Tallis York interveio.

— Georgina é, de fato, uma secretária de confiança.

Se Tallis percebeu que Georgina estava se sentindo mal diante do olhar magoado de Desmond, não demonstrou, e continuou a dizer o que Georgina acreditou ser uma "mentira piedosa":

— Temos muita sorte em tê-la conosco na Chesterton.

Georgina não olhou para Tallis York. Não queria ver o brilho zombeteiro em seus olhos, provando ser falsa a aparente sinceridade de suas palavras. Para evitar Desmond, olhou para a frente e ficou assustada ao deparar com o ar maldoso estampado no rosto de Lara. Como o pai, Lara também queria vê-la fora da companhia.

Georgina entrou em pânico. Sua carreira na Chesterton estava nas mãos do presidente da companhia. Sentindo seu olhar, Georgina encarou Tallis York e viu que aqueles olhos negros como a noite, pela primeira vez, perdera seu ar sarcástico.

CAPÍTULO III

Georgina não saberia dizer por quanto tempo ela e Tallis York ficaram se encarando em silêncio. Talvez apenas por segundos, mas foi o suficiente para Tallis perceber que ela estava se sentindo terrivelmente vulnerável. Aquele olhar agudo parecia trespassá-la, desvendando os mais íntimos recônditos de sua alma. Desmond, empenhado em adoçar o café, ergueu os olhos e, como que alheio ao que se passava a sua volta, perguntou a Tallis:

— Você já conhecia Georgina?

O coração de Georgina disparou. Lara fulminou-a com o olhar, mas, naquele momento, Georgina mantinha a respiração suspensa. Se Tallis York repetisse as acusações que lhe fizera naquela tarde, com certeza Desmond teria uma reação violenta

— Nós nos conhecemos hoje — antecipou-se Georgina, antes que Tallis dissesse alguma coisa. — Fui à Chesterton esta tarde para levar alguns documentos confidenciais que o sr. York queria ver com urgência — mentiu, para poupar Desmond da triste realidade dos fatos.

Para seu alívio, Tallis não a desmentiu e, quando se pronunciou, disse a última coisa que ela esperava ouvir naquele momento.

— Sou seu patrão Georgina, mas, será que só por esta noite, você não poderia me chamar de Tallis?

— Sim, claro — respondeu, tentando se convencer de que, afinal, o pedido era normal, já que estavam em uma reunião social.

— Mas que ótimo, você não acha, Desmond? — interveio Lara, maquinando maldade e destilando veneno.

Georgina sabia que Desmond nem podia imaginar o que Lara andava tramando. De sua parte, o que gostaria de descobrir era o que Lara estava fazendo ali com Tallis, naquele restaurante. Envolvida em um turbilhão de pensamentos, Georgina sorriu para Desmond quando seus olhares se cruzaram. Foi quando ouviu:

— Dança, Georgina?

Era Tallis York, de pé a seu lado, certo de que seu convite não seria recusado.

O quarteto tocava uma música lenta e romântica. Tallis enlaçou-a, e Georgina sentiu-se envolvida por um braço firme, seguro e forte como aço. Se havia pensado que iam dançar o tempo todo no mais absoluto silêncio, enganou-se, pois logo no primeiro volteio viu que Tallis York tinha uma ou duas palavras cáusticas e agressivas para lhe dizer.

— Não pode esperar que ele chegue em casa para aborrecê-lo? — falou de modo abrupto e desagradável.

— Desmond? — perguntou, tentando manter a calma que esse homem tinha o dom de lhe tirar.

— Quem mais poderia ser? Você pode ser a amante, mas acho que deveria ter um pingo de decência e disfarçar seu desejo de levá-lo para a cama, enquanto estiver na presença da esposa dele.

— Já lhe disse que Desmond e eu somos apenas amigos. Não somos agora nem nunca fomos amantes, e se o senhor fosse capaz de elevar seus pensamentos um pouco acima do baixo nível em que se encontram, conseguiria acreditar em mim.

— E, se você conhecesse o mundo tão bem como eu conheço, saberia que não vou engolir essa história — rebateu Tallis, sem

alterar a perfeita execução de seus passos de dança, que Georgina seguia com leveza e sem dificuldade.

— Bem, acredite no que quiser! — explodiu Georgina, e continuou, ainda mais furiosa: — E já que o senhor é o dono do mundo, não creio que se contente em ficar no estágio das "mãos dadas" com Lara quando for levá-la para casa esta noite!

Georgina percebeu que tinha sido indelicada, mas não se arrependeu. Tallis York encarou-a. Seu ar era enigmático.

— Você sabia que Lara é minha prima? — perguntou, tranqüilo. E, pelo olhar de espanto de Georgina, pôde ver que ela não sabia. — Edgar Rankin é irmão de minha mãe; nossas duas famílias se dão muito bem.

— Não tinha a menor idéia — murmurou Georgina, começando a entender a situação.

Tallis manteve-se calado enquanto conduzia, ao som da música, os passos de Georgina, cujo entusiasmo caíra a olhos vistos.

Ela ia ter de enfrentar uma batalha renhida para manter seu emprego, já que Lara era quem estava por detrás do movimento organizado para demiti-la. Quais seriam suas perspectivas, uma vez que a decisão de Tallis York estaria condicionada por laços de família?

— Lara também quer que eu seja demitida, não quer? — Fez a pergunta de acordo com a linha de seus pensamentos.

— É evidente, não é?

Será que iam voltar ao ponto de partida? Tinha perdido seu tempo repetindo que não era amante de Desmond. Poderia até morrer de tanto negar que Tallis York não acreditaria em sua palavra.

— Lara deixou Desmond sem que nenhum perigo a ameaçasse — protestou Georgina.

— Nenhuma mulher com o temperamento de Lara ficaria despreocupada vendo seu marido se afastar de casa.

— Mas... — começou Georgina, pronta para lhe dizer que tinha certeza de que Desmond amava Lara e que a colocação sobre seu distanciamento de casa não tinha o menor fundamento. De súbito, levou um choque quando chegou à conclusão de que Tallis York estivera dizendo nas entrelinhas que o "caso" entre ela e Desmond tivera início mesmo antes de Lara abandoná-lo. — Espere um pouco... — começou a falar, tentando esclarecer que Lara havia deixado Desmond três meses antes que eles se conhecessem. Mas não pôde ir adiante, Tallis York conteve suas palavras com firmeza.

— Não, você é quem vai esperar. Parece-me óbvio que Lara se arrependeu de ter abandonado o marido, do mesmo modo que me parece óbvio que ela queira voltar para ele...

— O que o faz pensar que Lara quer voltar para ele? — interrompeu Georgina, recusando-se a se calar.

Ela sabia que Lara poderia voltar para Desmond quando quisesse. Se não tivesse sido tão cabeça-dura insistindo para que o marido aceitasse o emprego na diretoria da Chesterton, ela poderia...

Seus pensamentos foram interrompidos pela resposta de Tallis:

— Penso assim porque Lara mal podia esperar para se encontrar com Desmond esta noite.

Essas palavras deram a Georgina a certeza de que Tallis York não sabia que Lara declinara do convite para jantar com Desmond.

— Esta tarde — Tallis continuou —, liguei para o pai de Lara para tratar de negócios. Quando terminamos, Lara pegou o telefone e me disse que se sentia muito deprimida e que gostaria de sair para jantar. Achei natural, já que em outras ocasiões ela me pedira para fazer-lhe companhia. Eu conheço Lara muito bem — continuou falando — e, assim que vi você, suspeitei que Warner deveria estar por perto. Quando Lara sugeriu que nos sentássemos os quatro juntos, percebi que foi na esperança de encontrá-lo que ela escolhera o restaurante preferido de seu marido.

Enquanto ouvia, Georgina foi tirando suas conclusões. Desmond provavelmente entrara em contato com Lara antes que ela tivesse falado com Tallis, que, ignorando o fato, não sabia que Desmond já havia chegado de viagem. Agora Georgina sabia exatamente qual a peça que Lara estava encenando.

O que Lara queria era se eximir da culpa de ter abandonado Desmond, fazendo crer a todos que ele próprio se afastara de casa por causa de Georgina. Lara estava fazendo chantagem emocional, assumindo ares de tristeza e languidez que não existiam. Diante de semelhante quadro, não havia a mais remota esperança de fazer com que Tallis acreditasse que ela e Desmond eram, apenas, amigos.

— Então você acha que Lara ainda ama Desmond?

— Tenho certeza.

De propósito, Tallis York deu uma volta estratégica, deixando Georgina de frente para a mesa onde Lara e Desmond se encontravam. Perplexa, Georgina viu que os dois riam alegres e se olhavam como se no mundo não existisse mais ninguém além deles.

— Você não pode deixá-lo em paz, garota? — Tallis falou. Sua voz não era fria nem jocosa, sua voz era de pena. De pena por Georgina.

Pena!, Georgina pensou, atônita. "Santo Deus, ele acha que estou apaixonada por Desmond e que, por isso, fico aborrecida por vê-lo com Lara." Mal sabia Tallis que seu maior desejo era que Lara e Desmond se entendessem de uma vez por todas.

Terminada a música, Georgina tentou se desvencilhar dos braços de Tallis, mas sentiu que ele a prendia com firmeza pela cintura, o que impossibilitava seus movimentos.

— Deixe-o ir, Georgina — insistiu Tallis. — Sem sua presença, com certeza eles acabarão acertando suas diferenças.

Haveria uma possibilidade de reconciliação? Georgina não sabia. Sua única certeza era que estava farta de todos eles, inclusive de Desmond.

— Tudo bem — vociferou. Não se sentia "a outra", mas estava cansada diante da obstinação de Tallis York. — Lara pode ficar com Desmond. E já que você se julga um escoteiro, pratique a sua boa ação do dia e leve-me para casa. — Falava sem pensar, aborrecida com toda aquela sórdida trapalhada. — E, sendo também um gênio, pense numa desculpa para dizer a Desmond.

— Meu Deus, quanta segurança! Ou é porque você acha que eu sou um peixe maior e posso morder sua isca.

Foi com muito esforço que Georgina conseguiu simular calma.

— Estou certa de que você costuma carregar seu tênis de corrida para onde vai — ironizou e, sem se incomodar se ele a seguiria ou não, dirigiu-se a passos largos para a mesa.

Não pensou que Tallis fosse tão ágil! Antes mesmo que pudesse se sentar, sentiu a mão dele sobre seu braço, contendo-a, enquanto dizia a Desmond que ia levá-la para casa.

Georgina se esforçou para manter-se calma enquanto ouvia Tallis dando continuidade à mentira que ela mesma inventara. Ele dizia que, enquanto dançavam, soube que Georgina, sem querer, levara de volta para casa os papéis confidenciais que ele iria precisar para a reunião do dia seguinte bem cedo.

— Você não se incomoda de levar Lara para casa em meu lugar?

Mesmo que Desmond se incomodasse, e ela sabia que isso não aconteceria, não teria outra saída senão concordar.

— Muito bem — ironizou Georgina sentada ao lado de Tallis, a caminho de sua casa —, agora temos a certeza de que você é mesmo um gênio.

— A modéstia não me permite concordar — ele brincou, sem se incomodar com o sarcasmo de Georgina.

Pelo resto do trajeto, Georgina ficou calada, se limitando às indicações necessárias sobre o caminho de sua casa.

— Devo entrar? — quis saber Tallis ao estacionar o carro à porta do prédio.

Georgina não se deu ao trabalho de lhe dar resposta, certa de que seu silêncio seria tomado por um definitivo não. E qual não foi sua surpresa quando percebeu que seu "não" fora interpretado como um "sim". Tallis saíra do carro e já estava subindo os degraus de concreto que levavam à porta principal. Georgina respirou fundo para controlar a raiva, colocou a chave na fechadura e virou-se para dispensá-lo com um breve boa-noite. Mas, num abrir e fechar de

olhos, Tallis empurrou a porta, abriu-a completamente, ajudou Georgina a entrar, procurou o interruptor, acendeu a luz e, finalmente, fechou a porta atrás de ambos.

— Boa noite, sr. York — tentou outra vez, mas sem sucesso.

— Vou levá-la até seu apartamento — disse polidamente, com ar de quem achava o cúmulo da má educação proceder de outra forma. Tallis pegou o chaveiro da mão de Georgina, olhou para ela e fez um trejeito com a cabeça que queria dizer algo parecido com "siga-me".

No primeiro andar, em frente a seu apartamento, Tallis abriu a porta e se afastou para dar passagem a Georgina. No afã de iluminar a sala escura, ambos tateando à procura do interruptor, suas mãos se encontraram e, àquele contato, Georgina estremeceu. Tentou se desvencilhar, mas Tallis não consentiu. Fechou a porta e, ainda segurando-lhe a mão, correu os olhos pelo ambiente. A sala era limpa e arrumada. Nela havia uma poltrona, um sofá que parecia muito confortável e vários enfeites que deveriam fazer parte das reminiscências de Georgina.

— Posso ter minha mão de volta? — brincou. Sentia-se envolvida pelo olhar do sr. York. Para sufocar a estranha sensação que lhe invadia o peito, Georgina lutava para manter o falso ar de sofisticação.

— Mãos lindas — ele comentou, sem atender ao pedido de Georgina. Ao contrário, mantinha-a presa e, após examiná-la, levou-a aos lábios e beijou-a de leve.

Indignada ou não, o fato é que Georgina tentou se soltar. E, na pequena batalha que se travou, Tallis saiu vitorioso, aproveitando a oportunidade para puxar Georgina para mais perto de si.

— Eu... acho que o senhor devia ir agora, sr. York.

— Tallis — corrigiu-a. — Tanto quanto suas mãos, seu rosto também é adorável, Georgina.

Estavam frente a frente.

— Olhe sr... Tallis — sua voz estava insegura. A aproximação daqueles olhos escuros pareciam hipnotizá-la.

— Shh! — Fez Tallis e, então, aconteceu o que, sem saber, Georgina já esperava. Tallis York inclinou-se e, antes que ela pudesse protestar, seus lábios se encontraram.

Georgina tentou resistir, mas, quando os braços de Tallis a envolveram, aconchegando-a a ele, precisou lutar com muita garra para não capitular. Os dedos de Tallis deslizavam por suas costas e, indefesa, agarrou-se a ele, abandonando-se àquele momento de prazer. A pressão sobre seus lábios aumentou. Georgina abraçou-o; já não conseguia pensar, tampouco controlar suas emoções.

Num crescendo, Tallis cada vez mais estreitava seus braços ao redor de Georgina, moldando o corpo dela ao seu. Os lábios de Tallis corriam livres da boca para o rosto e do rosto para o pescoço de Georgina.

Como que acordando de um sonho, Georgina recuou. A sensibilidade, que sempre fora um traço marcante de sua personalidade, trouxe-a de volta à realidade. Sentiu medo. Que caminho estava tomando?

— Esqueça Warner — murmurou Tallis ao ouvido de Georgina, interpretando mal aquela mudança de comportamento.

Quando ouviu o nome de Desmond, Georgina não pôde deixar de pensar nas observações de Tallis York quando disse: "Meu Deus,

quanta segurança! Ou é porque você acha que sou um peixe maior e posso morder sua isca"? Essas palavras ainda estavam martelando a cabeça de Georgina quando ela sentiu os dedos de Tallis no zíper de seu vestido.

— Feche o zíper, sim.

Tallis parou incontinente e afastou-se para olhar Georgina. Sua expressão confirmava suas palavras.

— Você é quem manda — gracejou Tallis, encolhendo os ombros em sinal de indiferença. — Desculpe-me, Georgina, parece que o meu jeito de fazer amor não é como você está acostumada.

Georgina não teve dúvida de que suas palavras se referiam ao relacionamento que Tallis insistia em acreditar que existia entre ela e Desmond. Magoada, respondeu com desdém:

— É verdade. Estou acostumada a uma certa *finesse*...

Se a intenção era feri-lo, sua farpa atingiu o alvo. A palavra *finesse* pegou-o em cheio.

— Talvez eu não tenha sido tão sutil como costumo ser nessas ocasiões, mas, considerando que você abriu caminho quando me pediu para trazê-la em casa e facilitou minha entrada em seu prédio, achei que estava em casa e que não havia necessidade de sutilezas. Mas *finesse* ou não, você não teria feito objeções se não estivesse pensando em Desmond. Parece que, a longo prazo, ele é melhor investimento que eu. — Fez uma pausa e acrescentou: — Se você não tivesse se lembrado de seu compromisso com Desmond, esta noite seu companheiro de cama não seria um homem casado.

De repente, Georgina compreendeu o significado das palavras que Tallis acabara de proferir. E, antes que ele pudesse alcançar a

porta, para onde se dirigia após representar seu papel, Georgina reteve-o, dizendo:

— Você tentou tirar Desmond do meu caminho, não tentou? Se eu fosse para a cama com você, no dia seguinte Desmond ficaria sabendo e nosso "caso" estaria terminado.

Tallis virou-se para Georgina. Se antes ele estava zangado, agora já não estava mais.

— Você não tem um caso com Desmond, tem? — falou com ironia — Vocês são, apenas, bons amigos...

Naquela noite Georgina foi se deitar com uma desagradável sensação de mal-estar. Na manhã seguinte, enquanto se preparava para ir trabalhar, foi revivendo parte por parte tudo que se passara entre ela e Tallis na noite anterior.

Sempre sonhara com o homem amado como uma pessoa boa, amorosa e gentil. Achava que somente após algum tempo de convivência e depois de conhecê-lo bem o amor entre ambos iria aos poucos crescendo para tomar o curso natural. Tallis York, um homem que conhecera a menos de doze horas, um homem que não era bom nem amoroso nem gentil, a tomara nos braços e jogara por terra cada uma de suas teorias sobre o amor.

Tentou escapar de seus pensamentos, mas não havia como fugir. As emoções que sentira ultrapassavam todas as suas experiências anteriores. Sim, ela já fora beijada, mas sempre com uma certa reserva.

Feliz por estar de volta ao escritório, Georgina tratou de se concentrar em seus afazeres, trabalhando com afinco durante mais de uma hora, até que o telefone tocou.

— Georgina?

Reconhecendo a voz de Tallis York, Georgina respondeu no seu melhor estilo profissional:

— Bom dia, sr. York. Posso lhe ser útil?

— Estou certo que sim — ele falou com sarcasmo. — Venha aqui assim que puder.

"Será possível que nunca vou perder o medo de ser demitida?", pensou.

— Para quê? — perguntou Georgina ao presidente da Cheslerton, certa de que ele jamais imaginara ouvir uma ordem sua questionada daquela maneira.

— Poderia lhe dizer que é porque eu quero, mas, como é provável que não haja o que fazer aí, deixe tudo em ordem porque você não vai voltar...

"Não vai voltar!" Sem deixar que Tallis York terminasse a frase, Georgina esbravejou:

— Se o senhor pensa que vou atravessar a cidade para ouvi-lo dizer que vai me demitir, está enganado, sr. York — Georgina já não pensava; as palavras eram lançadas aos borbotões. — E lhe digo mais, não faço bom conceito de sua companhia, tenha ela o tamanho que tiver, porque o senhor não acha importante honrar a palavra empenhado ao sr. Parton. Assim que ele se virou, o senhor despede um de seus funcionários.

Georgina estava furiosa. Fora nos braços desse homem que ela estivera na noite anterior e, agora, menos de doze horas depois, ele a jogava fora do emprego. O medo de perder o trabalho, aliado a angústia de não poder cumprir sua parte junto a Maggie, impediam-na de perceber que jamais ela teria tido a coragem de falar com Tallis York daquela maneira.

— O senhor não vale nada, sr. York, não tem sequer a coragem de me enfrentar pessoalmente.

— Cale-se! — gritou Tallis e, sem saber se Georgina ouvira ou não, continuou com muita clareza: — Uma palavra mais e eu a demito!

— Quer dizer... — Georgina murmurou num fio de voz, atônita por perceber que se precipitara ao pensar que Tallis York tivera a intenção de demiti-la.

— Cale-se e ouça! Disse ontem que você seria a secretária de Vincent Dixon e, apesar das pressões da família, não voltarei atrás com minha palavra. Agora, ponha em ordem tudo que estiver pendente na Parton & Naylor e venha para cá.

— Mas... — Georgina queria falar alguma coisa, mas não conseguia pensar. — Por que...

— Se tivesse me dado a oportunidade de falar antes não teria feito julgamentos precipitados. Ouça o que tenho para lhe dizer; como estamos, precisando de pessoal, você virá trabalhar aqui, onde ficará sob as minhas vistas.

— Trabalhar... — começou a falar, mas não foi adiante.

— Mexa-se! — Tallis ordenou e bateu o telefone.

Ele estava louco? Furioso? Ela teria mesmo dito que não fazia bom conceito da Chesterton? Que ele não valia nada? Não, ela não queria se lembrar de mais nada. Tallis York era o culpado, por ter mexido com seus sentimentos na noite passada! Ah, se ela ao menos tivesse esperado ele falar! Como pudera dizer que ele não tinha coragem de enfrentá-la se ele, sem alardear, enfrentara dois membros de sua família para manter a palavra e conservá-la no emprego...

CAPÍTULO IV

— Feche a porta, Georgina, por favor — disse Tallis quando ela se apresentou na Chesterton, pouco depois. — Sente-se. Você veio logo; pensei que só estaria aqui no fim da tarde.

— O senhor disse "mexa-se"...

— Sim, é verdade. E você, parece-me, disse coisas bem mais terríveis.

Tallis falava pausadamente, em tom formal, tranqüilo, mas, para Georgina, este comportamento era um reflexo da vontade firme e da segurança com que assumia seus atos. Ela não sairia impune.

— Disse porque fui instigada — falou, pesando as palavras.

— Isso não é desculpa — afirmou Tallis.

Essas palavras, pronunciadas com a mesma força e frieza demonstradas em seu olhar, deram a Georgina a certeza de que seria

melhor para ela pedir logo as desculpas que Tallis bem merecia e que até parecia solicitar.

— É muito difícil para você pedir desculpas? — perguntou. — Ou, de fato, você acredita que eu não costumo cumprir minhas promessas?

Georgina sabia que ele estava brincando de gato e rato. Tallis não se esquecera de suas palavras e, repetindo-as, tentava dobrá-la. Mas Tallis York não conhecia Georgina Underwood. Seria preciso não ter amor-próprio para ceder às tentativas do sr. York.

— Acho que, para mim, pedir desculpas é tão difícil como é para o senhor — disse categórica, escondendo sua fragilidade.

— Você está sugerindo que eu lhe devo desculpas? Por quê? — Retrucou Tallis, em vias de perder o controle. — Acho que, ontem, ficou claro que para você não é novidade ser beijada por adultos do sexo oposto. Deveria me desculpar por fazê-la esquecer Warner por uns momentos? Deveria me desculpar por fazê-la esquecer de si mesma?

— Me esquecer mim mesma? — repetiu Georgina.

— Vai me dizer que não.

— Não é este o ponto da questão — Georgina falou com todas as forças que conseguiu reunir. Não queria que suas emoções fossem colocadas em discussão outra vez. As análises que fizera já haviam sido mais do que suficientes. — O que aconteceu na noite passada não foi mais do que uma simples experiência.

As palavras de Georgina caíram como um golpe sobre Tallis. Seu olhar estava frio.

— Então, não foi pela falta de *finesse* que você está pedindo que eu me desculpe? Se não for por isso, por que mais eu deveria me desculpar?

— O senhor sabe muito bem por quê. — Georgina não estava tão calma como tentava aparentar. — Quando achar que deve se desculpar por todas as acusações que me fez, por tudo que me disse, por tudo em que acredita, então, eu darei...

— Você continua insistindo em dizer que é só amiga de Warner?

Georgina não respondeu; não havia mais o que falar. O assunto já estava esgotado. Não havia mais como se explicar. Do outro lado da mesa, Tallis, reclinado em sua poltrona, deixava transparecer decisão e determinação quando disse:

— Admito que certas coisas que se passaram na noite passada deram-me razões para pensar que, talvez, sua amizade com Warner não seja o que parece ser.

Georgina ficou alerta. Não que se importasse que Tallis York começasse a duvidar do seu próprio julgamento. Mas, se acreditasse nela e considerasse irrepreensível o seu trabalho, teria como argumentar a seu favor diante de uma eventual pressão de Edgar Rankin. Porém, era bom não se esquecer de que Tallis havia feito, apenas, uma insinuação sobre suas dúvidas. Não deveria se entusiasmar. Precisava descobrir o que fizera Tallis questionar a avaliação que fazia a seu respeito.

— O senhor disse que aconteceram certas coisas... — Georgina tentava sondar, mas Tallis a interrompeu.

— Se você estivesse tão ligada a Warner como pensei, então, independente de ser ou não uma secretária de confiança, acho que

você teria comentado a proposta do meu grupo para a compra da Parton & Naylor. Mas, desculpe-me a franqueza, é sabido que muitos assuntos confidenciais discutidos em uma sala de reuniões são amplamente debatidos na cama. — Sem esperar para ver se Georgina tinha ou não "desculpado sua franqueza", continuou: — Por outro lado, você não tinha a menor idéia das ligações da família de Lara com a Chesterton ou do meu parentesco com Lara. Isso poderia ser um indício de que você tem um caso com Warner, porque somente um maluco entraria em detalhes sobre os laços de família de sua esposa com a mulher que ele leva para a cama. Poucas mulheres aceitam que seus amantes mencionem o que quer que seja em relação a suas esposas. E Warner está longe de ser um idiota.

— Pelo que pude entender, um argumento cancela o outro. E o senhor continua acreditando em sua acusação. Nada do que eu diga, nem mesmo suas próprias observações, puderam fazê-lo mudar de idéia.

— Isso mesmo — Tallis admitiu. — Há ainda o fato de você, sem resistência, permitir que eu a acompanhasse ao seu apartamento. Mais tarde, isso me fez pensar que talvez você quisesse que Lara e Warner ficassem a sós para tentar uma reconciliação.

— Era essa a sua opinião? Àquela altura, o senhor insinuou que eu os deixara a sós por não temer a concorrência de Lara. Aliás, naquela noite, o senhor também foi muito franco...

— Já pensei nisso — Tallis aquiesceu e voltou ao ataque: — Mas você falhou, Georgina. Não jogou de acordo com as regras. Mandou-me parar quando as coisas começavam a se tornar... interessantes.

Georgina, definitivamente, não queria voltar àquele ponto. Para mudar de assunto, perguntou:

— De qualquer maneira, tenho a sua palavra de que meu emprego está seguro e que tudo o mais...

— E você acredita em minha palavra? — Tallis a interrompeu, sem se alterar.

Sim, Georgina acreditava e, porque acreditava, tratou de se desculpar:

— Sim, sim, acredito e... sinto muito por todas as coisas terríveis que eu lhe disse. Como o senhor sabe, este emprego significa muito para mim.

Georgina esperava que Tallis não lhe perguntasse por que esse emprego tanto significava para ela, pois não tinha a menor intenção de lhe dar explicações.

— Você gostava do trabalho que fazia para o sr. Parton? — indagou Tallis, mostrando o maior desinteresse pelos problemas e preferências de Georgina.

— Gostava muito — respondeu com convicção. Olhou para Tallis e não pôde deixar de notar o ar maquiavélico estampado em seu rosto, e teve a certeza de que não iria gostar do que ele tinha para lhe dizer.

— Nesse caso, esperemos que você também goste do trabalho que fará para mim.

— Quer dizer, do trabalho que farei aqui na Chesterton — Georgina corrigiu-o. Estava ansiosa por esclarecimentos a respeito do assunto e com vontade de sair logo daquele escritório para que a sra. Fry pudesse orientá-la sobre suas novas atribuições.

— Não é bem isso — disse Tallis, deixando evidente que se divertia às suas custas. — Ontem a sra. Fry foi levada com peritonite para o hospital. Temporariamente, estou sem secretária — Tallis fez uma pausa como que para saborear o que tinha a dizer. — Você, Georgina, foi escolhida para substituí-la.

— Mas, mas... — Ela arregalou os olhos de espanto. Secretária do presidente da Chesterton! — Mas não existe outra secretária habilitada para o lugar? — quis saber.

— Existe, sem dúvida — confirmou Tallis, se deliciando com a expressão de Georgina. Onde estaria toda aquela sofisticação da noite passada? — Como lhe disse ao telefone, quero que fique sob as minhas vistas.

Antes que Georgina pudesse dissuadi-lo, Tallis York afastou a poltrona, levantou-se e solicitou que ela o acompanhasse até a sala da sra. Fry.

Naquela noite, Georgina foi para casa tentando coordenar todos os deveres e obrigações atribuídos à secretária do presidente de uma firma como a Chesterton. Achava que tinha se saído razoavelmente bem e que o saldo tinha sido positivo. Afinal trabalhara uma única tarde. O telefone não parara de tocar e a correspondência fora toda datilografada a partir das gravações feitas na ausência da sra. Fry.

Estava cansada. Retardou o jantar para refazer suas forças. Quando se recuperou, deu início aos afazeres domésticos enquanto sua mente se ocupava com os acontecimentos do dia. Tallis York consumira uma boa parte do seu tempo. Georgina passara horas revivendo as emoções que sentira ao ser beijada por ele. Agora, tinha de repensar tudo o que fora dito em relação a Desmond. Tallis dissera

que, sem ela por perto, poderia haver uma oportunidade para que Lara e Desmond acertassem suas diferenças. Se isso fosse verdade, sua situação era, de fato, terrível. E se Lara ainda amasse Desmond como Tallis afirmara, então era, no mínimo, estranha a maneira como demonstrava seu amor. Nos últimos seis meses, por exemplo, pelo menos em três ocasiões Desmond ficara como um cão sem dono porque Lara combinava sair com ele e, no último momento, desistia.

Por outro lado, Georgina lembrava-se de como Lara e Desmond pareciam felizes juntos no jantar da noite anterior. Chegou a pensar que estivera fantasiando situações inexistentes. Passara uma parte do dia na expectativa de que Desmond a chamasse. Achara que ele gostaria de lhe contar as boas novas. Quem sabe para lhe dizer que Lara voltara para ele? Ou que as coisas pareciam um pouco melhores. Mas ele não telefonou, e Georgina se perdeu no emaranhado de seus pensamentos.

Tallis estava certo que a prima havia deixado Desmond por causa dela. E, pior, que o "caso" Desmond e Georgina ocorrera antes de Lara abandonar o marido. Todas essas suposições estavam sendo canalizadas para um ponto certo e definitivo: Lara e seu pai, Edgar Rankin, a queriam fora da empresa. Se Tallis estivesse com a razão quando afirmara que sua amizade com Desmond impedia que Lara se reconciliasse com o marido, então não havia o que discutir, aquela relação teria de terminar.

Antes de se deitar, Georgina considerou a possibilidade de telefonar para Desmond. Gostaria de saber se tudo estava correndo bem entre ele e Lara e, nesse caso, era melhor não mexer em vespeiro, colocando-o a par de tudo o que Tallis lhe dissera.

Georgina foi cedo para a cama. Não conseguia conciliar o sono. Fazia suposições, questionava-se, e esteve a ponto de se levantar para procurar o número do telefone de Edgar Rankin para falar com Lara, mas desistiu. O melhor era tratar de dormir para enfrentar o dia de trabalho na Chesterton que teria pela frente.

A partir do momento em que entrou na Chesterton, não teve tempo de pensar em nada mais que não fosse seu trabalho. Quando Tallis York chegou, às nove e meia, cumprimentou-a com um profissional "Bom dia, Georgina" e entrou em seu escritório. Quase que em seguida, chamou-a.

— Venha aqui, por favor.

Sobre a mesa, até então limpa e vazia, Georgina pôde ver pastas e pastas abertas em leque.

Calada, levantou os olhos e viu que estava sendo examinada. Nenhuma falha poderia ser encontrada, uma vez que tomara o máximo cuidado na escolha de seu traje. A calça comprida azul marinho, elegante e bem talhada, punha em evidência suas pernas bem feitas e seu charme natural. Georgina sentiu-se embaraçada e, para interromper tão meticuloso exame, falou a primeira coisa que lhe veio à cabeça.

— O senhor deve ter ido tarde para a cama na noite passada — disse, olhando para o amontoado de papéis sobre a mesa.

Tallis se fez de desentendido e respondeu:

— Nem tanto — e no mesmo tom malicioso continuou: — Gostaria que estivesse com você?

Georgina ficou boquiaberta ao perceber a linha de pensamentos de Tallis e tentou agredi-lo:

— Sorte sua que algumas de suas amigas conheçam as regras melhor do que eu.

— Ah, você conhece as regras muito bem — Tallis ironizou —, embora tente trapacear um pouco.

As mãos de Georgina se crisparam. Essas palavras eram uma afronta.

— Eu me referia ao volume de trabalho... — disse de maneira polida, controlando-se para não responder à altura a fim de evitar as conseqüências.

— Ah, sim, o trabalho — disse Tallis, vendo que Georgina resolvera não ir além. — Vamos ao trabalho, temos muito o que fazer hoje. Trouxe o bloco de anotações?

Não trouxera, para seu aborrecimento.

— O senhor não vai gravar o ditado?

— Você é capaz de taquigrafar?

Sem responder, Georgina foi pegar o bloco. Devia ter pensado antes de fazer a pergunta. Ela vira a sra. Fry datilografando da taquigrafia, portanto, devia saber que Tallis não usava sempre o ditafone.

Mais tarde, durante a manhã, Tallis lhe disse que ia sair e que, talvez, estivesse de volta durante o horário de almoço. Os recados deveriam ser gravados; ouviria na volta.

Feliz por ficar só, Georgina respirou aliviada. Sentia-se um pouco nervosa por ter de gravar os recados.

O primeiro telefonema que recebeu foi o de uma mulher de voz sensual. Hesitou em deixar o recado, mas acabou se decidindo. Georgina gravou: "Naomi Garrick ligou para agradecer pela noite divina. Aguarda telefonema". Ouvindo a gravação, Georgina achou que conseguira imitar muito bem a entonação lânguida da voz de Naomi Garrick.

Tallis já estava no escritório quando Georgina voltou do almoço. Àquela altura, Tallis deveria ter tomado conhecimento dos recados telefônicos, mas, como nada lhe disse, ela também nada perguntou.

Já passava das cinco. Georgina continuava concentrada em seu trabalho quando percebeu que Tallis, saindo de sua sala, parara em frente a sua mesa.

— Fazendo hora extra?

— Cinco e dez! — Georgina exclamou e acrescentou: — Como a tarde passou depressa!

— Gostando do seu trabalho?

— Só posso estar. Mal vi o tempo passar!

— É melhor ir para casa agora — sugeriu Tallis em tom cordial. — Você teve hoje um dia pesado.

— Vou terminar o que estou fazendo.

— Tem compromisso para hoje à noite? — Tallis perguntou antes que Georgina recomeçasse a datilografar.

Isso não lhe dizia respeito, mas, considerando que pela primeira vez estavam tendo uma conversa amigável, preferiu não ser agressiva nem mentir dizendo que sim.

— Não — respondeu. — Esta noite, não.

Olhou de relance para Tallis e percebeu que ele estava sorrindo. "O fato de saber que não vou sair com Desmond deixou-o satisfeito", pensou Georgina. Se Edgar Rankin indagasse, Tallis poderia lhe dizer que sua secretária temporária não costumava ver Desmond todas as noites.

— O sr. Rankin sabe que estou trabalhando para o senhor? — Georgina quis saber.

— Naturalmente — respondeu Tallis.

— Talvez tivesse sido melhor deixá-lo na ignorância.

Assim que acabou de pronunciar a última palavra, Georgina já sabia que havia dito o que não devia. O ar de simpatia desaparecera do rosto de Tallis. O que importava a ela que Edgar Rankin soubesse ou não? Sua colocação fora infeliz, embora a intenção fosse boa. Se o sr. Rankin soubesse de sua presença temporária na Chesterton, Tallis ficaria livre das eventuais queixas por parte do tio.

— Quando você me conhecer melhor — Tallis falou, sério — vai saber que não é do meu feitio esconder dos diretores da companhia qualquer decisão minha, mesmo as passíveis de críticas.

Tallis saiu sem receber um boa-noite de Georgina, que se voltou para a máquina de escrever sem nada dizer. Daquela data em diante, suas relações com Tallis York seriam estritamente profissionais, decidiu.

Na manhã seguinte, Tallis chegou ao escritório antes de Georgina.

— Bom dia, Georgina — cumprimentou, assim que ela entrou.

Não havia sinal de animosidade em sua voz. Talvez ele estivesse feliz por ter saído outra vez com Naomi, Georgina pensou com certo mal-estar.

— Bom dia, sr. York — respondeu. Seu ar altivo nunca estivera tão evidente como naquela manhã.

— Deixe a bolsa e venha aqui, sim?

Georgina seguiu as instruções, pensando que, como de hábito, Tallis deveria estar pronto para ditar. Tirou o blazer cinza do conjunto, colocou-o no encosto da cadeira e, para não repetir o erro do dia anterior, apanhou o bloco e o lápis. Georgina percorreu o trajeto da porta à mesa sob o olhar penetrante do sr. York. Consciente de sua boa figura, valorizada pela saia branca de jérsei, cruzou a sala e sentou-se no lugar que lhe era destinado, ao lado da mesa. Estava pronta para tomar os ditados.

— Pode me chamar de Tallis — ele sugeriu, sem a animosidade da noite passada.

— Obrigada — agradeceu Georgina. Não pretendia se entusiasmar com a alvorada festiva do sr. York.

— Ainda zangada comigo?

— Zangada com o senhor? — repetiu admirada e, com voz polida, continuou: — Não tenho idéia do que...

Não foi adiante. Tallis desatou a rir, e o ar tranqüilo, assim como a postura nobre de Georgina, ruíram por terra. Tallis estava rindo dela.

— Ah, Georgina, você é impagável — comentou ele, parando de rir, mas ainda com ar divertido. — Você estava louca de raiva ontem à

noite; nem se despediu de mim, e hoje veio trabalhar disposta a me ignorar, não veio?

— Vim trabalhar porque sou sua secretária, sr. York. Para mim, tanto faz que meu chefe seja o senhor ou outra pessoa qualquer. Não estou interessada em personalidades — protestou Georgina com afetação ensaiada.

— Você não acha que nossa relação de trabalho seria mais harmoniosa se fôssemos um pouco mais... cordiais?

Para Georgina essa proposta era um engodo, já que para ele o que importava não era o relacionamento, mas o trabalho em si.

— Não, não acho — Georgina respondeu com firmeza.

Tallis sentou-se e esperou que ela tivesse algo mais a dizer.

Sentindo-se abalada por ter sido escarnecida, Georgina preferia dar o assunto por encerrado; porém, apenas à guisa de esclarecimento, disse:

— Ontem, achei que o senhor estava sendo sincero, mas no minuto que baixei a guarda e demonstrei, como sua secretária, estar preocupada em lhe evitar aborrecimentos junto ao sr. Edgar Rankin, fui duramente atingida.

— Então você ficou zangada. Feri seus sentimentos, não foi?

— E isso o incomoda?

— Feri seus sentimentos mais vezes?

Georgina não respondeu, e Tallis insistiu:

— Feri, não é verdade? Teria sido quando disse que você não poderia ser amiga de Warner tanto tempo sem ter ido para a cama com ele?

— Isso não é importante. — Georgina estava renitente; não falaria mais sobre o assunto. Não valia a pena...

— Isso é importante, sim. Julguei mal a situação, Georgina? Permiti que comentários ouvidos aqui e ali, aliados ao conhecimento que tenho da vida, das pessoas, empanassem o julgamento que fiz de uma mulher que poderia ser diferente?

Naquele momento, a vontade de Georgina era mandá-lo às favas com seu julgamento, porém, respondeu:

— O que eu disse sobre meu relacionamento com Warner é verdade. Fica a seu critério acreditar ou não.

Tallis conteve-se por um momento. O tom da voz e a expressão de Georgina contrastavam com sua maneira de ser quando estava na defensiva. Olhou-a nos olhos como que tentando decifrar seus pensamentos. O silêncio de Tallis era uma prova de suas dúvidas.

Georgina o observava e achou que o havia, por fim, convencido da veracidade de suas palavras. Felizmente, acreditava nela!

— *Honni soit qui mal y pense* — disse Tallis, pensando alto.

Georgina levou apenas um segundo para se lembrar de onde ele tirara tal pensamento. Tratava-se do lema da Ordem da Jarreteira: "Amaldiçoado seja aquele que julga mal". Com um sorriso que faria derreter uma geleira, ela deu sua própria interpretação: "Você vai me perdoar por ter pensado o pior, Georgina?". Ficou emocionada com seus próprios pensamentos. Afinal, Tallis York, grande conhecedor da vida e da humanidade, dava-lhe o benefício da dúvida e, ainda, pedia-lhe para perdoá-lo.

— Sim — Georgina respondeu. Porém, sua alegria durou pouco.

Tallis fitou-lhe a boca e depois os olhos. Era fria sua expressão.

O sorriso de Georgina tivera o efeito de uma bomba. Atingiu-o como um golpe!

— Você é mais generosa do que eu mereço. Agora vamos ao trabalho! — E, assim, encerrou o assunto.

Durante o almoço, Georgina pensou com satisfação que aquela manhã correra melhor que o dia anterior, apesar do trabalho ser o mesmo.

Tallis teve de sair no período da tarde, e Georgina não sabia quando ele deveria voltar. O telefone tocou, era Desmond. Soubera através da Parton & Naylor onde encontrá-la. Georgina ficou satisfeita por ouvi-lo.

Enquanto conversavam, crescia a preocupação de Georgina, com medo de que Tallis voltasse enquanto ela estivesse falando com Desmond.

— Eu... — Georgina hesitava. Tinha de decidir entre a afeição de Desmond e a advertência de Tallis dizendo que Lara poderia voltar para o marido se ela não interferisse.

— Vou ficar maluco sentado sozinho naquele apartamento esta noite! — disse Desmond em desespero.

Sem outra alternativa, Georgina teve de concordar.

— Está bem. Vamos a um lugar bem alegre — disse em tom carinhoso, tentando lhe dar força.

Naquele momento, a maçaneta da porta girou. Georgina viu a porta se abrir e ouviu a voz de Tallis, enquanto anotava a hora combinada com Desmond. Em tempo, despediu-se e desligou o telefone. Tallis fora assediado por alguém no corredor e continuava falando do lado de fora.

Quando entrou, Georgina estava ocupada, datilografando.

— Algum recado?

— Como não sabia quando o senhor estaria de volta, gravei os recados. Naomi Garrick ligou hoje, outra vez.

Georgina não tinha pressa de ir para casa. Desmond dissera que ligaria às oito horas. Esperava que ele estivesse mais calmo para que pudessem conversar sobre o que Tallis lhe dissera a respeito de Lara.

Às sete horas, a campainha do apartamento de Georgina tocou. Ainda não tinha tido tempo de se trocar. Abriu a porta e exclamou!

— Desmond! — Ficou assustada com sua aparência. Parecia não ter dormido desde a última vez que o vira. Seus olhos estavam fundos. — Não o esperava antes das oito — continuou, amável, afastando-se para que Desmond entrasse.

— Eu disse que vinha às sete.

— Foi? Então entendi mal — apressou-se a dizer. Com certeza, enganara-se na ânsia de desligar antes que Tallis entrasse no escritório. — Bem, não faz mal. Estarei pronta em um minuto. Enquanto espera, sente-se e leia o jornal — sugeriu, embora achasse melhor que Desmond se encostasse e tirasse um cochilo para descansar.

— Em quanto tempo você estará pronta? — Desmond quis saber.

— No máximo, em meia hora.

— Você se incomoda se eu trouxer minha pasta para trabalhar um pouco enquanto espero? Ainda não me livrei da viagem à Bélgica.

— Vou fazer um café para você tomar enquanto trabalha.

Desmond desceu, e Georgina ficou na porta à espera de que ele voltasse com a pasta.

CAPÍTULO V

No final, acabaram não indo "a um lugar alegre" como haviam combinado. Desmond sentia-se exausto e estava longe de ser "a alma da festa". E foi assim que Georgina aceitou, com facilidade, a sugestão de Desmond para irem a um restaurante tranqüilo, onde já haviam estado antes.

Georgina estava louca por saber como Desmond e Lara haviam terminado a noite quando se encontraram no restaurante, mas não queria ser indiscreta. Parecia óbvio que a felicidade que Tallis e ela testemunharam no restaurante, por alguma razão, não fora tão duradoura.

Seria melhor falar de amenidades. Entre outros assuntos, Georgina contou como chegara a secretária de Tallis York.

— Você está se dando bem com ele? — quis saber Desmond, esforçando-se para não se deixar abater ainda mais pelo desânimo.

— Sim, estou — admitiu Georgina. Gostaria de lhe contar os sórdidos rumores que circulavam entre os parentes de sua mulher com referência ao grau de amizade que os unia, mas se conteve.

Afastando esse pensamento, continuou falando de como estava envolvida com a intensidade de trabalho da Chesterton, da potência

intelectual que era Tallis York em seu trabalho e de outros fatos do dia-a-dia.

— Para mim foi uma surpresa saber que você e Tallis já se conheciam — observou Desmond, pela primeira vez fazendo referência à noite em que os quatro jantaram juntos.

— Para mim também foi uma surpresa saber que você era parente de Tallis por afinidade — Georgina comentou.

— Eu nunca mencionei que a família de Lara estava ligada à Chesterton? — Fez uma pausa e respondeu à própria pergunta: — Não, acho que nem mencionei, já que foi por causa da Chesterton que Lara me abandonou.

Sua amargura transformou-se em angústia.

— Meu Deus, gostaria de nunca ter ouvido falar dessa empresa. Se não fosse pela idéia fixa de Lara em me ver na diretoria da Chesterton, ainda estaríamos juntos.

Georgina aceitara suas palavras como um desabafo, pois sabia que aquele casamento já andava em crise há mais tempo. Se Lara amasse Desmond como Tallis dizia, então a carreira profissional não deveria ter prioridade sobre o amor.

Desmond havia mencionado Lara. Talvez ele estivesse a fim de falar sobre a noite de segunda-feira. Georgina pensou no que dizer para dar abertura às confidencias de Desmond, caso fosse esse seu desejo.

— Você se importou que Tallis me levasse para casa na outra noite? — Essa pergunta levara direto ao fato de Desmond ter ficado a sós com Lara. Mas, também, poderia ser interpretada como uma

desculpa de Georgina por ter saído com um homem e voltado para casa com outro.

— Não, de forma alguma — foi a resposta.

Georgina gostaria que Edgar Rankin estivesse ali para ouvir Desmond. Teria ficado claro para ele e para quem mais ouvisse que Desmond não a via senão como uma boa amiga.

— Confesso que fiquei satisfeito por ter ficado a sós com Lara — continuou Desmond. — Seu esquecimento foi providencial, Georgina; justo os papéis que Tallis tanto precisava para a reunião do dia seguinte! Foi uma noite maravilhosa para mim. Tinha os contratos da Bélgica assinados e fechados e uma noite de esperanças pela frente! Confesso que o início da noite não foi dos melhores, mas, assim que você e Tallis saíram para dançar, Lara se transformou e voltou a ser a mulher com quem me casei. Foi maravilhoso, Georgina — enquanto falava, seus olhos brilhavam. — Quando vocês dois saíram, Lara e eu dançamos e nos sentimos como se tivéssemos vinte anos outra vez.

Georgina estava encantada diante do olhar sonhador, do deslumbramento e da emoção de Desmond ao relatar o episódio.

— Não ficou por aí — prosseguiu Desmond. — Depois que saímos do Bellington, Lara mostrou desejo de rever nosso apartamento. Mal pude acreditar, pois, desde que partira, não passou nem pelas imediações do nosso prédio. — Fez uma pausa. Sua expressão mostrava que, naquele momento, Georgina não fazia parte de seus pensamentos.

Se tudo correra bem até ali, então, em algum ponto, algo saíra errado, pensou Georgina. Aquela terrível depressão que estava consumindo Desmond só poderia ser fruto de um grande

mal-entendido. Naquele momento, Desmond acordou de seu sonho. A luz de seus olhos se apagou e toda a miséria que lhe ia na alma estampou-se em seu rosto. Georgina viu suas mãos se crisparem sob a mesa; estava muito emocionado. Fez uma pausa e, mais controlado, falou:

— O amor nos deixa cegos! Naquela noite eu estava vivendo num mundo de fantasia. Cheguei a pensar que Lara deixaria o pai para voltar para mim, no dia seguinte. — Um sorriso amargo aflorou em seus lábios. Falou com se estivesse revivendo a cena. — Estávamos tomando o café da manhã quando Lara me disse que o lugar na diretoria da Chesterton ainda estava à minha disposição. Seu pai andava pensando em se aposentar e, de certa forma, estava deliberadamente abrindo espaço para mim. — Desmond deu um suspiro profundo. — Não sei como tudo começou, mas, quando percebi, já estávamos nos agredindo em meio a uma grande discussão. Lara continua a mesma... Foi tudo uma ilusão.

Georgina ficara surpresa por saber que Lara passara a noite com Desmond e mais surpresa ficou por ver que, apesar disso, se mantivera firme em seus propósitos. Não era de admirar que Desmond estivesse tão desolado!

Pelas revelações do amigo, uma coisa era certa: a teoria de Tallis de que ela era um empecilho entre o casal não fazia mais sentido. Poderia continuar a ser amiga de Desmond sem se preocupar. Mas, pensou Georgina, e aquele olhar maldoso que Lara lhe lançara durante o jantar? Tinha a impressão de que por detrás das palavras de Tallis havia algo que precisava ser descoberto.

— Desmond — começou a falar, mas fez uma pausa. Estava em dúvida se devia ou não continuar. — Você... você não acha que Lara pode estar aborrecida por não aprovar nossa amizade?

— Aborrecida com nossa amizade? Você quer dizer que ela poderia estar com ciúme? — Deu uma risada amarga — Não, não acredito. Lara sabe que não há razão para ter ciúme; sabe que para mim não há no mundo outra mulher além dela.

— Então você não acha que Lara poderia... Bem, quero dizer... Será que nossa amizade não poderia ser uma das razões que a impede de voltar para você?

— Já lhe disse qual é a barreira que está impedindo nossa reconciliação. É a vaga na diretoria da Chesterton que eu não tenho a mínima intenção de aceitar. Minha firma está começando a crescer. Esse contrato na Bélgica deu um tremendo impulso em meus negócios... — parou de falar. Sua expressão era de tristeza. — Por Deus, Georgina, não vá me abandonar agora. — Desmond segurou-lhe as mãos. — Para mim é importante vê-la, falar com você, contar com você. Georgina, você é a minha válvula de escape! É a única pessoa que consegue me ajudar a manter o equilíbrio nessa situação em que me encontro. Por favor, minha amiga, não me abandone justo agora!

Foi preciso que Georgina, durante todo o jantar, jurasse e confirmasse que nada seria mudado entre eles para que Desmond acreditasse em sua promessa e se tranqüilizasse. Ele estava tão frágil e carente que Georgina decidiu ajudá-lo a superar essa fase de depressão.

Assim que chegou em casa, Georgina foi direto para a cama. Estava exausta. Lembrou-se que sua amizade com Desmond começara porque ele se sentia muito só, e continuou porque ela precisava de uma companhia segura, sólida e confiável como a dele. Com o passar do tempo, o relacionamento entre eles se transformou numa espécie de convívio entre irmãos, que gerava a força utilizada por ambos para enfrentar problemas, como a crise matrimonial vivida por Desmond naqueles últimos meses. Georgina tinha esperanças de que, em uma ou duas semanas, no máximo, Desmond conseguisse transpor todos esses entraves que o oprimiam.

A campainha da porta acordou Georgina de um sono profundo. Olhou o relógio, eram sete e quinze. Levantou-se, vestiu o roupão, passou uma escova no cabelo e, ainda atando o cinto, dirigiu-se à porta.

— Desmond! — exclamou espantada. — O que...

— Me desculpe por acordá-la tão cedo — tentou se justificar, dizendo: — Esqueci minha pasta aqui, ontem à noite.

— Entre. Onde você a deixou? Eu não a vi.

— Deixei ao lado do sofá — disse, entrando na sala. — Aí está; fico perdido sem esta pasta — e, como se apenas naquele momento percebesse que Georgina ainda não tivera tempo de se trocar, desculpou-se outra vez, dizendo: — Já estou saindo.

— É melhor eu descer com você para trancar a porta, senão o prédio todo reclama se ela ficar aberta.

Desceram a escada falando baixinho para não incomodar os vizinhos. Antes de se despedir, Desmond quis saber o que Georgina

ia fazer no fim de semana. Ele, talvez, viajasse. Recebera um convite para conhecer a casa que um amigo tinha comprado à beira de um rio. Poderia descansar um pouco. Mas, caso não fosse, ligaria para ela.

Ainda conversavam, quando Georgina viu um carro vagamente familiar que, ao se aproximar, diminuiu a marcha. Ao reconhecer o motorista, Georgina perdeu a noção do tempo e do espaço; Tallis York olhava-a com desprezo... Acelerou e desapareceu na primeira esquina.

Georgina estava arrasada. Tinha vontade de correr atrás do carro e gritar com todas as suas forças que não era o que ele estava pensando... E Desmond continuava falando. Dizia que, como estavam no início da temporada da pescaria de trutas, era bem provável que aceitasse o convite de seu amigo.

Despediram-se. Georgina voltou para o apartamento e olhou-se no espelho; cabelo em desalinho, roupão mal ajeitado, um horror!

Apenas algumas horas atrás, Tallis começara a acreditar nela, mas, depois do que havia presenciado naquela manhã, nada mais o faria mudar de idéia a seu respeito.

Só se ela pedisse a Desmond para ligar e explicar a Tallis... Não, não era uma boa idéia. Desmond não tinha visto Tallis passar e, além do mais, estava à beira de uma depressão; não podia incomodá-lo.

E, pensando bem, que importância tinha que Tallis York acreditasse ou deixasse de acreditar em suas palavras?

Tomou banho, vestiu-se e saiu para chegar a tempo no escritorio; pena que as conquistas da véspera tivessem durado tão pouco.

Nem bem entrou, sentiu que o bom astral do dia anterior já era coisa do passado. A porta entre os dois escritórios estava aberta, e Tallis já esperava por ela. Não sorriu nem olhou para verificar se era ela mesma quem estava lá. Georgina reteve a respiração, mas não por muito tempo, pois morreria antes que ele a chamasse.

Num impulso, dirigiu-se à porta.

— Tallis... — começou, mas o olhar furioso de Tallis a conteve.

— Gravei os ditados. — Sua voz era áspera. — Feche a porta ao sair.

Georgina se retirou e bateu a porta atrás de si. Quem era ele para julgar sua moral? No dia anterior, ouviu-a e esteve a ponto de acreditar em sua verdade, hoje, no entanto, não suportava sua presença nem para tomar os ditados! Que fosse para o inferno! Decidida, começou a martelar com fúria sua máquina de escrever.

Já fazia mais de uma hora que Georgina estava enterrada em seu trabalho quando a porta se abriu e Tallis saiu. Ela se recusou a olhá-lo e continuou a trabalhar. Tinha a sensação de que estava sendo examinada, mas concentrou-se no que fazia para não errar e ter de parar. Naturalmente, errou. Tirou as mãos do teclado, levantou os olhos e encontrou o mesmo olhar furioso que vira de manhã.

— Posso lhe ser útil? — indagou com indiferença.

— Você ser útil para mim? Não, não pode, em nada. — Esperou apenas, para ver pelo olhar indignado de Georgina que ela havia captado sua mensagem. Deu meia-volta e saiu.

Georgina ficou perturbada. Ah, se estivesse em posição de não estar mais ali quando ele voltasse! Ah, se fosse capaz de sair e deixar uma mensagem gravada com voz bem suave, dizendo exatamente o

que ele podia fazer com aquele emprego! Quando lhe perguntou se podia ser útil, referia-se ao trabalho, mas ele logo deu uma conotação pessoal e insolente a sua pergunta.

O telefone tocou no exato momento em que Tallis entrava.

— Alô, Georgina, é Lara Warner quem fala. Por acaso Tallis está disponível?

— Vou passar a ligação — respondeu Georgina, sem se preocupar em saber se ele queria ou não atender. — Sra. Warner para o senhor — disse, determinada em manter um relacionamento formal.

— Atendo em meu escritório.

Georgina não estava interessada no telefonema, mas, como a porta ficara aberta, não pôde deixar de ouvir quando Tallis falou:

— Não chore, Lara. Ele não vale suas lágrimas. — Houve uma pausa e, depois, Tallis continuou: — Ele lhe disse isso? — Mais uma pausa e, certo de que Georgina estava ouvindo, disse: — Apesar do fato, sei que não vai durar muito tempo.

A esta altura, Tallis deu meia-volta, e seu olhar cruzou com o de Georgina, que permanecia estática. Olhando para ela, falou com Lara:

— Ela pode ser bonita para se ver, mas do meu ponto de vista nada tem que a recomende. Tenho certeza de que em pouco tempo Desmond estará cansado dela. Você tem a minha palavra de que os dois não serão amantes por muito mais tempo.

Georgina estava estarrecida. Não havia dúvida; falavam dela. Uma onda de raiva a invadiu e, sem pensar, ela se levantou. Ouviu ainda quando Tallis disse a Lara que ia levá-la para almoçar. Georgina não se conteve mais e, tempestivamente, entrou no escritório de Tallis. Ele acabara de desligar o telefone.

— Como o senhor se atreve a falar de mim dessa maneira? — A agressividade e a raiva davam força à expressão de Georgina, ressaltando ainda mais sua beleza.

Se Tallis notou, não demonstrou quando falou:

— De que parte você faz objeção? Outras pessoas já devem ter dito que você é uma moça bonita.

— O senhor sabe muito bem que não é disso que estou falando.

— Por acaso você está irritada porque eu disse a Lara que Warner logo estará cansado de você? Ou foi porque eu disse que você não tem nada além da beleza para prender um homem?

— Sua opinião pouco me importa. Ontem o senhor parecia entender a verdadeira situação entre mim e Desmond, mas agora acaba de dizer a Lara que sou amante do marido dela! O senhor...

— O que prova que eu também posso errar. Ontem, acreditei em você e achei que suas palavras eram sinceras. Hoje de manhã, vi que errei. Bastou ver Desmond saindo do seu apartamento e você, à porta, com roupa de dormir, como se tivesse acabado de sair da cama. Estou farto de suas mentiras e de sua desonestidade, Georgina. Mesmo depois do que Warner disse a Lara, você continua insistindo em esconder a verdadeira natureza do seu relacionamento com ele.

— Esconder o que... — Georgina estava furiosa e confusa. Tudo que Desmond dissesse a Lara confirmaria sua inocência!

— Lara falou com Desmond pouco antes de me ligar. Ficou desesperada com o que o marido lhe contou sobre você; ela acha que agora não há mais possibilidade de reconciliação.

Georgina mal podia pensar, mas procurou entender a situação. Lara sabia muito bem que Desmond a queria de volta, mas Georgina perderia seu tempo argumentando este ponto com Tallis, que estava predisposto a não acreditar em nenhuma palavra do que ela dissesse. Mas, por Deus, o que Desmond poderia ter dito para fazer Lara chorar?

— Lara se aborreceu depois de falar com Desmond? — indagou com o intuito de saber por que ela parecia ser o pomo da discórdia entre os dois.

— Sim. Acho que é uma reação mais do que natural para qualquer mulher na posição em que ela se encontra. Lara está bem a par da situação entre vocês. Desmond não precisa lhe dizer que você está apaixonada por ele.

— Apaixonada por ele? Desmond disse isso a ela?

— Você pode negar?

Se o tom da voz de Tallis tivesse sido menos agressivo, se Georgina percebesse que havia a mais leve esperança de fazê-lo acreditar em suas palavras, teria tentado, mais uma vez, expor sua versão dos fatos. Mas, diante da situação, não valia a pena tentar; seria como malhar em ferro frio.

— Se eu negasse, o senhor acreditaria em mim? — perguntou e, sem esperar resposta, retirou-se.

Quando Tallis passou por sua mesa, pouco antes do almoço, Georgina não levantou os olhos do trabalho. Ele estava indo almoçar com Lara. Não era preciso ser um gênio para saber que o nome de Georgina Underwood sairia de lá mais enxovalhado do que já estava.

Georgina voltou do almoço com o firme propósito de ligar para Desmond enquanto Tallis estivesse fora, em uma reunião programada para as três horas. Tinha de saber se Desmond havia dito a Lara que ela, Georgina, estava apaixonada por ele ou, como começava a suspeitar, Lara estava interessada em espalhar esse boato.

Desde que Tallis saíra do escritório, o telefone não parou de tocar. Já eram quase quatro horas quando Georgina conseguiu ligar para Desmond. Segundo a informação de Anne Spencer, sua secretária, Desmond já não estava lá.

— Tudo bem — disse Georgina. — É possível que eu o encontre em casa.

— Ele não foi para casa — explicou Anne. — Foi passar o fim de semana fora e saiu mais cedo para evitar o tráfego.

"Não agüento mais", pensou Georgina quando desligou o telefone, "estou no meio de uma crise conjugal que parece insolúvel". O bom senso lhe aconselhava a desistir da amizade de Desmond, mas seu coração lhe dizia que ele ficaria prostrado se ela o abandonasse naquele momento.

Ultimamente, Georgina andava rodeada de pessoas mal-encaradas. Ela mesma não era uma exceção; ainda mais naquele dia em que se levantara com o pé esquerdo. De repente, como se tivesse encontrado uma solução para seu problema mais imediato, pensou em Maggie, sempre em alto astral, e nos meninos. Então decidiu: iria para Kenilworth. Pelo menos por uns dias, queria esquecer todos os que a rodeavam.

Naquela mesma noite, acomodada no trem que a levaria a Kenilworth, Georgina começava a se sentir melhor. Depois que Tallis saíra para a reunião, não tornara a vê-lo, o que a deixara alegre.

De Londres, antes de seguir viagem, Georgina ligou para Kenilworth, mas não encontrou ninguém em casa. Antes de tomar o ônibus em Coventry, tentou outra vez, e, dessa vez conseguiu falar com Maggie, que ficou muito feliz com a surpresa de sua visita. Seguiu viagem. Quando o ônibus virou a esquina na rua que levava a sua casa, Georgina viu Nicole correndo em direção ao ponto de parada para ir ao seu encontro. A recepção foi efusiva. Tagarelando sem parar, Nicole insistiu em ajudar Georgina a carregar sua pouca bagagem.

Josh, muito compenetrado em seu papel de homem da casa, esperava por ela parado no portão. Ele não era tão falante como a irmã. De longe, Georgina acenou para Josh. Respondendo ao cumprimento, abriu o portão e foi recebê-la.

— Como vai indo na escola? — Georgina perguntou a Nicole, que seguia a seu lado.

— Estou tentando esquecê-la até segunda-feira... — Georgina riu. Nicole, a rebelde, detestava a escola desde o seu primeiro dia de aula.

Encontraram-se com Josh, e Georgina, para não ferir suscetibilidades, deu a ele o mesmo afago que dera a Nicole. Josh estava em idade de transição para a adolescência, fase em que qualquer demonstração testemunhada por amigos e vizinhos poderia deixá-lo embaraçado. Mas ficou feliz quando Georgina, com muita discrição e bastante carinho, lhe disse:

— Oi, querido!

Josh ajudou Nicole a carregar a mala e, sorrindo pela primeira vez, perguntou se Georgina fizera boa viagem. Era bom ver Josh tão crescido. Logo poderia ajudar Maggie, assumindo com ela as responsabilidades da casa. Josh abriu a porta de trás. Lá estava Maggie! A querida e extraordinária Maggie. Um pouco mais gorda, com mais alguns fios brancos nos cabelos castanhos, mas seus olhos, aqueles mesmos olhos lindos cor de avelã, brilhavam transmitindo com muito amor as boas-vindas a sua enteada. Nenhuma palavra foi pronunciada. Maggie apenas abriu os braços e enlaçou Georgina com muito carinho. Naquele instante, todas as lembranças daquele malfadado dia se apagaram da mente de Georgina. Era bom estar em casa!

Durante todo o fim de semana, nos momentos mais imprevisíveis, Georgina se surpreendeu várias vezes pensando em Tallis York. Ah, se conseguisse fazer como Nicole, que adiava para segunda-feira o que lhe parecia desagradável! Tinha de tentar apagar de sua mente todos os incidentes ocorridos a partir de quinta-feira à noite até o momento em que chegara a Kenilworth.

No sábado de manhã, Georgina foi ouvir o coral da cidade e, à noite, todos os quatro foram a pé até Abbey Fields. Georgina pretendia comentar com Maggie suas preocupações a respeito da amizade por Desmond, mas Maggie se adiantou, perguntando:

— Como está Desmond?

Georgina achou que não devia fazer confidencias. De certa forma, tudo parecia tão sórdido e, embora Maggie não fosse se melindrar, Georgina não achava justo preocupá-la com seus problemas.

— Ele está bem — respondeu após uma pequena pausa.

— Você ainda o vê?

— Sim, vejo. Como lhe escrevi, ele esteve viajando a negócios. Jantamos juntos duas vezes, esta semana.

— Você tem outros amigos, além dele?

Como Georgina conhecia Maggie muito bem, percebeu que esta segunda pergunta, aparentemente feita ao acaso, escondia algo mais importante. Quando escrevia para casa, Georgina costumava contar a Maggie com quem estava saindo na ocasião. Aquela pergunta, portanto, podia significar que Maggie não aprovava suas saídas com Desmond, razão pela qual apressou-se a explicar:

— Algumas vezes... Isto é, Desmond e eu somos apenas amigos, Maggie, nada mais.

Que bom que alguém acreditava nela! O olhar de Maggie mostrava que jamais pensara na amizade deles como algo diferente.

— Sei disso — disse Maggie, sorrindo. — Desmond vai precisar de uma amiga como você se aquela mulher continuar a fazer dele gato e sapato. Há sinais de que voltem a viver juntos?

— As evidências são poucas.

— Bem, eles tomarão a decisão quando chegar a hora, espero — comentou Maggie, e continuaram conversando de outras coisas.

No dia seguinte, depois de um almoço alegre, Georgina decidiu adiar sua volta a Londres para o dia seguinte, onde tomaria o primeiro trem que saísse de manhã. Georgina e Maggie, aninhadas em suas poltronas, conversavam quando o assunto tomou um rumo inquietante. Nicole tinha saído com umas amiguinhas, e Josh estava no quintal consertando a corrente da bicicleta.

Maggie, pela primeira vez, extremamente séria, voltou a abordar o assunto discutido na véspera, com referência a outros possíveis amigos de Georgina além de Desmond.

Diante da expressão, tom de voz e insistência de Maggie era um assunto que parecia encerrado, Georgina começou a se preocupar, sem compreender bem por quê.

— Suas cartas são sempre bem-vindas, Georgina, e nós todos gostamos muito de lê-las. Mas, quando as respondo e pergunto, por exemplo, por Hugh ou Ian, seus amigos mais recentes, você sempre diz que não está mais saindo com eles. Quando você estava aqui conosco e, depois, quando morou em Londres, sei que não havia problemas com seus namorados. Portanto, não acho que seja por sua culpa que nunca saia mais de uma vez com o mesmo rapaz, sem falar de Desmond, naturalmente.

Crescia a preocupação de Georgina. Ela nunca tinha associado seu plano de ficar solteira à capacidade de Maggie de ler nas entrelinhas de suas cartas. Como tinha sido idiota! Mas, antes mesmo que pudesse fazer algum comentário esclarecedor, Maggie continuou:

— É inadmissível que todos os rapazes que saíram com você desde que seu pai morreu fossem tão desprovidos de qualidades, que não houve interesse de sua parte em conhecê-los melhor.

— Maggie... — Georgina tentou falar, mas foi interrompida.

— Não, deixe-me terminar. Isso anda na minha cabeça há algum tempo. Você tem sido muito leal conosco, e nós a amamos por isso, mas não posso deixar de me preocupar com você.

— Preocupar-se comigo? — Essa era a última coisa que Georgina gostaria que acontecesse. — Maggie, não é necessário. Sinceramente...

— Acho que é necessário, sim — Maggie a interrompeu. — Eu a conheço, Georgina, conheço e lhe sou grata pela sua lealdade. Mas, se por nossa causa você está deixando escapar as oportunidades de sua vida, não posso deixar de me preocupar. Fico pensando se não estamos abusando de você. Na semana que vem você fará vinte e seis anos. Lembro-me muito bem que a ajudei a ir para Londres um ano antes de seu pai falecer. Apesar de toda a sua independência, você é uma moça caseira, ama a vida em família. Não me passa despercebido que, se você ainda está solteira, é porque está nos colocando em primeiro lugar em seus planos de vida.

— Maggie — Georgina não podia mais continuar calada — Estou solteira porque o homem certo ainda não me pediu em casamento.

— Mas você o aceitará se ele pedir? — Maggie quis saber. — Você seria capaz de se apaixonar? Ou, como suponho, abdicaria do seu direito de se casar e ter seus filhos para continuar nos enviando dinheiro todos os meses?

— Claro que me casaria — Georgina mentiu, sem pestanejar.

Maggie suspirou.

— Ah, Georgina. Você é admirável, mas sei que não está sendo muito sincera. Decidiu não se casar até que Josh entre na faculdade ou, ainda pior, até que ele possa usar um "doutor" antes do nome.

Maggie, sempre tão alegre, nem parecia a mesma com aquele ar tão acabrunhado. Georgina levantou-se de sua poltrona e foi para junto dela.

— Não fique triste, Maggie, por favor — pediu-lhe, tentando de todas as formas convencê-la de que havia dito a verdade; que só não se casara porque ainda não havia encontrado o homem de sua vida.

Georgina foi para a cama com mil preocupações na cabeça. No emaranhado de suas idéias estavam todos; de Maggie às crianças, de Tallis York a Desmond, passando por Lara e por outros... Sem falar do trabalho do escritório e das lides da casa.

Estava cansada, mas não conseguiu conciliar o sono.

CAPÍTULO VI

Na manhã seguinte, a caminho de Londres, Georgina já sabia que ia chegar ao escritório, no mínimo, com uma hora de atraso. Todos haviam acordado na hora certa, ou assim pensavam, até que, ouvindo as notícias pelo rádio, perceberam que não tinham se lembrado do horário de verão, que adiantava os relógios em uma hora a partir da meia-noite.

Nicole correu apressada para a escola, sem tomar café, com medo de tirar outra nota baixa por chegar atrasada. Por sua vez, Josh, que desde a noite anterior continuava calado como se algo o preocupasse, esqueceu-se de seus aborrecimentos e saiu à procura do tabuleiro de xadrez que costumava levar todas as segundas-feiras para jogar umas partidas com seus colegas depois da aula. Aflito, não conseguia

encontrá-lo, embora Nicole jurasse que o tinha guardado em "algum lugar". Foi Maggie que os ajudou a enxergar o lado cômico da situação, enquanto Georgina arrumava apressada sua maleta para voltar a Londres.

Pensando no estado de espírito em que Tallis se encontrava na sexta-feira, Georgina ficou imaginando que ele não ia achar graça alguma naquela história de atraso. O melhor a fazer era não começar a sofrer antes do tempo e, em Tallis, só pensaria quando necessário.

No decorrer da viagem, relembrou os fatos ocorridos no fim de semana; da conversa que tivera com Maggie na véspera e nos presentes que recebera por conta do seu aniversário. O pacote já havia sido feito para ser despachado no sábado. A única recomendação que recebera de Maggie e das crianças era para que os presentes só fossem abertos na quarta-feira, dia do seu aniversário. Lembrou-se, também, que contara a Maggie detalhes sobre seu atual emprego na Chesterton. A fim de disfarçar sua hesitação ao pronunciar o nome de Tallis, e também para evitar que Maggie percebesse seu aborrecimento e tivesse mais um motivo para se preocupar, Georgina descreveu-o como um homem charmoso, de quem ela gostava muito.

Quando o trem parou em Euston, Georgina tentou, por todos os meios, chegar ao escritório o mais cedo possível. Desceu do táxi e consultou o relógio; eram quase dez horas.

Entrou no escritório com a desculpa já ensaiada, mas se deparou com Tallis, que saía de sua sala, e percebeu que seria inútil dar qualquer tipo de explicação. Ele ficou transfigurado ao vê-la, demonstrando cansaço e carregando uma maleta.

Tallis estava irritadíssimo. Georgina, com o coração batendo desordenadamente, tentou dizer alguma coisa, mas tudo que conseguiu foi:

— Eu...

Não continuou, porque as palavras de Tallis caíram como uma bomba sobre sua cabeça.

— Você não tem o mínimo respeito pelas pessoas, pouco se importa que os outros se aborreçam, contanto que você esteja bem.

— Desculpe-me o atraso — Georgina disse bem depressa, na esperança de que seu pedido de desculpas pudesse amenizar um pouco a situação. Tudo isso porque estava uma hora atrasada? E do que ele estava falando? A quem ela havia aborrecido? Passara fora o fim de semana, e...

— Sei muito bem onde e com quem você esteve! — vociferou Tallis.

Foi tão grande o susto, que Georgina estremeceu. Tinha a sensação de que ele ia agarrá-la e sacudi-la até não poder mais.

— O senhor sabe? — gaguejou, completamente confusa. Ela não havia dito uma palavra sobre sua viagem a Kenilworth. Na verdade, decidira viajar depois de Tallis ter saído para o almoço com Lara. E quem ele supunha que estava com ela?

— Você acha que pode se esconder atrás de seus segredos? Não consegue meter nessa cabeça que tem de parar de magoar os outros? Seu caso com Warner já foi longe demais. Você não se importa que esse adultério esteja matando Lara?

— Adultério? — Naquele momento, o medo que sentia de Tallis deu lugar a uma sensação de tranqüilidade e segurança. — Agora,

pare e... — tentou falar, mas suas palavras foram abafada pela voz de Tallis, que não tinha a menor intenção de ouvi-la.

— Você pensou que não seria descoberta, não é? Não que isso a incomode... mas porque Warner não gostaria que sua esposa soubesse. Você pensou apenas em você mesma, já que Warner ainda se preocupa com Lara e, para poupá-la, faz segredo de sua aventura. — Sua raiva era muito grande para ser contida. Sem pensar, Tallis agarrou Georgina pelos braços. Ela sentiu a pressão de seus dedos. — Foi uma pena, não foi? Lara ligou para o escritório de Desmond, na sexta-feira à tarde, disposta a se desculpar de alguma palavra mais desagradável que havia dito quando falou com ele naquela manhã. A secretária informou que Desmond viajara para passar o fim de semana fora.

Naquele instante, Georgina resolveu que nem sequer tentaria explicar. Que acreditassem no que bem entendessem... Que se preocupassem e se consumissem em suas sórdidas conclusões! Se Lara perdesse menos tempo pensando nela e se dedicasse mais ao marido, teria visto, antes que fosse tarde, que ele estava às portas de um colapso nervoso.

— E o que mais a prezada Lara lhe disse? — perguntou com sarcasmo, sem deixar transparecer o medo que sentiu quando as mãos de Tallis comprimiram seus braços com mais força. Percebendo a violência de seu gesto, Tallis soltou-a. Quando tornou a falar, já estava controlado, mas sua voz era fria.

— Minha prima e meu tio acham que gente como você não é um bom investimento para esta empresa. E eu estou inclinado a concordar com eles.

Georgina tentou se mostrar calma, mas sua palidez a traía.

— Afinal, estou para ser despedida... — falou num fio de voz.

— Ah, não, senhorita Underwood, seria muito fácil — disse Tallis. — Dou-lhe minha palavra de que seu emprego está garantido e, embora eu tenha certeza de que no seu dicionário não existe a palavra "honra", não tenho intenções de faltar com minha palavra. — Deliberadamente, deu um passo atrás para poder encará-la. Seu olhar era frio e duro. — Não, senhorita Underwood, não vou despedi-la, mas não se iluda, encontrarei alguma maneira de colocá-la na linha. — Em seguida, com toda calma de um homem acostumado ao controle da situação, virou-se e saiu do escritório.

Georgina não conseguia coordenar as idéias. Sentia-se massacrada. Afundou-se na cadeira; precisava se descontrair para tentar entender tudo o que havia acontecido.

No meio de todas as infames acusações de que fora vítima, Georgina se agarrou a um único ponto positivo a favor de Tallis York: a promessa de que ela não perderia o emprego e que nada o faria faltar com sua palavra. Mas isso não era suficiente para que ela não saísse à procura de um novo emprego. Como poderia continuar trabalhando para um homem que não apenas fazia dela um péssimo conceito, como também havia dito claramente que de alguma maneira iria colocá-la na linha?

Quando Desmond ligou no meio da tarde, Georgina não estava com ânimo para conversar. Porém, considerando o estado de espírito em que ele se encontrava, esforçou-se por parecer natural, mas, pela pergunta de Desmond, percebeu que fora malsucedida.

— Houve alguma coisa?

Georgina esteve a ponto de dizer que não, mas, em vez disso, perguntou:

— Desmond, você disse a Lara que estou apaixonada por você? — Assim que formulou a pergunta, arrependeu-se. Com certeza Lara tinha inventado essa mentira assim como inventara que ela e Desmond tinham passado o fim de semana juntos. Porém, pela demora da resposta, Georgina começou a se inquietar. — Desmond? — instigou-o.

— Bem, na verdade... — disse sem pressa.

— Ah, Desmond, você não fez isso! — exclamou, incrédula.

— Sinto muito — apressou-se a se desculpar. — Eu não queria, acredite-me, mas...

— Mas você sabe que isso não é verdade. Sabe que gosto de você, mas nunca lhe dei a entender...

— Eu sei, eu sei, mas eu não teria dito o que disse se Lara não tivesse me espicaçado. Ela tem andado um pouco amarga, ultimamente. — Era a primeira vez que Georgina ouvia Desmond falar alguma coisa contra a esposa e concluiu que ela deveria ter sido agressiva com ele. — Lara me disse que não sabia o que você via em mim e apostava que você me deixaria assim que aparecesse um outro qualquer. E... bem, para lhe dizer a verdade, fiquei um tanto estremecido, então me lembrei que você havia mencionado a possibilidade de Lara se aborrecer por sermos amigos. Lembrei-me de que eu descartara a idéia de que ela poderia sentir ciúme de você, mas como eu estava enraivecido, forcei a situação e consegui deixá-la enciumada. Disse a ela que, aparecesse quem fosse, não teria chance, porque você estava apaixonada por mim.

Georgina não se sentia bem quando terminou de falar com Desmond, que terminara a conversa dizendo que, se isso a preocupava, ele se retrataria, mesmo correndo o risco de ser escarnecido por Lara. Lembrando-se de como se sentira quando Tallis rira dela, Georgina disse-lhe que não se incomodasse. Afinal, que importância tinha tudo isso para ela?

Então inventou uma desculpa e recusou o convite de Desmond para saírem naquela noite. Mesmo sendo sua amiga e solidária com seus problemas, não queria vê-lo; bem que gostaria de não conhecê-lo tão bem nem de saber de sua solidão; seria a única maneira de conseguir tirá-lo de sua vida e de se ver livre de Tallis e de sua língua ferina.

Na manhã seguinte, Georgina deu graças a Deus por Tallis ter dado um jeito de cumprimentá-la civilizadamente. Se tivesse de agüentar mais um festival de hostilidades, seus nervos, que já estavam à flor da pele, ficariam em frangalhos.

— Bom dia, sr. Yor... — calou-se a tempo. Como havia se acostumado a chamá-lo pelo primeiro nome, se voltasse a ser formal poderia parecer ironia.

À tarde, o clima de desconforto que tomara conta do escritório na parte da manhã começava a se dissipar. Várias vezes, Tallis chamara-a pelo nome em substituição ao formal senhorita Underwood.

Quando o telefone tocou, Tallis estava se aproximando da mesa de Georgina.

— Você poderia... — dizia ele. Interrompeu a frase e, com um movimento de cabeça, deu a entender que Georgina atendesse o telefone.

— Alô!... Desmond? — disse Georgina, tentando ignorar a presença de Tallis a sua frente. — Sair hoje à noite? — perguntou. Mas, antes de responder, lembrou-se de que na noite anterior se propusera seriamente a restringir suas saídas com Desmond para o máximo de uma vez por semana, enquanto durasse o impasse entre ele e Lara. Quando a crise estivesse superada, então passariam a se ver apenas em ocasiões excepcionais.

— Podemos deixar para outra vez? — indagou Georgina e, aproveitando a excelente oportunidade que a presença de Tallis proporcionava, continuou, à guisa de explicação, mais para Tallis do que para Desmond — Passei o fim de semana fora e tenho muita coisa para fazer em casa.

Maldisse a hora em que levantou o olhar para Tallis. Sua expressão era de desprezo, dando a entender que ela estava tentando camuflar seu fim de semana com uma nuvem de fumaça para confundi-lo.

— Onde você foi? Para Kenilworth? — Era a voz de Desmond do outro lado da linha.

— Sim — respondeu Georgina, sem dar mais detalhes.

— Podemos, então, sair amanhã à noite? Amanhã é seu aniversário, não é? Você não pode ficar em casa sozinha amanhã. — De repente, teve uma intuição: — Você não está pensando em acabar com nossa amizade, está?

— Não, claro que não. Já que amanhã é meu aniversário, aceito seu convite.

Quando Georgina desligou o telefone, Tallis já não estava mais lá. O que ele viera lhe dizer, com certeza, não devia ser muito importante...

No fim do dia, ao cobrir a máquina de escrever para ir embora, Georgina se deu conta de que tudo voltara à estaca zero. Tallis não lhe dirigira mais a palavra. Ele saíra sem lhe dizer boa noite.

De manhã, Georgina se levantou com o firme propósito de que nada haveria de aborrecê-la naquele dia. A primeira coisa que fez ao sair da cama foi abrir os pacotes que Maggie e as crianças lhe haviam dado. Ficou enternecida com o perfume, talco e lenços que recebera de Maggie, Nicole e Josh.

Mas não foram só esses presentes que ganhou naquele dia. Ao entrar no escritório, viu de relance que a porta da sala de Tallis estava entreaberta e, virando-se, deparou com um lindo vaso de cravos sobre sua mesa.

— De onde... — começou a dizer, quando ouviu a voz de Tallis.

— Bom dia, Georgina, feliz aniversário.

— Foi o senhor? — perguntou hesitante, referindo-se às flores.

— Sim, fui eu — ele confirmou. — Você pensa que sou sempre intolerável?

Que resposta poderia lhe dar? Especialmente depois de ele ter se lembrado de seu aniversário para demonstrar que estava longe de ser uma criatura odiosa.

— Obrigada — disse, sem fazer alusão à pergunta que lhe havia sido feita. — As flores são lindas — acrescentou e sentou-se para dar início ao trabalho do dia.

Tudo corria bem naquela manhã. Georgina acreditava que o comportamento exemplar de Tallis York podia ser creditado à data de seu aniversário. Parecia até charmoso, como ela o descrevera a Maggie.

No fim da tarde, porém, Georgina começou a duvidar da sinceridade daquele charme. Entrara na sala de Tallis para esclarecer uma dúvida e vira sobre sua mesa uma quantidade imensa de papéis cobertos de números. Enquanto aguardava uma oportunidade para fazer sua pergunta sem interromper os cálculos de Tallis, Georgina observava-o e ficou imaginando como ele seria com mais vinte anos. Continuaria com aquele "algo mais" que tanto agradava às mulheres? As mulheres achavam-no atraente? Sabia que sim, não se podia enganar. E ela? Seria atraente para Tallis York? Uma voz interior instigou-a: "Você se esqueceu de como se sentiu quando foi beijada por ele, Georgina? Já se esqueceu de como se sentiu sobre a nova descoberta que fez sobre si mesma?"

— Parece preocupada — disse Tallis, interrompendo os devaneios de Georgina. — Há algo em que posso ajudá-la?

A oferta parecia sincera, mas jamais ele participaria de seus problemas pessoais. Respirou fundo, enquanto recorria à memória para se lembrar a que viera.

— Não há por que se preocupar — falou-lhe Tallis após resolver o problema que lhe havia sido exposto.

Georgina virou-se para se retirar, mas Tallis a chamou de volta. Atendendo, Georgina voltou e ficou aguardando as instruções.

— Como você vê — disse, indicando com um gesto os papéis amontoados sobre sua mesa —, tenho muito serviço a fazer. Acha que seria demais se eu lhe pedisse para trabalhar até um pouco mais tarde esta noite?

Sua voz e a maneira de falar eram encantadoras. Georgina deduziu que Tallis, à sua maneira, estava se desculpando por lhe fazer tal pedido, sendo aquele o dia de seu aniversário.

Para Georgina, trabalhar "até um pouco mais tarde" significava trabalhar, no máximo, uma hora mais além do horário normal. Se ficasse mais tempo, teria de cancelar o compromisso que marcara com Desmond. Por isso, quis saber:

— Por quanto tempo mais?

— Pelo volume de trabalho que tenho nessa pilha aqui, me daria por satisfeito se terminasse lá pela meia-noite.

"Meia-noite." Era demais, pensou Georgina. "E se eu me negar a ficar?" Conjecturou e, imediatamente, percebeu que caíra numa armadilha. Tallis montara uma estratégia para "colocá-la na linha", conforme prometera.

Seu amor-próprio falou mais alto e, utilizando-se das mesmas armas de Tallis, com muito encanto e grande dissimulação, disse com voz suave:

— Será um prazer ficar e ajudá-lo.

Ao voltar para sua sala, Georgina fechou a porta, que permanecera aberta o dia todo, entre os dois escritórios. Precisava

ligar para Desmond e cancelar o jantar daquela noite, e esse era um assunto particular, que Tallis não precisava ouvir.

Às oito horas, a cabeça de Georgina estava latejando, tal o volume de trabalho que fizera desde o final do expediente. Estava difícil esconder de Tallis o seu cansaço. Ele, pelo contrário e apesar de ter chegado mais cedo que ela no escritório, continuava trabalhando no mesmo ritmo e com o mesmo rendimento.

Faltavam dez minutos para as nove quando Tallis colocou a caneta de lado e disse:

— Está na hora, vamos sair e comer alguma coisa.

— Comer? — Georgina perguntou, surpresa.

— Ainda não jantamos, e você sabe que, se não sairmos, vamos ter de nos contentar, no máximo, com um sanduíche de queijo, servido em nossas mesas de trabalho.

Georgina nunca tinha sido convidada para jantar de maneira tão singular e, pela fome que sentia, acabou não resistindo à tentação de uma boa refeição.

Foram a um restaurante italiano. Estavam com tanta fome que pouco falaram durante o jantar.

— Obrigado pela ajuda que me deu esta noite. Não gosto de deixar trabalho pendente, além do que, vou precisar de alguns daqueles cálculos para amanhã.

— Mas você poderia ter se arranjado sem mim esta noite, não podia.

— Você seria capaz de descansar tranqüilamente sabendo que eu estava atolado em tanto trabalho?

Georgina pensou: "Não, não seria!", mas respondeu:

— É sempre bom poder ajudar.

O garçom lhes ofereceu mais café. Aceitaram. Eram quase onze horas quando Tallis a levou para casa. Desceram do carro e ficaram na calçada por um momento, enquanto Georgina agradecia o jantar, com toda a cerimônia. Quando se virou para subir os degraus de pedra que davam acesso à porta da frente, Tallis repetiu as palavras que lhe dissera logo de manhã:

— Feliz aniversário!

Georgina, sem saber o que dizer, respondeu apenas com um simples "boa noite".

Naquele instante, Tallis enlaçou-a com firmeza e beijou-lhe os lábios com ardor. E, com a mesma firmeza, afastou-a de si e, só então, respondeu:

— Boa noite!

Georgina subiu a escada às pressas, abriu a porta do prédio e entrou. Por alguns segundos, permaneceu parada, quieta, ouvindo o ruído da partida do carro. Só então, devagar, subiu para seu apartamento.

Desde que fora trabalhar na Chesterton, Georgina tivera sempre muito serviço e, aquele dia, com certeza, não seria uma exceção. Manter-se ocupada era uma forma de não pensar no beijo de aniversário que Tallis lhe dera na noite anterior.

Seu dia de trabalho terminou com a gravação de uma fita repleta de recados, dos quais Noami Garrick não constava. Enquanto se preparava para ir embora, Georgina se surpreendeu cantarolando uma canção. Estava feliz; tivera uma dia cansativo mas tranqüilo.

Depois de ter jantado e lavado algumas peças de roupa, estava pronta para uma prosa com sua família em Kenilworth. Costumava escrever todas as semanas, mas queria ligar para agradecer os presentes. Maggie atendeu e, tão logo começaram a conversar, Georgina percebeu que havia algo errado em sua voz. Como Nicole e Josh não estavam, pediu a Maggie que lhes dissesse o quanto apreciara o talco e os lenços que eles lhe haviam dado.

— Você foi a algum lugar interessante ontem à noite? Como não ligou, imaginei que tivesse saído para comemorar.

— Aconteceu alguma coisa, Maggie?

— Por que... Não... Nada. — Havia hesitação em sua voz.

— Você está preocupada com alguma coisa.

Georgina pensou em todas as possibilidades, e a primeira que lhe veio à cabeça foi dinheiro, embora Maggie estivesse acostumada a controlar um orçamento apertado. Talvez fosse algo que Nicole e Josh quisessem e Maggie não podia lhes dar. Continuou pensando, e sua intuição a levou a Josh. Àquela hora da noite, Josh costumava estar em casa estudando, e Maggie havia lhe dito que Nicole e Josh estavam fora.

— O que Josh andou aprontando?

O silêncio que se fez era revelador. E, quando Maggie falou, sua voz parecia arrastada:

— Como você sabe?

Então era Josh!

— Por favor, Maggie, me diga o que houve, caso contrário não ficarei sossegada e terei de ir até aí.

Deu certo. Com relutância, Maggie lhe contou tudo. Lembrou-a da conversa que tiveram no último domingo, sobre o fato de Georgina continuar solteira. Josh estava no quintal consertando a bicicleta, mas não ficara fora o tempo todo. Entrara para pegar uma lixa e, ao passar pela porta da sala, fora atraído pela conversa de Maggie e Georgina.

A voz de Maggie estava abafada e as palavras eram articuladas com dificuldade, como se pesassem tanto as suas preocupações.

— Josh está irredutível, vai deixar a escola no fim do semestre. Não quer que você se sacrifique por ele.

— Escute Maggie.

— Eu sei, eu sei. Usei todos os argumentos, mas você sabe que ele tira sempre suas próprias conclusões. Ele acredita que você está apaixonada por alguém e que não se decide porque não podemos nos arranjar sem sua ajuda. — Emocionada, Maggie fez uma pausa e juntou forças para continuar: — Desistiu da idéia de ir para a faculdade; disse que vai sair da escola e arranjar um emprego.

Georgina pensou no problema de Josh a noite inteira. Ponderou se devia ir a Kenilworth e conversar com ele, mas sabia que não iria adiantar. Se Maggie não pudera convencê-lo, ela também não seria capaz, a menos que tivesse alguma idéia brilhante que o forçasse a analisar o assunto.

Dormiu mal, e não era de admirar que, na manhã seguinte, seus olhos se mostrassem cansados e suas olheiras estivessem profundas. Mas, com a cabeça pesada e preocupada com Josh, a aparência era o último dos seus problemas.

Dez minutos após Georgina ter chegado ao escritório, Tallis entrou e, por algum tempo, permaneceu estudando aquele rosto cujo olhar denunciava todo o cansaço e preocupação que lhe consumia a alma.

— Bom dia — Georgina cumprimentou-o, vendo Tallis se aproximar de sua mesa.

Tallis não respondeu ao comprimento e disse:

— Parece que você não foi para a cama essa noite ou, se foi, estava acompanhada.

Aquele insulto caiu sobre Georgina como um jato de água fria. Mexeu com seus nervos, sentiu-se viva, pela primeira vez desde que acordara naquela manhã. A vontade que sentiu foi a de mandá-lo para o inferno.

— As uvas parecem-lhe azedas porque não estão a seu alcance — Georgina respondeu com aparente tranqüilidade.

Tallis não pôde disfarçar sua raiva. Com aquelas palavras, Georgina estava admitindo suas acusações. Sentia vontade de agredi-la. Levou algum tempo para que Tallis conseguisse controlar suas emoções e, quando conseguiu, sem dizer uma palavra, cerrou os dentes e foi para sua sala.

Nas horas que se seguiram, várias vezes, enquanto pensava em Josh, Georgina surpreendeu Tallis olhando para ela pela porta entreaberta entre os dois escritórios. Mais do que depressa, tratou de dissimular seus pensamentos para que Tallis não ousasse imaginar que ele era o centro de suas preocupações.

Pouco depois das onze, Tallis passou por Georgina com a clara intenção de sair do escritório.

Ele não queria lhe dirigir a palavra, mas, como precisava saber o que dizer às pessoas que o procurassem, ela o interpelou antes que se retirasse, talvez para não mais voltar pelo resto do dia.

— Você voltará? — quis saber. O olhar de Tallis parecia dizer: "Não me amole; não quero falar com você". Mas, caindo em si, entendeu o porquê da pergunta e respondeu:

— Só daqui a algumas horas.

Assim que Tallis saiu. Georgina voltou a pensar em como resolver o problema de Josh que tanto a preocupava.

À hora do almoço, ela saiu, mas estava sem fome. Pediu um sanduíche, mas não conseguiu comê-lo. Quando pegou uma xícara de café já estava na hora de voltar ao escritório.

"Graças a Deus ele ainda não chegou", pensou Georgina, preparando-se para reiniciar seu trabalho. Porém, pensou que, enquanto ela estivera fora, Tallis pudesse ter voltado, trabalhado um pouco e saído de novo para almoçar, então achou melhor ver se havia algum recado gravado para ela.

Estava ligando o gravador quando a porta da frente se abriu. Incrédula, fixou o olhar no jovem alto e magro que acabara de entrar. Sem olhar o que fazia, desligou o aparelho e não enxergou mais nada...

— Josh! — exclamou. — O que você está fazendo aqui?

CAPÍTULO VII

Georgina estava tão surpresa por ver Josh, usando a jaqueta da escola, ali parado a sua frente, que mal conseguiu se levantar para ir a seu encontro. Sua reação foi mal interpretada por Josh, que, preocupado, perguntou:

— Não devia ter vindo ao seu escritório? Não gostaria de lhe criar problemas, mas tinha de vê-la.

— Tudo bem, Josh — respondeu Georgina, refazendo-se da surpresa. — É que eu não esperava vê-lo aqui. Mas, afinal, o que você veio fazer em Londres? Veio com a escola?

— Não fui à escola hoje — confessou Josh, sem coragem de encará-la.

— Ah, Josh! — exclamou Georgina, tentando imaginar o que o trouxera a Londres, já que não viera com a escola e ainda por cima faltara à aula.

— Tinha de vê-la, Georgina — repetiu Josh para que ela não o julgasse mal. Então, para justificar sua presença, foi direto ao assunto: — Mamãe me contou que falou com você ontem à noite, portanto, acho que você também está preocupada comigo.

"Que menino de ouro", pensou Georgina. Ele levara suas responsabilidades muito a sério e, pelo que pudera deduzir, desejava lhe expor seu ponto de vista sobre o problema que desencadeara.

— Ouça, Josh — disse Georgina com o intuito de ir direto à questão e tentar fazer com que ele mudasse de opinião —, de maneira alguma há necessidade de você deixar a escola no final do semestre. Eu disse a Maggie que...

— Georgina — Josh interrompeu-a —, por favor, não me diga as asneiras que falou para minha mãe. Tive vários dias para pensar

sobre tudo o que vocês conversaram no último domingo e achei que alguma coisa estava errada.

"Por que Josh simplesmente não aceitava aquilo que ouvira?" Georgina tentava se lembrar dos detalhes de tudo que havia dito a Maggie para poder enfrentar os argumentos de Josh.

— Era tudo verdade — mentiu Georgina. — Cada palavra que eu disse...

— Que você não se casou porque o homem certo ainda não a pediu em casamento?

— Isso mesmo. Você é ainda jovem, Josh, portanto, conhece pouco as mulheres. Mas... mas quando for mais velho vai saber que as pessoas não se casam porque... porque devem se casar. Se não houver amor recíproco, bem... então é melhor ficar solteira. É verdade, querido. — Georgina esperava que seus argumentos tivessem sido convincentes.

— Você quer me dizer que ainda não foi correspondida no amor?

Consciente da situação embaraçosa em que se encontrava, Georgina sorriu para Josh.

— Ouça, Josh, talvez eu não tenha sido tão sincera quanto deveria com sua mãe no domingo, mas fiquei chocada por saber que Maggie andava preocupada comigo. Assim, quando soube, para não piorar a situação, acabei por não falar toda a verdade.

— Toda a verdade? Quer dizer que mamãe estava certa quando disse que você estava se sacrificando...

— Não; de jeito nenhum eu quis dizer isso. Nós estávamos falando sobre pessoas que se apaixonam...

— Então, você está dizendo que ama alguém que não quer se casar com você? É isso?

— Exatamente, é isso. — Se Georgina conseguisse fazer com que Josh acreditasse que seu amor não era correspondido, poderia mantê-lo na escola nesse meio tempo. Com um pouco de sorte o rapaz acabaria por pensar que ela continuava solteira por fidelidade a um amor sem esperança.

— Esse homem... esse homem por quem você se diz apaixonada é casado?

Para Georgina, seria mais conveniente dizer que sim para encerrar a questão. Porém, considerando que Josh, com seus quase dezessete anos, podia ainda não ter maturidade suficiente para aceitar que ela estivesse apaixonada por alguém que já tinha uma esposa, respondeu:

— Não, Josh, ele não é casado. Ele nem sequer sabe que eu existo. — Olhou para o relógio e tomou uma decisão: — Vamos sair e tomar um chá enquanto conversamos?

Josh concordou. Georgina pegou a bolsa e saíram. A caminho, Josh lhe disse que precisava ficar atento às horas para não dar à mãe mais preocupação ainda. Como Maggie não sabia que ele não fora à escola, era preciso tomar o trem a tempo de chegar em casa no horário habitual.

Eram quase quatro horas quando Georgina retornou à Chesterton. Estava bem mais feliz do que quando saíra. No escritório reinava o mais completo silêncio. Por sorte, Tallis ainda não havia chegado. Embora tivesse trabalhado na quarta-feira horas extras

suficientes para cobrir o tempo que gastara a mais com o chá, preferia não ter de dar satisfações a Tallis pelo seu atraso.

O pensamento de Georgina retornou à conversa que tivera com Josh quando foram de táxi à estação. Tinha de admitir que ele a colocara contra a parede por uma boa meia hora, crivando-a de perguntas que tinham lógica. Porém, Georgina achava que, felizmente, ele se convencera de que, se saísse da escola, iria lhe causar uma grande tristeza. E, ainda que ele não tivesse lhe prometido coisa alguma, tinha esperanças de que Josh ou Maggie logo entrariam em contato com ela para lhe dizer que tudo fora resolvido a contento.

Mais tranqüila, Georgina retomou o trabalho partindo da interrupção que fizera com a chegada de Josh. Onde havia parado? Ah, sim, estava verificando se Tallis deixara alguma recado gravado para ela. Por precaução, resolveu retroceder um bom pedaço de fita e foi até o recado que ela mesma gravara antes do almoço. Aguardou, esperando ouvir alguma instrução de Tallis, mas, atônita, ouviu sua própria voz exclamando: "Josh! O que você está fazendo aqui?" Na seqüência vinha a resposta de Josh e toda a conversa que haviam tido.

Imediatamente, Georgina entendeu o que ocorrera. Ficara tão surpresa com a chegada inesperada de Josh que, em vez de desligar o aparelho, às cegas, apertara o botão para gravar!

Georgina ouviu a fita. Não encontrou instruções de Tallis no final, o que dava a entender que ele não havia mexido no gravador. Que alívio! Não gostaria que ele tomasse conhecimento de sua conversa com Josh. Afinal, o assunto era de ordem pessoal. Seu alívio, porém,

durou pouco. Não era possível, mas ouvira barulho no escritório de Tallis. Só poderia ser imaginação! Para tirar a dúvida, contra seus hábitos, abriu a porta e entrou sem bater.

O olhar de Georgina cruzou a sala e encontrou os olhos negros de Tallis. A sensação que teve foi a de um inquietante desconforto. Lá estava ele, descontraído, a postos, analisando meticulosamente o mal-estar estampado sem disfarce no rosto de Georgina. Foi com uma certa dificuldade e muita insegurança que Georgina falou:

— Desculpe-me por não estar aqui quando você voltou.

Não houve resposta. Na esperança de que Tallis tivesse acabado de chegar e ainda não tivesse tido oportunidade de ligar o gravador, simulou calma e confessou:

— Tive de sair um pouco.

Quando Tallis falou, a aparência de naturalidade que Georgina tentava manter se dissipou.

— Josh chegou a tempo de tomar o trem? — indagou e, enquanto os olhos azuis de Georgina se abriam de espanto, Tallis ordenou: — Sente-se, Georgina. Parece que devo me desculpar com você.

— Desculpar-se? — indagou, tentando imaginar do que ele queria se desculpar. Sem dúvida, ela poderia enumerar várias coisas das quais ele poderia muito bem se desculpar, mas era provável que Tallis quisesse se desculpar por ter ouvido, acidentalmente, a gravação de sua conversa com Josh.

— Não sabia que tinha acionado o botão para gravar. Pensei que estivesse desligando o gravador.

— Quando cheguei, vi o botão "gravando" acionado e achei que você tivesse deixado um recado dizendo onde tinha ido.

Georgina tinha esperanças de que Tallis se desculpasse por ter, sem querer, ouvido uma conversa particular, mas enganou-se. Assim que tomou fôlego, Tallis foi logo dizendo:

— Achei sua conversa muito interessante, para não dizer esclarecedora.

De forma alguma aquilo era um pedido de desculpas! Tallis parecia até disposto a discutir alguns pontos de sua conversa, como provava a pergunta que fez a seguir:

— Afinal, quem é Josh?

— Meu meio-irmão — respondeu Georgina, muito embora estivesse determinada a não discutir, a não entrar em detalhes sobre o que Tallis pudesse ter ouvido.

— E, diga-se de passagem, um irmão bastante preocupado — opinou Tallis antes que Georgina pudesse lhe fazer entender que assuntos de sua família só a ela diziam respeito. — Ele costuma cabular aulas muitas vezes?

— Não — retrucou Georgina num impulso. Sua intenção de encerrar o assunto e voltar para sua sala fora postergada pela necessidade de defender Josh. — Ele é muito dedicado aos estudos, mas... mas, como você disse, ele estava preocupado com... com uma coisa.

O olhar de Georgina dava a entender que ela não estava fim de falar das preocupações de seu irmão.

— Ele deve estar com dezesseis anos, idade suficiente para decidir sua própria vida escolar...

— Ele tem quase dezessete anos — Georgina corrigiu sem atinar com melhor resposta.

— Por que é tão importante que ele continue na escola?

Foi pelo orgulho, pelo orgulho que sentia por Josh que Georgina permaneceu ali sentada, com olhar quase terno, respondendo às perguntas de Tallis.

— Josh tem sido sempre o primeiro da classe. Sempre acalentou o sonho de ser médico. Nossos... os planos de Maggie em relação a ele estariam perdidos se Josh deixasse a escola agora.

— Desde que Josh é seu meio-irmão, presumo que Maggie seja sua madrasta — Tallis deduziu, antes de continuar: — Parece que todos vocês têm estado preocupados. Josh também achou que você andava preocupada, mesmo antes de ter falado com a mãe dele, ontem à noite.

Georgina não respondeu. Se ela ou seus parentes estivessem ou não preocupados, não era da conta de Tallis. E, de qualquer maneira, aquela conversa já havia ido longe demais para o gosto de Georgina. O olhar de Tallis, naquele momento, era duro como aço, e Georgina viu, então, que já deveria ter saído daquele escritório.

— Foi por estar preocupada que você parecia tão cansada hoje de manhã? Não tinha nada a ver com Warner, tinha?

Georgina levantou-se. Não queria discutir seus assuntos de família com Tallis. Em especial, não queria envolver Desmond nessa conversa, porque toda vez que seu nome vinha à baila, Tallis e ela acabavam discutindo, ou, se não discutissem, desencadeavam uma guerra fria com todas as suas respectivas conseqüências.

— Não vi Desmond ontem à noite — Georgina afirmou e fez menção de sair. Tallis também se levantou e barrou sua passagem.

— Você também não viajou com ele no fim de semana, viajou? — Tallis perguntava naquele momento o que, na segunda-feira, afirmara sem a mais leve sombra de dúvida.

Esse procedimento deixou-a furiosa. Tallis deveria ter ouvido Josh se referir à conversa que ela, Georgina, tivera com Maggie, na segunda-feira. Estava desapontada com a maneira estranha de Tallis se desculpar. Bem, como ela não pretendia lhe contar coisa alguma, olhou-o nos olhos e disse com arrogância:

— Está duvidando de sua própria fonte de informações? Será que está começando a duvidar que eu seja, de fato, a destruidora de lares que você sempre imaginou?

Georgina viu que Tallis não tinha gostado do que ouvira, mas não deu a mão à palmatória e, encarando-a, disparou:

— De maneira alguma, tenho a evidência sob meus próprios olhos, não tenho? — E quando Tallis viu que Georgina não tinha resposta, continuou: — Se puder, desminta seu caso com Desmond, mas não tente me enganar. Eu mesmo vi Warner saindo de seu prédio de manhã bem cedo, antes mesmo que você tivesse tempo de se trocar.

A couraça sob a qual Georgina se escondia fora duramente atingida por aquela observação, mas sua altivez conservava-se intacta. Não tinha do que se envergonhar, mas de forma alguma queria explicar que naquela manhã Desmond passara por lá apenas para apanhar sua pasta. Jamais esqueceria as desagradáveis considerações que ouvira naquele dia. Tallis deu uns passos, deixando livre a passagem para a porta. Calada, Georgina passou por

Tallis. Não tinha coisa alguma para lhe dizer e não via a hora de sair e fechar a porta entre as duas salas.

Porém, se ela não tinha nada mais a dizer, Tallis, ao contrário, ainda tinha alguns comentários a fazer.

— Acho que você deveria ter contado a sua madrasta e ao seu irmão a verdadeira razão que a impede de se casar.

Instigada, Georgina virou-se e encarou-o. Tallis não poderia saber de sua decisão de não se envolver com homem algum até que Josh e Nicole terminassem os estudos.

— E qual é a verdadeira razão? — quis saber.

— A verdade, Georgina Underwood. Seja honesta e diga a sua família que o homem com quem você quer se casar já é casado, e é provável que continue casado para sempre.

Georgina passou a noite de sexta-feira e sábado o dia todo esperando por um telefonema de Kenilworth com a notícia de que Josh decidira continuar na escola. Estava ansiosa. Pensou em ligar, mas um passo em falso poderia pôr tudo a perder. O único telefonema que recebera no sábado fora o de Desmond convidando-a para sair. Saíram naquela noite, mas somente depois das nove, hora em que nem Maggie nem Josh costumavam ligar.

Georgina achou Desmond bem melhor do que da última vez que o vira. Conversaram sobre vários assuntos e, quando Desmond lhe disse que precisava de companhia para um jantar de negócios na segunda-feira, Georgina logo concordou em ser seu par.

O domingo passou sem que o telefone tocasse. Quando o dia amanheceu, na segunda-feira, a ânsia da expectativa estava estampada no rosto de Georgina.

Tallis cumprimentou-a como de costume. Naquela manhã, durante o ditado, mais de uma vez Georgina sentiu sobre si o olhar perspicaz de Tallis. A rotina do trabalho seguia seu caminho de todos os dias, até que um mensageiro entrou no escritório com um ramalhete de flores para Georgina. Incontinenti, Tallis interrompeu seu trabalho e, mal esperando que o entregador fechasse a porta, perguntou, sem disfarçar a raiva:

— Warner falando com flores?

Georgina ignorou a ironia, tão ocupada estava à procura do cartão. Desmond nunca lhe mandara flores, e não havia razão para que começasse agora a lhe mandar.

Lá estava o cartão. As flores não eram de Desmond. Josh gastara suas economias de muitas semanas para lhe dizer em poucas palavras o que ela menos esperava: "Não se zangue comigo, Georgina". Com lágrimas nos olhos, quase num soluço, Georgina tentou contestar o incontestável.

— Ah, não!

Josh não abrira mão de sua decisão; terminavam ali suas esperanças.

— O que houve? — Tallis perguntou, saindo de sua sala para ir sentar-se no canto da mesa, perto de Georgina, que lutava para conter as lágrimas e controlar suas emoções. — Posso saber o que está acontecendo?

— Oh, Tallis — foi o que conseguiu dizer e, sentindo uma lágrima correr pela sua face, rapidamente a limpou com a mão.

— Isso tem algo a ver com a saída de Josh da escola?

— Sexta-feira, quando me despedi de Josh, pensei que o havia convencido a ficar na escola — falou entre soluços. Fez uma pausa e, então, continuou: — Esperei, esperei todo o fim de semana por um telefonema de Josh dizendo que havia reconsiderado sua decisão de deixar a escola; estava certa de que ele faria isso na sexta-feira.

— Não há um homem na casa para ter uma conversa séria com Josh?

— O pai de Josh morreu quando ele era pequeno. Meu pai morreu há cinco anos.

— Então, esse rapaz de dezesseis anos toma todas as decisões da casa, não é?

Se essa pergunta tivesse sido feita em tom mordaz, Georgina teria reclamado, mas não havia sarcasmo na voz de Tallis, ao contrário, havia solicitude, interesse... e ela respondeu:

— Ele está na idade de auto-afirmação. Tem opinião, sabe o que quer. Maggie, sozinha, desde que meu pai morreu, criou-o de maneira exemplar — Georgina contou e, continuando, disse o que em outra ocasião jamais teria dito: — Mas não temos dinheiro para desperdiçar, e Josh pensa... ele pensa que seria melhor arranjar um emprego.

— Na sexta-feira, ele mencionou que você estava sacrificando alguma coisa — Tallis falava com lentidão e fazia grande esforço para não parecer agressivo, quando disse: — Você contou a Josh que estava apaixonada por alguém que ignorava sua existência; mas isso

foi apenas força de expressão, não foi? — Como Georgina não respondesse, Tallis continuou: — Josh ouviu você dizer a Maggie que o homem que você ama não a pediu em casamento. Portanto, o sacrifício que o rapaz acredita que você está fazendo tem algo a ver com o fato de você estar solteira.

Georgina sabia que, seguindo essa linha de pensamento, Tallis ia chegar à conclusão de sempre: ela continuava solteira porque Desmond não era livre. Naquele momento, para ela, o seu ''caso" com Desmond não estava em pauta e não devia ser tomado como prioridade. E, antes que Tallis continuasse a fazer conjecturas sobre o assunto, Georgina se antecipou para explicar:

— Todos os meses mando um cheque para casa. Maggie pensava, e Josh ainda pensa, que mantenho todos os homens a distância porque, se eu me casar e desistir de trabalhar, então...

— Então não poderia mais ajudá-los — Tallis completou e prosseguiu: — Seu ordenado é melhor do que o da maioria das secretárias. Era por isso que você estava tão desesperada para manter seu emprego?

— Sim — Georgina murmurou e olhou-o com tristeza no olhar. A gentileza de Tallis não se limitava a sua voz; seus olhos, também, eram meigos.

— Você é encantadora, Georgina. — Então, enquanto ela, sentada, ouvia aturdida as palavras que lhe eram dirigidas, Tallis inclinou-se em sua direção e, com delicadeza, beijou-lhe os lábios.

Instintivamente, Georgina afastou-se, mas não antes de tomar consciência do prazer que sentiu ao contato de seus lábios. Naquele momento, ela não teria se importado se Tallis a tomasse nos braços

para confortá-la. Mas, surpresa com o rumo de seus pensamentos, tratou de retirar sua mão, que Tallis segurava entre as dele.

— Vou... vou colocar essas flores na água.

— Não fique preocupada — recomendou Tallis. — Pensaremos em algo para fazer com que Josh vá para a faculdade.

— Pensaremos? — indagou Georgina.

Tallis sorriu.

— Não posso deixar minha secretária chorando sobre a correspondência, posso? — brincou e, falando sério, disse: — Não se preocupe, seja uma boa menina.

Nas horas que se seguiram, por várias vezes Georgina pensou em Josh, procurando adivinhar o que mais poderia fazer para que ele mudasse de idéia, mas nada lhe ocorreu. Tallis York também ocupou uma boa parte de seus pensamentos; nunca suspeitara que ele pudesse ser tão gentil, quase amoroso.

Aconteceu depois do almoço. Georgina continuava ansiosa, quando aquele homem, beirando os sessenta anos, entrou em sua sala. Por algum tempo, manteve suas preocupações em suspenso. Polidamente, Georgina cumprimentou-o e, antes que pudesse perguntar o que desejava, o visitante, muito mal-encarado, passou por sua mesa e seguiu direto em direção ao escritório de Tallis.

Georgina, imediatamente, se levantou e correu para tentar impedir que aquele senhor invadisse a sala sem se fazer anunciar e sem hora marcada. Mas era tarde demais; o homem abriu a porta e, antes que ela se aproximasse, sem se preocupar em baixar a voz, foi logo dizendo:

— Aquela mulher é Georgina Underwood, Tallis?

O que Tallis respondeu, Georgina não ouviu, mas ele devia ter confirmado, porque o que ela ouviu a seguir foi:

— Não consigo entender como você mantém essa mulher trabalhando aqui! A lealdade à família não vale nada para você?

Quando a porta se fechou, Georgina sabia, com toda a certeza, quem estava ali com Tallis naquele momento.

O pai de Lara ficou com Tallis por mais de uma hora. Durante esse tempo, Georgina se refez do choque que levara com a entrada espetacular daquele homem que, pela primeira vez, estava vendo. Mas sua inquietação redobrou; além de Josh, estava agora preocupada com Edgar Rankin. Pelo jeito que falara dela, não deixara dúvida de que a finalidade de sua visita era dissuadir Tallis das promessas que lhe fizera quanto à segurança de seu emprego.

Quando a porta se abriu, Georgina continuou datilografando. Não queria ver Edgar Rankin outra vez; seu olhar lhe fazia mal. Mas, quando ambos, Tallis e o tio, atravessaram a sala e passaram em frente a sua mesa, Georgina teve de parar de trabalhar e levantar os olhos da máquina. Quase que ao mesmo tempo, Tallis dizia:

— O senhor ainda não conhece Georgina, não é mesmo? — E, dirigindo-se a ela, continuou com toda a tranqüilidade: — Você, com certeza, já ouviu falar de meu tio, querida.

Georgina não sabia como conseguira manter a boca fechada! Mais do que com a imprudência de Tallis em apresentá-la ao tio, Georgina estava surpresa com a audácia do tratamento, do "querida". Ao contrário do que Georgina pensara, Rankin não a ignorou, mas foi com esforço e em nome das boas maneiras que estendeu a mão para

cumprimentá-la. Georgina não tinha a menor idéia do que responder ao tradicional "como vai?" do sr. Rankin.

Depois de acompanhar o tio à porta de saída, trocar com ele algumas palavras e aguardar que ele fosse embora, Tallis voltou para a mesa de Georgina, que mal podia se conter.

— Mas o que significa tudo isso? — E, antes que ele respondesse, continuou: — Se olhar matasse, eu estaria morta desde o momento que o sr. Rankin entrou aqui. A última coisa que eu poderia supor é que ele estendesse a mão para me cumprimentar.

— Tudo isso tem a ver com o que eu disse a ele. Que você não estava mais saindo com Warner porque agora você é minha namorada.

— Sua namorada?! — Georgina exclamou surpresa, perscrutando os olhos negros de Tallis na tentativa de descobrir uma prova de que ouvira corretamente. Sem saber qual era o jogo de Tallis, mas certa de que não ia gostar, fosse o que fosse, continuou com indiferença: — De qualquer maneira, isso não é verdade, e eu ainda estou vendo Desmond. Por acaso, hoje vou jantar com ele.

A fisionomia de Tallis se contraiu, e ele se manteve estático, apenas sua cabeça movimentou-se para dar força a suas palavras.

— Não, não vai. Você não vai ver Warner, nem nessa nem em nenhuma outra noite.

Diante da audácia de Tallis, Georgina criou força.

— Vou sim, ah, se vou! Vou ver Desmond tantas vezes quantas me der prazer!

— Mesmo que não possa dizer a seu irmão que você está firme com alguém que tem recursos financeiros suficientes para que,

mesmo depois de casada, você continue mandando seu cheque mensal sem ficar em apuros?

— Casada? — repetiu, espantada.

— Não precisamos ser tão drásticos — contemporizou Tallis ao perceber que, para Georgina, ele seria a última pessoa em quem ela pensaria para seu marido. E como ele dissera que não precisava ser "drástico", Georgina pôde concluir que aquele casamento com ela seria a última coisa que Tallis tinha em mente. — Disse-lhe de manhã que pensaria em algo. Parece-me que essa solução é excelente para ambos. Posso lhe dar a cobertura que precisa para que Josh continue estudando e, em compensação, fazendo crer que você é minha namorada, fico livre das pressões de meu tio por mantê-la na Chesterton.

Georgina estava calada, pensando nas prioridades. Era difícil não ficar entusiasmada com a idéia de dizer a Josh que o homem que ela amava havia, enfim, se declarado e que dinheiro não seria problema. Assim não existiria mais nenhum argumento que Josh pudesse levantar, e ele poderia terminar seus estudos. Nunca haveria de saber que ela nem saía com Tallis e, muito menos, que não pensava em se casar com ele.

Seu entusiasmo esmoreceu um pouco quando levantou os olhos e viu Tallis observando-a de perto. Tinha consciência de que estaria se agarrando à cobertura que Tallis lhe oferecera, mas algo a impeliu a argumentar:

— Tenho visto você manejar tantas pressões com tamanha maestria que não posso entender por que não pode controlar as que seu tio faz sobre minha permanência na companhia.

— Você está se esquecendo do que significa lealdade à família, embora sinta o problema em sua própria pele. Acredito que tenha ouvido Edgar me pressionar por achar que eu estava sendo desleal com ele e Lara.

Georgina começou a se preocupar. Ela já conhecia Tallis o suficiente para saber o valor que dava à palavra empenhada, mas, sendo assim, colocando-se em sua posição, o que faria? Manteria a promessa ou cederia à vontade da família?

— Bem, há... isto é, posso dizer a Josh que você e eu estamos... vamos...

— Nos casar? — completou Tallis. — Seria um argumento irrefutável, a menos que você lhe diga a verdade sobre seus sentimentos.

Outra vez aquela provocação. Não se podia trocar duas palavras sem que o nome de Desmond não fosse pronunciado ou insinuado. Para Tallis, a verdade era que ela não tinha intenção de se casar com ninguém, a menos que fosse com Desmond. Nessa linha de raciocínio, Georgina, não pôde deixar de pensar no que fazer para acatar a imposição de Tallis e deixar de ver Desmond. Como ele ficaria sem ter com quem se desabafar? Na mesma balança estava o futuro de Josh contra a amizade de Desmond.

— Desmond... — disse, involuntariamente.

— É melhor você entrar em contato com ele, não acha? — perguntou Tallis, levantando-se da beira da mesa.

— Para lhe dizer que não vou vê-lo hoje à noite?

Tallis olhou-a nos olhos e seu olhar dizia: "nem hoje nem nunca mais". Em seguida, sem nada dizer, foi para sua sala e, ao entrar, fechou a porta.

Georgina, em sua mesa, podia prever o trabalho árduo que teria pela frente. Enquanto discava para Desmond, teve consciência de que não poderia nutrir rancor por Tallis. Afinal, sem a idéia que ele havia tido para ajudá-la a enfrentar seu problema e sem sua boa vontade para colaborar no plano, ela ainda estaria apenas se lamuriando, sem saber o que mais dizer a Josh.

Desmond ficou aborrecido com o cancelamento do compromisso com Georgina. No decorrer da conversa, ela percebera que Desmond estava deprimido e não sentiu coragem de lhe dizer que não voltaria a vê-lo. Sem criatividade, desculpou-se dizendo que tinha muito trabalho a fazer e que, quando terminasse, seria tarde demais para ir jantar. Ao desligar, sentia-se uma grande covarde. Estava pronta para sair quando Tallis abriu a porta que os separava e, indo em sua direção, disse-lhe:

— Desde que a privei de jantar com Warner esta noite, ocorreu-me convidá-la para jantar comigo.

Georgina encarou-o, espantada. Mesmo considerando o enorme favor que lhe devia, sentia-se zangada.

— É bondade sua — respondeu-lhe secamente —, mas posso lhe assegurar que não passarei fome se não aceitar o seu convite.

Tallis não se conteve e explodiu:

— Você não telefonou para Warner. Você ainda pretende jantar com ele. Bem, deixe-me lhe dizer, senhorita Underwood...

— É lógico que telefonei — Georgina interrompeu-o. Quando percebeu que Tallis estava furioso e poderia cancelar seu acordo e lavar as mãos com relação a seus problemas, decidiu que, se fosse preciso, jantaria com ele todos os dias da semana. — É que eu... eu quero ligar para Maggie esta noite, quando... Josh estiver lá. Às segundas-feiras ele costuma ir jogar xadrez ao sair da escola e só estará em casa depois das oito e meia.

Por um momento, que lhe pareceu interminável, Georgina achou que Tallis estava convencido de que ela mentia. Em seguida, porém, sua feição se desanuviou.

— Entendo — foi tudo que disse.

O coração de Georgina, que batia disparado, aos poucos voltou ao normal. Então ela pegou a bolsa e foi para casa.

CAPÍTULO VIII

O tempo custava a passar enquanto Georgina aguardava a hora de ligar para casa e falar com Josh. Mentalmente, ensaiou várias vezes o que pretendia dizer. Para ser convincente, teria de mentir, também, para Maggie. Falaria com voz alegre, como se fosse a mulher mais feliz do mundo. Não poderia transmitir suas tensões.

Não conseguiu aguardar nem um minuto além das sete e meia. Controlando sua ansiedade, Georgina discou o número de Kenilworth e, quando Maggie atendeu, esqueceu-se de tudo o que planejara

dizer. De repente, deu-se conta de que, de modo confuso, falava de algo maravilhoso que lhe sucedera! Como Tallis, seu chefe, pedira sua mão em casamento! Falava com rapidez, as palavras se atropelando, até que Maggie quis saber como tudo acontecera, pois, a menos de uma semana, Georgina nem mesmo lhe havia dito que estava apaixonada.

— Ah, Maggie, você sabe como é. Eu sabia que você estava preocupada comigo. Não quis preocupá-la ainda mais dizendo-lhe que não tinha esperanças, porque meu amor não era correspondido. Você deve estar lembrada de eu lhe ter dito que estava solteira porque o homem certo não tinha me pedido em casamento; bem, agora ele me pediu, e...

Maggie, que pelo tom de voz parecia ter acreditado em Georgina, comentou:

— E agora você está nas nuvens porque está feliz.

Maggie continuou falando da alegria que sentia por saber da felicidade de Georgina. A essa altura, Nicole também quis falar, para dizer que estava encantada porque ia ter um cunhado e aproveitou para perguntar se poderia ser a dama de honra do casamento.

— Ainda não combinamos a data, minha querida. — Georgina não queria decepcionar Nicole, mas como não havia outro jeito, então procurou amenizar a situação. — Josh está aí?

Como suspeitava, Josh foi o mais difícil de se convencer.

— Um pouco de repente, não foi? — perguntou.

— Sim, foi mesmo — Georgina concordou, pronta para representar o que havia ensaiado. — Pouco antes de você entrar no escritório, na última sexta-feira, eu estava mexendo no gravador.

— Sim, vi quando você desligou o aparelho — disse Josh, para grande satisfação de Georgina.

— Esse foi o ponto alto de toda a história, Josh. Eu não desliguei. Pensei que havia desligado, mas o que fiz foi ligar para gravar. Toda nossa conversa foi gravada, inclusive o que lhe disse sobre o homem que eu amava e que nem sequer sabia de minha existência. Ao voltar para o escritório, descobri que Tallis ouvira a fita durante minha ausência, então ele me chamou para conversar. Josh, não foi maravilhoso? Uma coisa levou a outra, e ele acabou me dizendo que sentia o mesmo por mim!

Ao terminar de falar, Georgina prendeu a respiração, aguardando que Josh dissesse alguma coisa, e só voltou a respirar aliviada quando, tão alegre quanto Maggie e Nicole, ouviu-o dizer:

— Estou muito satisfeito por você, Georgina.

— E... e isso não é tudo — Georgina apressou-se a dizer, sabendo que, daí em diante, deveria tomar o máximo cuidado. Um único deslize e poria tudo a perder. — Tallis e eu falamos sobre vários assuntos, e ele quis saber por que você estava querendo abandonar os estudos. Ele achou que era uma decisão difícil de ser tomada, Josh, e me disse também que, quando nos casarmos, o valor destinado às minhas despesas pessoais seria duas vezes maior do que meu salário atual. Está vendo, Josh? Seria ridículo você sair da escola. Realmente, não há necessidade alguma.

Pelo tom de voz com que Josh lhe perguntou se Tallis não se incomodaria que ela mandasse dinheiro para eles, Georgina encheu-se de esperanças e de amor por Josh e de gratidão por Tallis.

— Naturalmente que não. Ele é um homem rico, Josh, e acima de qualquer outra coisa quer me ver feliz.

A pergunta que Josh fez a seguir foi inesperada. Georgina respondeu o que lhe veio à cabeça no momento e, ao desligar o telefone, ficara no ar uma dúvida: "Como levar Tallis para almoçar em Kenilworth, no domingo?"

Com certeza, a última coisa que Tallis gostaria de fazer seria ir com ela conhecer a família. Josh conseguira fazer a única pergunta sobre a qual ela não havia pensado. Como pedir a Tallis que fosse a sua casa? E, se ele não fosse, estaria tudo perdido. Georgina seria até capaz de suportar os sarcasmos de Tallis, contanto que ele a acompanhasse até Kenilworth.

Irritada como estava, Georgina sabia que não conseguiria esperar até o dia seguinte para resolver essa pendência. O melhor, pensou, seria ligar para Tallis, e foi à procura da lista telefônica, quando a campainha da porta do prédio tocou.

Talvez fosse Desmond, pensou Georgina, já se lastimando por não ter tido coragem de lhe dizer que não iria mais vê-lo. Mas, pensando melhor, àquela hora Desmond deveria estar no tal jantar de negócios.

Perdida em conjecturas, chegou ao fim da escada e, ao abrir a porta, deparou com Tallis à sua frente. A surpresa de vê-lo refletiu-se na espontaneidade de seu cumprimento:

— Oh, Tallis, estou feliz que seja você!

Por um segundo, Tallis pareceu perturbado com a recepção. Em seguida, foi Georgina que se atrapalhou, por lhe parecer que Tallis

fizera menção de tomá-la nos braços. Substituindo o gesto por um sorriso, Tallis disse, entre alegre e divertido:

— Que acolhida! Eu também estou feliz por estar aqui. — Em seguida seu sorriso se apagou, e ele perguntou: — Quem você estava esperando?

— Ninguém — Georgina apressou-se a dizer, esperando que Tallis continuasse de bom humor quando ouvisse o que ela queria lhe pedir. — Acho que fiz uma pequena trapalhada.

Tallis subiu para o apartamento de Georgina e, aceitando o convite, entrou e se acomodou na poltrona, pronto para ouvir as novidades.

— Qual foi a trapalhada que você fez? Já telefonou para o seu pessoal.

— Sim — Georgina respondeu e lhe contou quase toda a conversa, sem mencionar que pretendia "roubar" algumas horas de seu lazer de domingo.

— Então Josh concordou em continuar os estudos? — Tallis perguntou, tentando perceber onde estava a tal trapalhada de Georgina.

Certa de que chegara o momento das explicações, ela, sem olhar para Tallis, disse:

— Sim, ficou tudo acertado. Apenas... só que Josh perguntou quando você iria conhecer a família. E... bem, eu estava com tanto medo de estragar tudo que, quando Maggie mandou Josh nos convidar para o almoço de domingo, eu... eu disse que nós iríamos. — Fez-se silêncio, e Georgina teve de levantar os olhos para ver como Tallis havia recebido suas palavras. — Sinto muito Tal... — começou

a falar, mas parou quando viu que ele parecia concordar com um aceno de cabeça.

A ansiedade de Georgina era evidente quando Tallis falou com muita tranqüilidade:

— Não há por que pedir desculpas, Georgina. É muito natural que sua família queira conhecer o homem de quem você está noiva.

— Quer dizer que você não se incomoda... que você irá comigo? Pensei...

— Claro que irei com você. Na verdade, eu pretendia estar com você na hora do telefonema, pois poderia parecer estranho que uma jovem recém-comprometida estivesse sozinha em ocasião tão importante. Mas o trânsito me atrasou. Não tomei meu café para chegar a tempo; você poderia ser uma noiva carinhosa e preparar uma xícara de café para mim?

Georgina gostou desse jeito brincalhão de Tallis. E gostou ainda mais quando, depois de tomar o café, ele a estimulou a falar sobre sua casa em Kenilworth. Georgina não se fez de rogada e falou com muito carinho de cada um dos seus três parentes por afinidade.

— Você gosta muito deles, não é? — observou Tallis.

— Seria impossível não amá-los. Maggie sempre foi muito boa para mim, e Josh e Nicole... bem, nós nos amamos como se fôssemos realmente irmãos.

Os minutos voaram, e o clima era de harmonia quando o telefone tocou. Com o aparelho instalado na mesinha ao lado do sofá, a privacidade ficava fora de questão. E como nada havia que Tallis não pudesse ouvir, Georgina pediu licença e atendeu o chamado. Era Desmond. Nunca uma extensão telefônica lhe fizera tanta falta, pois

sabia que seria impossível manter segredo do nome de quem a chamava! Sem encarar Tallis, Georgina disse a Desmond que estava pensando que ele estivesse no meio do jantar de negócios.

— Eu lhe disse que não gostaria de ir desacompanhado. Há quanto tempo você chegou?

Georgina esteve para dizer que chegara há algumas horas, mas lembrou-se que dissera que trabalharia até tarde.

— Há pouco tempo — respondeu, desejando encerrar de vez a conversa, porque Tallis se mantinha impassível e, com certeza, sabia que ela estava falando com Desmond.

Era óbvio que Tallis percebera que ela não dissera a Desmond que não iria tornar a vê-lo, e era natural que esperasse que ela o dissesse naquele momento.

— Posso passar aí daqui a meia hora? — perguntou Desmond.

— Desculpe-me Desmond, no momento, tenho companhia.

— Ah, alguém que eu conheça?

— Sim... Tallis.

— Ele a levou do escritório para casa?

— Estamos acabando de tomar uma cafezinho — Georgina falou, esperando que suas palavras fossem aceitas como resposta à pergunta que Desmond lhe fizera.

Vendo que crescia a impaciência de Tallis, Georgina achou por bem terminar a conversa o mais rápido possível, antes que Tallis tomasse o fone de sua mão e dissesse poucas e boas para Desmond, que também podia lhe responder à altura.

Felizmente, Desmond, percebendo que não estava fácil para Georgina falar com Tallis por perto, terminou o assunto dizendo:

— Ligo para você qualquer dia dessa semana.

A harmonia que tomava conta da sala antes do telefonema de Desmond dissipou-se, dando lugar a uma pesada tensão.

— Pensei que tínhamos concordado que você não veria Desmond outra vez.

— Não vou vê-lo mais.

— Você ainda não disse a ele, não é?

Georgina olhou para Tallis e soube que ele jamais entenderia sua relutância em terminar sua amizade com Desmond.

— Vou dizer.

— Não se engane e diga mesmo. Se eu souber que você, nem que seja acidentalmente, cruzou com ele, então nosso acordo estará acabado... e seu emprego também — vociferou Tallis sem se preocupar em demonstrar as mesmas gentilezas de há pouco.

— Já falei que vou dizer — ela reiterou, com medo do que poderia lhe suceder. Georgina sabia que Tallis cumpriria cada uma de suas palavras.

Ele a olhou por alguns segundos, muito sério, levantou-se e dirigiu-se à porta.

— Vou acompanhá-lo — disse Georgina, sempre com a mesma preocupação de evitar que a porta da frente batesse e incomodasse os demais moradores.

Descendo lado a lado, Tallis perguntou:

— Você tem sempre o mesmo cuidado especial com a saída dos seus... amigos?

Georgina entendeu que a pergunta prendia-se ao fato de Tallis tê-la visto quando Desmond saíra do seu prédio, tempos atrás.

Zangada, em vez de explicar a política interna do prédio com referência à porta da entrada, Georgina respondeu com menosprezo:

— Algumas vezes esta tarefa é mais agradável do que em outras.

De repente, a raiva que sentira abandonou-a e, em seu lugar, Georgina foi envolvida por uma desagradável sensação de medo. Foi tão rápido o movimento de Tallis ao se virar, que Georgina não teve tempo de recuar para evitar que ele a agarrasse com firmeza pelos braços e a puxasse ao seu encontro.

— Realmente, arranjei uma noivinha muito carinhosa, não arranjei? Gostaria de saber se as bases do nosso acordo farão com que você ponha para fora parte do sarcasmo que lhe é peculiar.

— Solte-me, Tallis — gritou Georgina, tentando se desvencilhar com um vigoroso puxão, que se mostrou ineficiente.

Georgina debatia-se, mas Tallis a enlaçara com firmeza. E, antes que ela pudesse reagir, a boca de Tallis estava sobre seus lábios. Como da primeira vez que ele a beijara, novamente sentiu um misto de loucura e abandono.

Tallis não se satisfez com apenas um beijo e, no breve momento em que seus lábios se separaram, Georgina pensou que devia reagir, e rápido, porque sentia que já não podia mais confiar em si. Mais uma vez Tallis procurou sua boca, e Georgina nada fez para impedi-lo de tomar seus lábios. Ele então afrouxou o braço, e Georgina manteve-se junto dele... Ela estava dócil, muito dócil.

Georgina levantou os braços e envolveu-o. Já não oferecia resistência. Tallis relaxou a pressão de seus braços, e ela pôde sentir sua respiração ofegante. Georgina não pensava mais; simplesmente

vivia cada instante da sensação maravilhosa que Tallis fazia nascer dentro dela.

Sem esforço, ele puxou para fora do jeans a blusa de Georgina, fazendo-a sentir o toque macio de suas mãos sobre a pele das costas, subindo devagar e tornando-se mais íntimo. Ela não sentia vergonha; pelo contrário, queria que continuasse. Por estar em seus braços, por sentir o seu contato, por saber que ele também a queria, Georgina soube naquele exato momento por que Tallis tinha o poder de aborrecê-la da maneira como constantemente o fazia. Estava apaixonada por ele.

Imerso em suas sensações, completamente cego, Tallis abriu alguns botões da blusa de Georgina, desnudando-lhe os ombros. E, enquanto Tallis cobria-os de beijos, com os dedos procurava as alças do sutiã, tentando escorregá-las para os lados. Naquele instante, uma voz interior lembrou Georgina de que ela não era o tipo de mulher que Tallis julgava.

— Não — disse com voz rouca, deixando cair os braços. Queria falar, explicar, dizer o significado do seu "não", mas não conseguiu. Não queria que ele risse dela e ali permaneceu, de pé, entre os braços de Tallis, sem se mexer, na esperança de que ele não levasse em conta sua resistência.

Vendo que Georgina não estava mais participando, pois continuava estática em seus braços, Tallis levantou a cabeça e fitou-lhe o rosto ruborizado. Então, o que ela menos queria ver surgiu diante de seus olhos; as feições de Tallis foram se transformando, e seu semblante tornou-se frio, enquanto sua respiração ofegante

voltava ao normal. Seus braços a soltaram e, quando falou, sua voz era inflexível.

— Senhora — disse e, antes de continuar, deu um profundo suspiro. — Senhora, existem outros momentos para se lembrar de suas boas maneiras; não é de bom tom dizer "sim" fisicamente e "não" verbalmente.

Georgina gostaria de poder enxergar além dos limites do seu "mundinho". Tallis estava certo, uma vez que ela não o havia resistido fisicamente. Em tal circunstância, única em sua vida, Georgina não tinha nada a dizer.

— Por quê? — indagou Tallis, afastando-se dela sem compreender sua recusa.

— Por quê? — Georgina repetiu, sentindo-se desajeitada, idiota e tentando se lembrar de que estava com vinte e seis anos. — Porque... isso... quero dizer, não parece certo.

Santo Deus! Parecia que tinha dezessete anos e que esse era o primeiro encontro com o primeiro namorado. Georgina viu a sobrancelha de Tallis se erguer; ele estava pensando a mesma coisa; uma menina-moça que nunca antes havia sido tocada. Estava envergonhada.

Em seguida, quando Tallis falou, Georgina logo viu que havia se enganado. Perdeu a cor; ficou pálida de raiva diante da interpretação que Tallis dera a suas palavras, de que não parecia correto.

— Talvez você esteja certa — falou, encaminhando-se para a porta. — Eu lhe disse para se livrar de Warner. Se você tivesse feito isso, sua consciência não teria se pronunciado em momento tão

impróprio. — Antes de abrir a porta, virou-se para Georgina e disse: — Para iniciar um novo amor é preciso, antes, esquecer o velho amor.

Quando Tallis saiu, Georgina ainda estava ofegante.

Ela passou a maior parte da noite tentando entender como era possível estar apaixonada por um homem que não perdia a oportunidade de injuriá-la.

Na manhã seguinte, pouco se falaram. Além de "bom dia", Tallis lhe dissera que havia um ditado no gravador, que estaria fora uma boa parte do dia e que não teria tempo para nada que não fosse relacionado ao trabalho.

Naquele dia, e nos outros três que se seguiram, o relacionamento entre ambos foi estritamente profissional. E se aquele homem, responsável pelo descontrole de seus sentidos, podia tratá-la como se nunca a tivesse tomado nos braços, como se nunca, nem por um instante, a tivesse desejado, então ela também poderia usar a mesma estratégia. Nunca Tallis haveria de suspeitar de seu amor por ele.

Já era sexta-feira, e nenhuma menção tinha sido feita com referência ao compromisso de irem juntos almoçar em Kenilworth. Com o passar das horas, Georgina começou a se preocupar. Não queria ser a primeira a mencionar o assunto e começava a sentir que deveria desistir de tudo. Se Tallis não fosse com ela a Kenilworth, era certo que todo o trabalho que tivera com Josh estaria perdido.

Tallis voltou tarde do almoço; eram três e meia quando parou na mesa de Georgina, displicentemente, com uma das mãos no bolso. Ela levantou a cabeça do trabalho, tentando dar a impressão de que não o tinha visto desde a hora em que a porta se abriu. Tallis

informou-a de que deveria ir a uma reunião, e ela pensou que ia ter de lembrá-lo sobre o almoço de domingo.

— Quanto a domingo, passarei para apanhá-la às dez horas.

Foi tão grande seu alívio que não conseguiu reter as palavras que brotaram de seus lábios:

— Pensei que você tivesse se esquecido.

— Não há nada com relação a você que eu me esqueça, Georgina. — Em seguida, tirou a mão do bolso e colocou uma caixinha quadrada sobre a mesa, dizendo: — Não se esqueça de usar isto, amanhã. — Antes que ela pudesse entender o que estava acontecendo, Tallis entrou em seu escritório, pegou a pasta e, ao sair, disse por sobre o ombro: — A gente se vê no domingo.

O anel de noivado, de safiras e diamantes, que Tallis deixara sobre sua mesa, era lindíssimo! Com certeza, ele pensara que o anel ajudaria a dar mais credibilidade àquele pretenso noivado e, por extensão, ao vínculo sentimental que deveria uni-los. Para Georgina, no entanto, aquele anel não mudava em nada o amor que sentia por Tallis.

Georgina estava pronta quando Tallis chegou no domingo. Usava o anel de noivado e, enquanto esperava, ficou bem uns cinco minutos examinando-o e imaginando-se a mulher mais amada do mundo.

Tallis lançou um olhar furtivo à mão de Georgina quando entraram no carro, mas não parecia nem um pouco mais falante do que estivera na segunda-feira. Se, em Kenilworth, ele se portasse daquela maneira, nem Nicole, que era desligada, acreditaria que estavam apaixonados.

— O que sua madrasta sabe de Warner? — Tallis perguntou, quebrando o silêncio.

— Maggie acredita que Desmond e eu somos amigos, nada mais.

Pela expressão de Tallis, Georgina percebeu que ele estava pensando que seu "caso" com Desmond tinha ido tão longe que ela nem sabia para quem tinha mantido. Diante de tal quadro, Georgina começou a se sentir deprimida. Tinha de fazer alguma coisa, dizer alguma coisa, porque se era daquele jeito que iam se apresentar diante de sua família, melhor seria voltar imediatamente para Londres.

— Tallis — Georgina hesitava —, você vai tentar fingir que... que está apaixonado por mim, não vai? — E acrescentou: — Quando estivermos em Kenilworth, é lógico. É importante... é muito importante que minha família não tenha dúvidas.

Por alguns segundos, que pareceram logos demais, Tallis não respondeu. Então, perguntou:

— Você vai tentar fingir que me ama?

Georgina sabia que não precisava tentar. Não haveria fingimento.

— Sim — respondeu.

— Então, relaxe. Sem exageros, acho que seria capaz de representar o papel de noivo apaixonado.

A acolhida que tiveram em Kenilworth foi tão carinhosa quanto alegre, como Georgina esperava que fosse. E foi depois do almoço, com todos sem pressa de sair da mesa e saboreando um cafezinho, que Georgina teve a oportunidade de examinar uma por uma as quatro pessoas que ela mais amava no mundo. Maggie estava encantada com Tallis; Josh fora mais reservado, mas acabou se

entendendo com Tallis, que o tratou na base de "homem para homem"; Nicole estava a caminho de se tornar sua mais ardorosa fã; por último, Georgina olhou para Tallis e percebeu que seu amor por ele não tinha limites.

Conforme prometera, Tallis estava representando com perfeição seu papel de noivo apaixonado; era tão autêntico que, por várias vezes, Georgina teve de voltar à realidade para se lembrar de que tudo não passava de encenação. Não que Tallis estivesse atuando de maneira ostensiva para mostrar que estava apaixonado. Não, eram apenas demonstrações sutis, como o passar da mão levemente sobre seus cabelos loiros; o afastar de uma cadeira para ela se sentar; um olhar um pouco mais prolongado do que o necessário...

Enquanto Tallis conversava com Josh, Georgina ficou um longo tempo observando-o. Quando ele ergueu a cabeça, Georgina desviou o olhar e encontrou Maggie fitando-a com um sorriso carinhoso, compreensivo, de cumplicidade. Ela descobrira o segredo de Georgina, o seu amor por Tallis. Logo a seguir, ambas se voltaram para Nicole, que dizia a Tallis:

— Ser chefe de Georgina é um bom emprego, não é?

— Concordo inteiramente — brincou Tallis —, mas você diz isso por alguma razão em particular?

Nicole, que nunca fora envergonhada, ficou ruborizada por receber toda a atenção de Tallis.

— Bem, da última vez que Georgina esteve aqui, esquecemos de adiantar os relógios pelo horário de verão, e ela perdeu o trem. Se você não fosse o chefe, ela teria problemas, não teria?

Tallis permaneceu impassível, lembrando-se de que não dera a Georgina a oportunidade de se explicar na ocasião. Agora ele sabia o motivo de seu atraso e que ela voltara de trem, o que deixava claro que Georgina não passara o fim de semana com Desmond.

Ao entardecer, depois do convite de Maggie para um chá ter sido gentilmente recusado por Georgina, Nicole perguntou se eles ainda teriam tempo para um passeio antes de partirem.

— Por que não? — concordou Tallis, antes que Georgina inventasse uma desculpa para livrá-lo de continuar representando além do necessário.

Saíram todos para uma volta a pé pelas redondezas, e Georgina observou que Tallis e Josh, destacando-se do pequeno grupo, iam à frente, discutindo algo que os absorvia. Mantendo distância para não interrompê-los, mas também preocupada com o que Tallis pudesse dizer a Josh, Georgina entrou em pânico. Aos poucos, foi se acalmando, na esperança de que ele pensasse em cada palavra que dissesse ao rapaz. Tallis, com certeza, não iria desapontá-la.

— Você está inteiramente caída por ele, não está, querida? — perguntou Maggie, que, a seu lado, a observava sem que Georgina tivesse percebido.

Georgina deu uma risadinha e perguntou:

— Está tão visível assim?

— Somente para mim, meu bem. Conheço você melhor do que os outros. Mas não tenha medo que Tallis perceba; ele também a ama.

De volta à casa, Nicole olhou o carro de Tallis parado ali fora e lembrou-se do quadro um tanto grande que pertencia a Georgina e

que estava em seu antigo quarto. Inúmeras vezes ela dissera que ia levá-lo, mas nunca o fez por causa da dificuldade de carregá-lo.

— Por que você não aproveita para levar seu quadro hoje? — perguntou Nicole.

Tallis concordou em transportar o quadro e, depois de acomodá-lo na parte de trás do carro, prepararam-se para partir.

— Vou escrever — prometeu Georgina; em seguida abraçou a todos, inclusive Josh, e entrou no carro.

Kenilworth já havia ficado para trás quando Georgina agradeceu a Tallis, dizendo que graças a ele tudo tinha saído melhor do que se atreveria a desejar.

— Sem consciência pesada pela fraude? — Tallis quis saber.

— Naturalmente. Afinal, a fraude era necessária. Josh precisa dessa chance. Ele é tão inteligente que seria um crime não ajudá-lo a alcançar sua meta. Seria um crime desperdiçar sua inteligência...

Tallis continuava em silêncio enquanto Georgina procurava outros predicados para enaltecer as qualidades de seu meio-irmão.

— Maggie nunca discutiu sua situação financeira com Josh, mas mesmo assim e apesar da ajuda ele achou que era um peso para mim mantê-lo na faculdade.

— E foi aí que você entrou, não foi? Você pretende que ele não faça outra coisa enquanto estiver estudando... Ele vai precisar de livros, equipamento...

Tallis não precisava lhe dizer que Josh já era um adulto e que, também, precisava de vida social. Seus planos estavam feitos e todas as despesas já haviam sido previstas.

— Ele terá tudo que precisar — Georgina falou com determinação.

— Não duvido.

Georgina estava ansiosa por saber como decorrera a conversa entre Tallis e Josh. Hesitava em perguntar, mas sabia que Tallis não falaria, a menos que fosse instigado.

Começou a falar, mas parou, procurando uma maneira delicada de introduzir o assunto. Mas, vendo que Tallis aguardava que ela terminasse a frase, sem cerimônia, foi direto ao assunto:

— Sobre o que você e Josh estiveram falando?

— Nossa, que sutil! — exclamou Tallis em tom jocoso, para em seguida explicar: — Eu já sabia que ele era inteligente por você me ter dito e pela conclusão que cheguei durante o almoço. Mas queria descobrir por mim mesmo que tipo de potencial ele tem.

— Então você procurou saber até onde ele poderá chegar se tiver oportunidade de estudar? — perguntou Georgina, sem, contudo, saber se estava satisfeita por Tallis ter agido dessa maneira.

— Você já havia me falado da capacidade de Josh... desculpe-me, Georgina, se não confiei em sua opinião; sua afeição por ele poderia torná-la imparcial.

Georgina achou justo o comentário, e estava prestes a mencionar os relatórios escolares como suporte a sua opinião, quando Tallis falou:

— Concordo com tudo o que você disse sobre Josh; ele poderá ter um futuro brilhante pela frente. Concordo que seria um crime não lhe oferecer uma oportunidade. Por esse motivo, decidi que a Chesterton vai lhe oferecer uma bolsa de estudo na Faculdade de Medicina.

— Bolsa de estudo? — Georgina arregalou os olhos, sem entender muito bem o que ouvira. — Mas... o programa de bolsas de estudo da companhia cobre, apenas, o curso de engenharia.

— Então já é hora de diversificarmos.

A essa altura, Tallis manteve-se calado a fim de se concentrar naquela parte perigosa da estrada.

No seu canto, Georgina lutava, não apenas com seus pensamentos, mas também com as lágrimas de alegria que mal podia conter.

Quando chegaram, Tallis entrou para levar o quadro ao apartamento de Georgina. Ela lhe ofereceu um chá, mas ele recusou, dizendo ter um compromisso. Mesmo sentindo ciúme e curiosa por saber com quem Tallis iria se encontrar, Georgina não podia deixá-lo partir sem antes agradecer pelo que a Chesterton iria fazer por Josh.

— Tallis, obrigada por ter ido comigo a Kenilworth. E um milhão de vezes obrigada pelo que você está fazendo por Josh.

O que sucedeu no momento seguinte custou a Georgina horas de agonia, mais tarde. Tallis estava ali, de pé perto dela como tantas vezes antes estivera, mas o amor e a gratidão que naquele momento sentia fez com que ela, sem pensar, desse um passo à frente e, pondo-se na ponta dos pés, o abraçasse e o beijasse com enlevo.

Georgina só tomou consciência do seu ato no instante em que sentiu seus lábios nos de Tallis. Tentou se desvencilhar, mas, com a reação de Tallis ao seu contato, deixou-se ficar. O encanto durou pouco. O ardor de seu beijo, de repente, contrastava com os lábios frios de Tallis York, que logo a afastou, dizendo:

— Pare já com isso! Nós dois sabemos que sempre que nos aproximamos é em Warner que você está pensando. Mas quero que fique certa, Georgina: da próxima vez que você fizer isso, eu não vou parar até que o apague por completo de sua mente. Portanto, não inicie nada que você não queira que eu termine. Não haverá retorno, da próxima vez.

A caminho da Chesterton, no dia seguinte, Georgina sentia-se, literalmente, arrasada. Por que beijara Tallis? Sim, estava grata por tudo que ele pretendia fazer por Josh, mas o que acontecera com seu autocontrole?

Foi pensando em como conter seus impulsos e determinada a manter com Tallis um relacionamento estritamente profissional que Georgina entrou no escritório.

— Bom dia, Georgina.

Tallis, como várias vezes acontecia, chegara antes dela. Georgina logo percebeu que todas as severas recomendações enunciadas no discurso da noite anterior tinham desabado. Sua voz nada tinha da animosidade que ela esperara encontrar.

— Bom dia, Tallis — respondeu, muito formal, mas orgulhosa pela sua força de vontade. Se continuasse assim, haveria de dormir em paz naquela noite...

O dia começara melhor do que Georgina pudera imaginar. Abaixou-se para guardar a bolsa a fim de dar início ao trabalho, mas, quando se levantou, deparou com Tallis parado em frente a sua mesa. Ia dizer alguma coisa. Alguma coisa que Georgina não chegou

a saber o que era, porque, ao dar uma olhada em suas mãos, o que disse foi:

— Onde está o anel?

— Na bolsa. — Era intenção de Georgina devolvê-lo a Tallis naquela manhã.

— Use-o — ordenou Tallis.

— Usá-lo? Pensei...

— Use-o agora — Tallis falou com determinação, impondo-se à vontade de Georgina. — Não entrei nessa parceria com você só por brincadeira.

Georgina estava atônita! Afinal Tallis estava pensando que ela era um prêmio de consolação que ele era obrigado a aceitar? Mas, antes que pudesse enterrar de uma vez por todas as regras de comportamento que se impusera naquela manhã, Tallis explicou a razão de sua exigência:

— Edgar Rankin está para chegar daqui a alguns minutos, portanto, pegue logo esse anel. E, em nome de Deus, pare de me olhar como se quisesse me crucificar!

Terminou de dar as ordens e, sem aguardar que fossem cumpridas, Tallis voltou tempestuosamente para seu escritório, batendo a porta atrás de si.

Pouco depois chegava Edgar Rankin. Georgina, já senhora da situação, respondeu ao seu cumprimento com muita graça e elegância.

Na saída, Tallis acompanhou o tio para se despedir. Georgina estava ocupada datilografando, mas interrompeu o trabalho ao sentir o braço de Tallis muito de leve sobre seus ombros.

— Estava contando a Edgar as novidades sobre nós, querida.

Sem dúvida, estavam diante de um brilhante artista, pensou Georgina. Sua voz soava como se estivesse dando graças ao Senhor por tê-la colocado em seu caminho!

— Estou certo de que ambos serão muito felizes — disse Rankin, demonstrando muito tato diante das circunstâncias e, à vista do anel de noivado ostentado por Georgina, prosseguiu, dirigindo-se a Tallis: — Pena que você tenha de viajar justo agora, mas... é a vida.

Georgina procurou não demonstrar sua surpresa diante de tal notícia. Edgar Rankin não se demorou muito mais e, assim que saiu, Tallis retirou o braço de sobre os ombros de Georgina.

— Você vai viajar? — indagou ela em tom tranqüilo, porém um pouco sem jeito, agora que estavam a sós.

— Está começando a se desencadear uma crise em uma de nossas divisões internacionais. Nosso representante chegou ontem à noite dos Estados Unidos e, depois que li os documentos que trouxe, pude ver que o assunto é da minha competência.

Então, pensou Georgina, ele esteve trabalhando na noite passada. Não havia saído com nenhuma Naomi Garrick!

— Quando você vai? — perguntou Georgina, embora o que quisesse saber era quando ele voltaria.

— Parto amanhã. Você pode trabalhar até mais tarde, hoje à noite? Tenho muito que fazer. Sua ajuda seria inestimável.

— Claro que posso — respondeu com firmeza.

O passo seguinte foi anotar vários tópicos e instruções sobre o que fazer na ausência de Tallis, que deveria se prolongar por três semanas. O trabalho conjunto que estavam fazendo transcorria na

maior harmonia quando foi interrompido pelo toque do telefone. Georgina atendeu; era Desmond. Sem saber que atitude tomar, só restou a Georgina assumir a situação e ouvir o que ele tinha a lhe dizer.

— Lara acaba de sair daqui; ela me disse que você está noiva de Tallis — falou Desmond, incrédulo.

Realmente, Edgar Rankin não perdera tempo! Georgina não sabia o que fazer; sua posição era incômoda na presença de Tallis. Hesitou, mas encheu-se de coragem e, no melhor tom de felicidade que conseguiu impor a sua voz, anunciou:

— Sim, Tallis e eu estamos noivos.

Pelo silêncio que se seguiu, Georgina percebeu que Desmond estava decepcionado. Talvez porque se julgasse no direito de ser o primeiro a saber, levando em conta a amizade que os unia. Ou era porque Lara o magoara, como sempre acontecia? Qualquer que fosse a razão, muito pouco ela poderia fazer com Tallis ali a sua frente.

— Não tinha a mínima idéia de seu interesse por ele, mas deveria ter imaginado quando me disse que Tallis estava em seu apartamento na noite em que lhe telefonei. — Fez uma pausa e perguntou: — Isso quer dizer que você não vai mais sair comigo?

— Eu... Bem... Sim, Desmondf não vou mais sair com você.

Georgina ouviu um suspiro do outro lado da linha e depois a voz de Desmond, que dizia:

— Vou me sentir muito só sem você, Georgina. Sei que Tallis não é homem de permitir que você saia com um amigo, mesmo que essa amizade seja, apenas, platônica como a nossa. Seja feliz, Georgina, você merece!

Seus olhos estavam úmidos quando desligou o telefone. A depressão de Desmond fez Georgina pensar no abatimento fisico e moral de seu pai, quando sua mãe os abandonara. Não demorou muito para que seus pensamentos fossem interrompidos pela irritação de Tallis, que explodia em palavras.

— Pelo amor de Deus! — E, sem capacidade de proferir mais nada, jogou com força sobre a mesa a pasta que tinha nas mãos.

Só por orgulho e teimosia Georgina conseguira trabalhar pelo resto do dia. Sentia-se infeliz e magoada. Pensou, várias vezes, em falar tudo o que havia para dizer sobre sua amizade com Desmond; a preocupação que tinha quanto a sua saúde mental e o peso da solidão que ele carregava na alma. Mas seus impulsos depressa se desfizeram diante da cara de poucos amigos de Tallis.

Georgina datilografou a última carta e preparou-se para ir embora. Não sabia quando ia ver Tallis outra vez. Ele não se ofereceu para levá-la para jantar como fizera da outra vez que trabalharam até tarde. Não havia meio de comunicação aberto entre eles.

— Espero vê-lo em breve — disse Georgina à Tallis, de despedida.

— Vou levá-la para casa.

— Não há necessidade.

— Pegue o casaco — era uma ordem com tom de ponto final.

O trajeto foi feito no mais absoluto silêncio. Colocando de lado seus sentimentos e mágoas, Georgina ia pensando no que dizer a Tallis na despedida para não se trair.

Quando parou o carro, Tallis, como sempre fazia, desceu e parou na calçada em frente ao prédio.

— Faça uma boa viagem — foram os votos de Georgina.

Em seguida, virou-se para entrar, mas Tallis, segurando-a pelos braços, virou-a em sua direção e, olhando-a firmemente, disse:

— Não se esqueça de que você é minha noiva. Lembre-se exatamente por que você ficou noiva. E, quando seus sentimentos pelo marido de minha prima vierem à tona, pense que, se você for encontrá-lo, uma vez que seja, então o futuro que você quer para seu irmão não passará de projeto.

Terminando, Tallis soltou-lhe os braços e entrou no carro, que se pôs em movimento antes mesmo que Georgina fechasse a porta da frente do prédio. Já no apartamento, toda sua tensão explodiu, e Georgina chorou, chorou até não poder mais. Então, foi ao banheiro e lavou o rosto. O que mais desejava naquela momento era odiar Tallis. Georgina recomeçou a chorar, desta vez lágrimas tristes e sentidas, lágrimas de amor!

CAPÍTULO IX

Na manhã seguinte, um pouco mais calma, Georgina pôde pensar em Tallis sem chorar. Lembrou-se de suas palavras na despedida e teve a certeza de que, se tivesse qualquer encontro com Desmond, não apenas Josh perderia a bolsa de estudos, como ela também estaria fora do emprego. Bem, como não queria fazer coisa alguma que pudesse prejudicar Josh, tinha sorte por Desmond ter entendido

que as horas de compreensão que dividiam eram coisas do passado. Não, ela não queria ouvir falar de Desmond outra vez.

Mas o que Georgina não sabia era que estava muito enganada em suas conclusões. Fazia dois dias que Tallis estava fora. Georgina, mais tranqüila, sentia uma grande paz de espírito, quando o telefone de seu apartamento tocou. Era Desmond, tão solitário como ela própria.

— Soube que Tallis está nos Estados Unidos e pensei que você, em sua solidão, gostaria de ouvir uma outra voz.

Depois dessa chamada, Desmond ligou muitas outras vezes. Ligava sempre depois das nove horas, quando a monotonia das longas noites de solidão tinham de ser divididas com alguém.

Muitas vezes Georgina pensou em dizer a Desmond que não ligasse mais, porém, como ambos estavam se beneficiando, a conversa terminava e ela nada dizia. Na verdade, ela queria se convencer de que não estava vendo Desmond, como Tallis recomendara.

Decorridas duas semanas sem Tallis, Georgina, fragilizada pela saudade, decidiu que, se Desmond ligasse naquela noite, ela lhe pediria, de uma vez por todas, que não a procurasse mais. Mas, quando logo após as nove horas o telefone tocou, Desmond parecia tão carente que, mais uma vez, Georgina adiou para uma próxima vez a promessa que fizera a si mesma.

No dia seguinte, Georgina recebeu um golpe quando a senhora Fry despontou no escritório, vendendo saúde. Seu emprego temporário estava terminando antes da chegada de Tallis.

A senhora Fry confirmou que estava tão bem quanto aparentava e, para encurtar a conversa, foi logo dizendo:

— O médico falou que posso voltar ao trabalho na hora que eu quiser, mas o sr. York me disse, quando foi me visitar, que eu não precisava ter pressa.

Ao chegar em casa naquela noite, Georgina sentia-se arrasada. A presença da sra. Fry era uma prova de que seus dias na Chersterton estavam contados. Será que, quando voltasse para a Parton, Tallis iria se lembrar dela? Não conteve as lágrimas quando imaginou a resposta.

Desolada diante de um quadro tão duro quanto a sua própria realidade, Georgina pensava que tinha pela frente mais uma longa noite de preocupações, quando ouviu a campainha da porta da entrada. Como estava de jeans e camisa, desceu as escadas, pedindo a Deus que fosse engano, que a visita fosse para qualquer outro morador, pois não estava com disposição para receber ninguém. Abriu a porta e sentiu-se desfalecer. Tinha de ser forte, mostrar fibra; se recompôs, mas sua voz estava longe de parecer normal, quando exclamou:

— Tallis! Que surpresa! Pensei que você ainda estivesse nos Estados Unidos.

— Vai me convidar para entrar?

— Naturalmente — respondeu e deu um passo atrás, abrindo espaço para Tallis entrar. Subiram juntos a escada.

O coração de Georgina estava leve. Sentia-se ridícula por estar tão alegre. Assim que se acomodaram, Tallis disse que acabara de chegar e, como seu tio provavelmente ligaria para ele ainda naquela

noite, resolvera passar por ali para saber se havia alguma coisa importante que ele deveria tomar conhecimento.

— Não, está tudo em ordem. — Georgina sabia que ele estava se referindo ao noivado deles...

— Você não viu Warner enquanto eu estive fora?

Gostaria de se mostrar ofendida com a desconfiança, mas corou por se sentir culpada pelos telefonemas que não soubera impedir. Por associação de idéias, olhou para o relógio. Passava das nove! Hora de Desmond ligar...

— Mal virei as costas, você começou a se encontrar com ele, não é? — As palavras era articuladas com lentidão e saíam da boca de Tallis como se tivessem um peso que agredia.

— Não, é lógico que não. — Enquanto respondia, Georgina ouviu o telefone tocar!

Pensou em não atender, mas achou que Tallis poderia responder caso ela mesma não o fizesse. Dirigiu-se então à mesa do telefone e, dando as costas a Tallis, atendeu, pedindo a Deus que fosse Maggie. Era Desmond. Sem preâmbulos, Georgina disse:

— Tallis está aqui.

Desmond entendeu que tinha ligado em má hora e falou:

— Desculpe-me, Georgina, quer que eu desligue?

— Por favor.

Georgina recolocou o fone no gancho e, ainda rezando, pediu a Deus que, quando se virasse, Tallis não estivesse mais ali. Mas encontrou-o no mesmo lugar, de pé.

— Warner ligou muitas vezes, enquanto estive fora?

— Sim — Georgina confessou e, se desculpando, acrescentou depressa: — Ele está tão só!

— Aposto que sim — falou Tallis de maneira desagradável. — Desde que ficamos noivos, não tem mais você para lhe aquecer a cama, não é?

— Nunca aqueci a cama de Desmond.

— Pois eu não acredito! Você respondeu como uma mulher apaixonada, e não me venha com aquele disparate de "só bons amigos".

Georgina perdeu o controle e sentiu uma agonia inquietante. Naquele momento não se lembrou de Maggie, Nicole, Josh nem de seu emprego. Tirou do dedo aquele anel que tanto amava e, empurrando-o na direção de Tallis, disse:

— É melhor que leve isto com você. — Falava da maneira mais calma que podia. Sabia que era tudo que podia fazer, embora tivesse certeza de que iria sofrer muito por isso.

Georgina viu a expressão de Tallis se transformar diante do anel que lhe era devolvido. Então ele explodiu:

— Guarde este maldito anel! Se você quer que seu irmão receba a bolsa de estudos, use-o!

Como ela poderia arriscar o futuro de Josh? Georgina tinha a sensação de que a sala estava girando quando Talls saía. E mais tarde, naquela mesma noite, quando foi se deitar, pensou em quão generoso Tallis havia sido com ela! Ele tinha motivos suficientes para romper o acordo entre ambos.

Para surpresa de Georgina, desde aquele episódio em seu apartamento, Tallis não andava de mal humor como ela previra. Se Edgar Rankin entrasse naquele escritório a qualquer momento, sem se fazer anunciar, não poderia deixar de perceber que Tallis dispensava a ela, o tempo todo, um tratamento, no mínimo, civilizado. E agora ela, que durante vários dias temera o retorno da sra. Fry, mal podia aguardar a sua volta. Georgina sentiu-se uma perfeita idiota por ter se permitido fantasiar sonhos impossíveis com relação a Tallis.

Para aquele dia estava programada uma reunião de diretoria que deveria levar o dia todo, para grande satisfação de Georgina.

— Onde estão os documentos que lhe pedi? — indagou Tallis, aproximando-se da mesa de Georgina.

Os papéis que já haviam sido separados foram prontamente apresentados a Tallis, que os aguardava com uma certa impaciência.

— Espero que estejam em ordem — observou Georgina, que, para esconder o tremor das mãos, ocultou-as sob as pastas ao entregá-las a Tallis. Então, acidentalmente, seus dedos se tocaram.

— Você mudou, Georgina — disse Tallis, olhando-a com desdém. Ela se preparou para receber a zombaria que veio a seguir: — Houve momentos em que o contato de minhas mãos produziam em você uma reação bem diferente.

"Grosseiro! Esse insensível não há de me ver chorando", pensou Georgina, esforçando-se para se controlar.

— Isso foi antes de saber quão amável você é — ironizou, desesperada.

Atingido pelo sarcasmo, Tallis fez um movimento em direção a Georgina, que, temerosa, esquivou-se com agilidade. Tallis lançou-lhe um último olhar e partiu para sua reunião.

Logo após o almoço, Georgina, mergulhada em seus pensamentos, foi surpreendida por um inesperado sangramento no nariz. Usou todos os lenços de papel que possuía, mas não conseguiu estancar a hemorragia. Preocupada, resolveu procurar um pronto-socorro, na esperança de resolver logo o problema.

No posto de saúde, fizeram-na se deitar, mas, cada vez que levantava a cabeça, o nariz recomeçava a sangrar. Após algum tempo de repouso, depois de ter sido medicada, Georgina recebeu instruções para não voltar mais ao trabalho naquele dia, recomendação que acatou de bom grado, uma vez que se achava muito desgastada e magoada com o procedimento de Tallis.

— Vou sair daqui a dez minutos — disse uma das assistentes. — Se quiser, eu lhe dou uma carona.

Georgina, agradecida, aceitou a oferta. Dez minutos era o tempo de que precisava para voltar ao escritório e pôr em ordem sua mesa, cobrir a máquina e deixar uma mensagem para Tallis, caso ele voltasse da reunião. Sem maiores detalhes, gravou: "Fui para casa".

Uma hora depois de se deitar, Georgina já se sentia melhor. Levantou-se devagar e, andando com cuidado, foi até o banheiro. Olhou-se no espelho e achou que sua aparência não era das melhores. Decidiu, então, voltar para a cama. Depois de mais uma hora de repouso, fez nova consulta ao espelho. Estava melhor! Tomou um banho, vestiu uma calça comprida e camisão. Sentia-se mais confortável!

Suas reflexões foram interrompidas pela campainha da porta de entrada do prédio. Mais por hábito do que por convicção, pensou em Tallis. Não queria que fosse ele. Por aquele dia bastava a cota de mal humor que ele já havia descarregado sobre ela!

Chegando ao térreo, Georgina abriu a porta e viu que seu desejo não fora atendido. Era Tallis quem estava ali, alto e saudável como sempre, com ar severo, olhando seu rosto sem pintura e com a ponta do nariz vermelho.

Sem falar, Georgina abriu passagem para que ele entrasse. Seria perda de tempo bater a porta naquela cara emburrada ou, então, lhe perguntar o que queria. Tallis entraria, com ou sem o seu consentimento.

Em silêncio, subiram para o apartamento. Georgina não tinha intenção de convidá-lo para se sentar. Com um pouco de sorte, ele não ficaria muito tempo.

— Warner entrou em contato com você?

Georgina pressentiu o início de uma nova batalha e fechou a porta antes de responder.

— Não, não entrou.

— Então, Lara?

Lara! Por que Lara entraria em contato com ela?

— A última vez que falei com Lara foi quando ela ligou para você, no escritório.

— Você esteve chorando. Já soube da novidade por alguma outra fonte?

— Não sei do que você está falando... e não estive chorando.

Tallis continuou olhando para Georgina, tentando descobrir, pela sua expressão, se estava falando a verdade.

— Pela sua voz, na gravação, pensei que você estava aborrecida.

O coração de Georgina deu um salto e, para que Tallis não pensasse que era ele o herói da façanha, tratou logo de se explicar:

— Meu nariz estava sangrando. Fui ao pronto-socorro e, depois de medicada, recebi a recomendação de não voltar ao trabalho hoje.

— Então você não sabe — concluiu Tallis, perdendo um pouco de sua agressividade.

— Sabe o quê? — interrogou Georgina.

— Podemos nos sentar? — perguntou Tallis.

Georgina estava preocupada. A sugestão de Tallis dava a entender que ela poderia sofrer um colapso ao saber da notícia... Sentou-se no sofá, e Tallis foi sentar-se a seu lado.

— Edgar Rankin me contou no final da reunião que Lara voltou para Warner — foi o que Tallis revelou, virando-se para melhor observar a reação de Georgina.

— Lara vai... — Não pôde terminar a frase. As lágrimas brotaram em seus olhos ao imaginar a felicidade de Desmond.

Queria saber como tudo tinha acontecido, mas não teve coragem de perguntar, diante da rigidez do semblante de Tallis. Mas se consolou pensando que por detrás daquela carranca, com certeza, havia um pouco de simpatia e muita solidariedade pelo que ela estava sentindo naquele momento.

— Acredito que Lara queria voltar para Warner há tempos. Lembro-me de lhe ter dito que conhecia Lara muito bem, e eu a conheço. Acho que, acostumada a fazer o que queria com Warner,

acabou se fixando naquela idéia tola, insistindo para que ele fechasse seu negócio para ir trabalhar na Chesterton.

Quando Tallis começou a falar, Georgina baixou os olhos, tentando esconder as lágrimas, abriu-os quando sentiu a mão de Tallis sobre a sua. Ela viu que aquele olhar simpático continuava em seus olhos. Queria retirar a mão, mas não sentiu forças.

— Você tem de encarar a verdade, Georgina. Warner está apaixonado pela esposa.

— Você... você disse que Lara desejava há tempos voltar para ele? — Queria aparentar firmeza, mas, na verdade, não sentia nada além da carícia de Tallis em sua mão.

— Lara estava desesperada para encontrar uma maneira de voltar sem perder sua credibilidade.

— E ela encontrou essa maneira? Voltou para ele sem exigir que feche sua firma?

— É isso que estou dizendo — fez uma pausa e exclamou: — Que inferno, não sei como dourar a pílula. — Respirou fundo e falou de um fôlego só: — Lara está grávida.

— Ah! — Georgina exclamou, surpresa, pois nunca havia pensado nessa possibilidade.

— Lara pode ser muitas coisas, Georgina, mas não é uma adúltera.

Com isso, Tallis queria deixar claro que o filho era de Desmond. Georgina não tinha por que duvidar, mas Tallis, que com certeza esperava vê-la chorando e compungida, esforçou-se para tornar o assunto mais claro.

— Entendeu o que eu disse? Lara está grávida do próprio marido.

— Desmond vai ser pai... — completou Georgina com serenidade.

— Entendeu que ele não lhe foi fiel? Que enquanto vocês ainda eram amantes ele estava...

— Dormindo com a esposa? Sim, sabia. Ele me disse...

— Ele disse a você?

— Não disse com muitos detalhes, mas eu sabia.

— E você não o abandonou! — exclamou Tallis, começando a elevar a voz. A explosão que parecia iminente não tardou a acontecer. — Mas que diabo de relação você mantinha com ele? — Tallis estava quase gritando, à beira de uma agressão.

— Já lhe disse, Desmond e eu éramos amigos.

— Amigos, porém, amantes — proferiu com violência, ao mesmo tempo que soltava a mão de Georgina. — Bem, acho que posso lhe garantir que seu caso com Warner acabou.

— Desmond e eu nunca fomos amantes.

— Por que está mentindo? Nós dois sabemos que você é apaixonada por ele. Mesmo gostando tanto de Josh, no momento em que viajei, você, em princípio, quebrou nosso acordo, porque foi incapaz de esquecê-lo. Além disso, tenho outra prova; o dia em que tive nos braços uma mulher ardente... Esqueceu-se, Georgina? Você estava para se entregar a mim quando se lembrou de Warner... — Falava num tem que lembrava ameaça.

Tallis estava enveredando por um caminho perigoso, e Georgina achava melhor não ir adiante. Num relance, viu em seu dedo o lindo anel de noivado. Com Lara e Desmond juntos outra vez, Georgina pensou que Tallis poderia ser dispensado desse ato de representação

e, como que quebrando um dos elos que os unia, tirou e entregou-lhe o anel, dizendo:

— É melhor ficar com isso, seu tio não vai mais incomodá-lo por minha causa.

Tallis ignorou sua mão estendida com o anel. Ele queria falar até esgotar o assunto que o atormentava.

— Você estava para se entregar a mim — repetiu, e aí seus olhos se estreitaram, como se estivessem visualizando uma retrospectiva. — Warner foi o primeiro? Foi ele quem a fez mulher? É por essa razão que se sente presa a ele? É por essa razão que não há espaço para ninguém mais em sua vida?

— Não! — Georgina gritou.

Não queria mais ouvi-lo. Desmond nunca havia tocado nela; ninguém a tocara até então, mas Georgina não queria que o sofisticado Tallis York descobrisse isso e fizesse um estardalhaço em cima do assunto. As outras perguntas, porém, continuavam a martelar em sua mente.

— O que você quer dizer com "Não há espaço para ninguém mais"? — De repente, pareceu-lhe que Tallis estava insinuando que desejava ter um caso com ela.

Então não se conteve mais:

— Se você está sugerindo que gostaria de tomar o lugar de Desmond, pode esquecer o assunto.

— Para o inferno! — Tallis blasfemou furiosamente. — Não quero ser seu amante temporário, eu...

— Tudo bem, então! Mas tive a impressão de que queria. — Georgina tratou de abafar logo o assunto, pois Tallis estava tão furioso que ela teve medo de ser agredida.

— Você não pode parar de pensar em casos passados?

— Eu o quê? — Georgina estava atônita. — É você quem está sempre batendo nessa mesma tecla, desde o momento em que o conheci. Você não deixou passar uma única oportunidade sem investigar o que supunha existir entre mim e Desmond!

— Você continua insistindo que foram só bons amigos? Bons amigos ou não, Warner está preso a você por mais do que uma amizade. Você me desejava tanto quanto eu a desejava, porém ele estava entre nós, não é verdade?

De um pulo, Georgina ficou de pé; estava muito agitada para ficar sentada. Ele não desistiria até conseguir arrancar sua alma.

— Desmond não teve nada a ver com o que se passou.

— Desmond não teve nada a ver com o que se passou. — Tallis arremedou-a. — Não, de jeito nenhum!

— Não teve! — ela gritou, sem saber o que fazer para convencê-lo. — Desmond tem vivido numa terrível solidão, aguardando a volta de Lara...

— Você sabia que a esposa ia voltar para ele?

— Não, não parecia provável. Eu apenas desejava que isso acontecesse.

— Ainda assim você quase chorou quando lhe contei que ela havia voltado.

— Apenas porque fiquei feliz por Desmond. Ultimamente ele mostrava sinais de estresse, de exaustão mental. Tive medo de que ele enlouquecesse.

De súbito, ambos se acalmaram e, pelo menos, pareciam mais razoáveis.

— Você quer dizer que sempre saiu com ele para amenizar sua solidão? — Havia uma ponta de cinismo naquela pergunta.

— Meu pai ficou sozinho quando minha mãe nos abandonou. Ele estava desesperadamente só quando Maggie e as crianças chegaram. Quando encontrei Desmond, em junho...

— Em Junho? — Tallis interrompeu-a — Lara deixou Warner em março.

— Não importa o que Lara lhe tenha dito, mas a verdade é que ela não deixou Desmond por minha causa.

Georgina não esperava que Tallis acreditasse nela, mas, pela sua expressão, parecia que ele conhecia Lara muito bem para saber que ela podia ter torcido um pouco a verdade.

— Continue. Você estava dizendo que conheceu Warner em junho e, por causa das lembranças da solidão de seu pai, você começou a sair com ele.

— Eu o rejeitei quando me disse que era casado. Mas, como lhe disse, lembrei-me da solidão de meu pai e, desde... — De repente, percebeu que estava lhe contando muito mais do que pretendia.

— Desde o que, Georgina? — Tallis quis saber. Estendeu a mão e puxou-a para seu lado, no sofá. — Desde o quê?

— Bem, se você quer saber... — continuou, porém sentindo-se agitada e um tanto quanto inquieta por sentir Tallis tão perto. — Por

causa de Josh, eu achei que não podia me dar ao luxo de manter um relacionamento; não podia me apaixonar porque...

— Mas se apaixonou por Warner!

— Não, não me apaixonei. Sabia desde o começo que ele amava a esposa. Desmond somente disse à esposa que eu estava apaixonada por ele porque Lara o havia espicaçado, fazendo-o perder o controle. Porém, na primeira oportunidade, contou-me o sucedido e pediu-me desculpas por ter falado por mim, sem que eu soubesse.

— Continue. Você disse que sabia que Warner era apaixonado pela esposa.

— Sim. Desmond, apaixonado por Lara e precisando de companhia, e eu, não querendo me apaixonar por ninguém até que Josh e Nicole completassem seus estudos, formávamos um belo par de bons e desinteressados amigos, livres de qualquer compromisso.

Ao terminar, Georgina olhou para Tallis, e nada em seu rosto revelava que o tivesse convencido. E, quando em seguida ele falou, Georgina percebeu que ele estava cético sobre tudo o que lhe confiara. Naquele instante, o que mais queria era que ele fosse embora e a deixasse em paz.

— Georgina, por favor, me explique. Se bem entendi, você não estava apaixonada por Warner e, também, nunca foi para a cama com ele, então, em nome de Deus, por que ele estava na sua porta, lhe dando adeus de manhã bem cedo?

— Parece um conto. Você acreditaria se eu lhe dissesse que Desmond havia esquecido a pasta em meu apartamento quando saímos para jantar na noite anterior? Pois bem, como ele precisava

daqueles documentos para o expediente da manhã, telefonou-me e passou para apanhá-los.

O silencio que se fez a seguir era frio e pesado. Georgina não teve coragem de olhar para Tallis; tinha a impressão de que a qualquer momento ele daria uma gargalhada.

Mas Tallis não deu gargalhada alguma. Nem riu. E Georgina sentiu vontade de chorar quando o ouviu dizendo, devagar, como que se censurando:

— Fui tremendamente bruto e injusto com você, Georgina!

Emocionada, ela virou a cabeça para que Tallis não a visse chorar. Para um homem como ele, isso valia como uma confissão, confissão de que acreditava nela. Mas ficara no ar uma dúvida que Tallis não podia esquecer.

— Se você e Warner eram só amigos, o que a impediu de ser minha?

Um leve rubor tingiu a face de Georgina. Ali estava uma pergunta que ela não podia responder. E, para mudar de assunto, fez outra pergunta a Tallis:

— Por que você estava passando tão cedo à minha porta, naquela manhã?

— Àquela altura, eu não sabia. Agora sei. Eu estava tentando me convencer de que seria bom mudar o caminho para o escritório, a fim de ver novos cenários...

— Foi mesmo apenas pela mudança de cenário?

— Não, minha querida. No nosso primeiro encontro, quando lhe disse que entraria em contato com você outra vez, não sabia por que fizera tal promessa, não tinha intenção, ou achava que não tinha.

Mas, naquela mesma noite, no jantar, senti que meu interesse por você havia crescido.

— Você estava interessado em mim ou interessado em saber se era eu quem estava arruinando o casamento de Lara?

— Eu quis acreditar o tempo todo que o motivo era esse — confessou Tallis, enquanto segurava a mão de Georgina. — Mas, no dia seguinte, quando com facilidade eu poderia escolher uma de nossas secretárias para substituir a sra. Fry, nenhuma delas parecia me servir.

Georgina tentou dizer alguma coisa, mas parecia uma adolescente envergonhada, e não encontrou o que falar.

— E então — prosseguiu Tallis —, quando eu estava certo de que você mentia para mim sobre seu relacionamento com Warner, percebi que queria tanto acreditar em você que cheguei mesmo a acreditar, por um breve período de tempo.

— Você acreditou? — A voz de Georgina parecia estranha, soava diferente.

— Eu vivia um inferno, sentindo ciúme toda vez que pensava em você e Warner.

— Mas não estou apaixonada por ele.

— Sim, agora acredito nisso. Posso lhe dizer que foi um alívio, mas... — Pela primeira vez, Tallis York mostrava-se inseguro, escolhendo as palavras com cuidado, como se sua vida dependesse delas. Era um novo homem que Georgina tinha diante de si. — Há a possibilidade de você se apaixonar por outra pessoa?

— Em quem, exatamente, você está pensando? — Georgina, curiosa, quis saber.

— Estou pensando em mim. Eu não toleraria que você se apaixonasse por outra pessoa que não fosse eu.

Georgina ainda não se sentia segura. Em dúvida, perguntou:

— E por que eu me apaixonaria por você?

— Só Deus sabe. Eu lhe dei bem poucos motivos para esperar que você me ame.

— Você está tentando me dizer... você quer dizer que me ama?

— É exatamente isso que estou dizendo há dez minutos.

— Tallis! Tallis, eu o amo tanto!

Radiante de felicidade, Georgina abraçou-o e, procurando seus lábios, beijou-o com ternura. Tallis, já no controle da situação, alertou-a:

— Eu lhe avisei, Georgina, para não fazer isso outra vez, a menos que estivesse pronta para arcar com as conseqüências...

Não houve tempo para respostas e considerações. Nada mais no mundo poderia detê-los. Era como se os beijos que trocavam fossem mágicos. Nada mais existia além de Georgina e Tallis.

Tallis deitou-a no sofá e cobriu seu rosto de beijos, que eram recebidos com naturalidade, sem nenhuma inibição.

— Minha querida — Tallis murmurava junto ao ouvido de Georgina, excitando-a com o ardor de suas carícias.

Em seus braços, ela se sentia no paraíso. Carinhoso, Tallis expunha seu amor e a necessidade que sentia da presença de Georgina junto a si. Apaixonado, falava do quanto sofrera por ela, e ouvia de Georgina o quanto a incerteza de seus sentimentos a deixara magoada.

— Enquanto eu viver, você nunca mais sofrerá por minha causa, minha querida.

Então, fez-se silêncio. Na necessidade que um sentia do outro, seus corpos se uniram ainda mais.

E foi apenas quando ela sentiu o calor das mãos de Tallis sobre a pele que Georgina saiu do estado de euforia.

Crescia sua ansiedade com a perspectiva de que Tallis pudesse rir dela, se descobrisse seu segredo.

Sentindo os braços de Georgina se afrouxarem ao seu redor, Tallis, que ardentemente beijava a curva de seus seios, levantou a cabeça e, com olhos brilhantes de desejo, perguntou-lhe num sussurro:

— Algo errado, querida?

— Podemos nos sentar um pouco? — perguntou Georgina hesitante, com o rosto em fogo.

— Você me ama? — Tallis perguntou, embaraçado.

— Sim, Tallis, sim, sim, sim! — Trêmula, Georgina sentia um medo terrível de que ele não a desejasse mais.

Tallis forçou um sorriso para sossegá-la e, em tom jocoso, falou:

— Já que você me ama, tudo bem, vamos nos sentar.

Georgina sabia que ia ter de explicar o porquê daquela interrupção, mas não sentia coragem, não sabia como dizer...

Percebendo a ansiedade de Georgina, Tallis, com naturalidade, abotoou sua blusa e sentou-se a seu lado, passando o braço sobre seus ombros.

— Preocupada com alguma coisa, Georgina? — Vendo que ela apenas conseguia acenar com a cabeça, Tallis procurou encorajá-la. — Vamos, meu amor! Nós nos amamos, o que mais pode importar?

Mais calma, Georgina começou a falar:

— Sabe quando... quando nos beijamos pela primeira vez? Bem, você pensou que eu não queria por causa de... Bem, não tinha nada a ver com ninguém, mas comigo mesma.

— Com você? — Tallis perguntou, incrédulo.

— Sim, bem... Tallis não vou suportar se você rir de mim.

— Rir de você, querida? — repetiu, procurando disfarçar sua curiosidade. — E por que eu faria isso?

— Porque... — Georgina estava a ponto de chorar. — Porque se tivéssemos... se eu não... se continuássemos, você descobriria...

— Descobriria o quê? — Tallis incentivou-a a falar.

— Estou com vinte e seis anos, como você sabe — Georgina estava ruborizada. — Vivo na cidade e em meu próprio apartamento. Nunca tive dificuldades financeiras que me impedissem de namorar ou sair quando bem quisesse. E... e sei que na minha idade... seria natural que eu... mas nunca... — fez uma pausa, deu um suspiro profundo e completou: — Tallis, estou com vinte e seis anos e... ainda sou... virgem.

Terminou de falar e escondeu o rosto no ombro de Tallis. Sentia-se miserável, infantil, e podia sentir as lágrimas que afloravam em seus olhos.

Mas suas lágrimas não tinham razão de ser. Com carinho, Tallis foi lentamente afastando-a de si, sem contudo deixar de abraçá-la. Georgina não se atrevia a erguer os olhos, mas, quando o fez, viu que

Tallis não estava rindo. Havia deslumbramento em seu rosto. Era como se o que lhe dissera, em vez de fazê-lo rir, o tivesse tocado de tal forma que ele parecia extasiado.

— Você não riu...

— Minha querida Georgina, minha preciosa menina, você não sabe que está me oferecendo o mais precioso dos bens? Deixe-me beijá-la.

Foi um beijo sem paixão, um beijo que mostrava que o amor que Tallis sentia por ela era puro e verdadeiro. Num ímpeto, Tallis afastou-a de si.

— Minha Georgina — Tallis falava com suavidade —, amo você de todo meu coração. Mas, diante do que você acaba de me contar, acho que devemos colocar o anel de noivado novamente em seu dedo e, amanhã de manhã, a primeira coisa a fazer será tratar de arranjar a minha aliança.

Georgina estava imensamente feliz. Tallis não rira dela. Ele a amava e a queria como esposa. O anel de noivado tinha caído entre as almofadas do sofá, e Tallis, ainda com olhar de adoração, recuperou-o para colocá-lo no dedo de Georgina.

— Acho — disse Tallis, com as decisões já tomadas — que é melhor telefonarmos para Maggie e prevenir sua família que esperamos vê-los em nosso casamento, em Kenilworth, antes do fim do mês. Você está de acordo?

Georgina virou-se para olhar Tallis, e alguma coisa lhe dizia que ele não tornaria a beijá-la da maneira como a beijara há pouco até que estivessem casados. Então respondeu:

— Quanto mais cedo, melhor — Georgina falou e riu, porque sabia que Tallis captara sua mensagem.

— Menina sapeca! — brincou, enquanto lhe dava um beijo suave na ponta do nariz. Em seguida estendeu o braço, pegou o telefone, passou-o para Georgina e disse: — Disque!

Fim